

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CULTURA E TERRITORIALIDADES

EM TERRAS DE GENTE PRETA SE COLHEM IMAGENS:
Acervos Fotográficos de Famílias Negras Rurais (Timbaúva/RS)

ILIRIANA FONTOURA RODRIGUES

NITERÓI
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CULTURA E TERRITORIALIDADES

EM TERRAS DE GENTE PRETA SE COLHEM IMAGENS:
Acervos Fotográficos de Famílias Negras Rurais (Timbaúva/RS)

ILIRIANA FONTOURA RODRIGUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal
Fluminense, como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestra em Cultura e Territorialidades.
Linha de Pesquisa: Fronteiras e Produções de Sentido
Orientadora: Prof. Dra. Janaína Damaceno Gomes

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Janaína Damaceno (Orientadora)

Prof. Dr. Alexandre Araújo Bispo (ASA/ USP)

Prof. Dra. Fernanda Oliveira da Silva (UFRGS)

Prof. Dra. Ana Paula Alves Ribeiro (UFF/UERJ)

NITERÓI
2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R696t Rodrigues, Iliriana Pontoura
EM TERRAS DE GENTE PRETA SE COLHEM IMAGENS : : Acervos
Fotográficos de Famílias Negras Rurais (Timbaúva/RS) /
Iliriana Pontoura Rodrigues. - 2021.
109 f. : il.

Orientador: Janaína Damaceno Gomes.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2021.

1. Acervos Fotográficos Negros. 2. Famílias Negras Rurais.
3. Memória. 4. Pós-abolição. 5. Produção intelectual. I.
Damaceno Gomes, Janaína, orientadora. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social.
III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Irmão, axé! Olhe o sol de frente. **Levante a cabeça** meu irmão.

Axé

(Dia de Graça - Candeia)

AGRADECIMENTOS

As pessoas que tenho o enorme prazer em agradecer aqui são aquelas que me seguraram e me apoiaram durante o processo de escrita desta dissertação. Que me vigiaram com muita paciência, aconselharam de maneira firme e generosa em muitos momentos. Só tenho a agradecer.

Em 2018, durante o processo de seleção para o presente mestrado, estava em depressão. Tenho consciência de que esta aprovação me possibilitou uma nova e importante caminhada. Desta forma, celebrar e concluir este ciclo é algo significativo em minha trajetória. Agradeço ao João Quaresma e à Sil Bahia, amigos queridos que leram o projeto de pesquisa inscrito para a seleção e me deram importantes dicas tanto no que se refere às etapas do processo seletivo quanto na escrita do projeto. Agradeço à Lívia Vidal que me acolheu no bairro de São Cristóvão, Zona Norte carioca, durante a seleção para o PPCult. Lívia foi a primeira pessoa a celebrar comigo a aprovação.

Viver na cidade do Rio de Janeiro durante o Mestrado foi uma experiência única. Na verdade, só voltei para o Rio Grande do Sul por conta da pandemia mesmo, porque a ideia não era essa. Não sei descrever o Rio, porque de fato o Rio se sente (e esse sentir amplo, profundo e potente mesmo), mas sei que vivi e experienciei tudo que desejei experienciar de maneira intensa e libertadora sob muitos aspectos. O Rio me curou e me abraçou. Adoro a Tijuca, perto da Mangueira, perto do Museu Nacional, perto da praia (sim, para uma pessoa que nasceu na Serra Gaúcha, um metrô e 30 minutos depois você estar de frente para o mar é algo louvável!), do centro, da Zona Oeste e Zona Sul. Só sei que vivi!

São muitos os amigos que tenho para agradecer e que sorte. Desta forma: agradeço a família que me abraçou e recebeu de mala e cuia na chegada, meus irmãos de toda a vida, grandes parceiros de caminhada: Diana Kolker e Rafa Éis, e o pequeno Vicente. Quero também agradecer à Paula Bianca Bianchi, também amiga de longa data que durante muitos momentos foi amparo para as mais diversas situações cariocas. Leilane Reis, amiga querida que foi e tem sido fundamental na trajetória desta pesquisa e na vida. Amo vocês e é simples assim.

Aos amigos de mestrado: Antônio Carlos Mariano, Fabiana Pereira, Isabelly Brasil e Mona Lima. Mariano é parceiro de conversas longas; Fabi, que bom que caminhamos juntas em nossas agruras desta pandemia, partilhar as inquietações contigo neste período foi muito importante. Isabelly e Mona, é caso sério porque a nossa amizade teve de tudo um pouco e muito! Uma paraense, uma piauiense e uma gaúcha. Agradeço demais a vocês gurias, foi cada história que só a gente mesmo. Já que estamos nas relações proporcionadas pela Universidade, meu abraço apertado e afetuoso para Juliane Nunes, Zwanga Nyack e Caio Maia, do PPGAS/Museu Nacional. Certamente, o semestre compartilhado com vocês na UFRJ foi um dos mais importantes na minha trajetória acadêmica.

Agradeço as trocas e o acolhimento dos colegas do Grupo de Pesquisas Afrovisualidades: Estéticas e Políticas da Imagem Negra, coordenado pela professora Janaína Damaceno. Logo no início do curso frequentar a Faculdade de Educação da UERJ na Baixada Fluminense me proporcionou inúmeras trocas e aprendizados com acadêmicas negras da máxima potência. Maria Clara, nós nos chamamos de madrinha e afilhada, mas a verdade é que você é um espelho para mim! Você é incrível!

A pesquisa de mestrado possibilitou momentos muito potentes de trocas e aprendizados.

Desta forma, agradeço a cada amigüe que me acolheu, com pousos e assistências nas diversas viagens que foram possibilitadas pela pesquisa, em Congressos, Seminários e Grupos de Estudos. Em Buenos Aires/Argentina agradeço à Ana Lúcia Araújo, pela acolhida calorosa apesar do frio na capital portenha. Em Brasília, agradeço à professora Ana Flávia Magalhães Pinto que me recebeu tarde da noite em sua casa. Em Madrid/Espanha, agradeço à professora Gabriela de Lima Grecco que não só possibilitou esta viagem e o período em que fui pesquisadora visitante da Universidad Autónoma de Madrid, como também novos caminhos na trajetória acadêmica. Também na Espanha, agora na cidade de Valência, a querida amiga venezuelana Darlis que pude reencontrar depois de nossos estudos na EICTV/Cuba. Valencia me possibilitou um estado de felicidade e liberdade que jamais imaginei sentir. Conhecer o Mar Mediterrâneo pela primeira vez fez com que meus olhos fossem olhos d'água sem precisar explicar porquê, já que do outro lado está, tão próximo, o Continente Africano. *You were only waiting for this moment to arise. Blackbird, fly, blackbird, fly.*

Em terras ao sul do Brasil, agradeço ao Coletivo Atinuké - Sobre o Pensamento de Mulheres Negras, idealizado, em 2016, por Fernanda Oliveira, Giane Vargas e Nina Fola, agradeço também o coletivo como um todo.

Agradeço aos familiares, pela paciência ao longo desta pesquisa, pela generosidade do acolhimento, das conversas e trocas. Aos meus pais, Jorge Antonio Rodrigues, Gilda Maria Fontoura Rodrigues, meus irmãos Éverton e Ramiro. Em Timbaúva e Santa Maria, agradeço a: Elenita Fontoura Paulo, Nilton de Jesus Fontoura Paulo, Marina Ivone Fontoura Xavier. Obrigada por tudo, meus pais e mães estendidos, aqueles que cuidam de todos nós e são nossa base, tronco forte. Meus primos e primas, que ajudaram inúmeras vezes oferecendo pouso, comida, indo buscar documentação na tia Naura quando não podia e simplesmente por estarmos juntos nesta existência, neste período e nesta família: Elenir Fontoura Paulo, Leonarda Fontoura Paulo, Ricardo Antenor Fontoura Paulo, Heitor Fontoura Paulo, Luiz Eduardo Paulo Silveira, Vinicius Xavier, Maurício Alves Fontoura, Christian Paulo, Henrique Paulo, Erenice Fontoura, Cristina Fontoura, Vitor Fontoura Xavier.

Agradeço profundamente à Anaurelina Soares do Nascimento, tia Naura, pelas conversas centrais na trajetória desta pesquisa e, principalmente, por me permitir acessar as imagens guardadas em seu roupeiro. Agradeço pela paciência, pela confiança, pelos ensinamentos. Ao núcleo familiar Soares do Nascimento: Helena Soares do Nascimento, Joça

Soares, sua esposa e o pequeno Gabriel. Carmem Soares do Nascimento, Jorge Azambuja, Kassiele Nascimento Azambuja. Agradeço à Taís Bravo, revisora desta dissertação.

Agradeço a minha amada orientadora Janaína Damaceno pela possibilidade de imersão na pesquisa acadêmica de uma maneira fluida. Antes das orientações estava muito fixa nas teorias, querendo “encaixar” o que via em campo com o que estava nos livros. Desta forma as imagens seriam apenas anexos, vejam só! Jana possibilitou a base para o experimentar, e vivenciar, sem respostas concretas, mas com muitas possibilidades de perguntas, questionamentos, revisões, abrindo espaço para acertos e também equívocos. Agradeço pelos suportes para viagens, pelos livros, pelo acolhimento afetuoso em muitos momentos complicados em que realmente só queria desistir. O encontro com o grupo de pesquisa do Prof. Valter Silvério, na UFSCar certamente foi dos acontecimentos mais importantes nesta caminhada, sou grata!

Esta pesquisa foi financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Profissional de Nível Superior). Num momento de desmonte da ciência brasileira, de cortes e de falta de incentivo à carreira acadêmica, ter uma bolsa de estudos foi fundamental para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Que possamos muito em breve caminhar em direção oposta ao momento atual, de revisão dos valores das bolsas de mestrado e doutorado e não de mais cortes. Vão continuar mudando a linha de chegada?

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir a respeito de três acervos fotográficos e documentais construídos desde as primeiras décadas do século XX até a atualidade, por gerações de mulheres e homens negros pertencentes à Família Soares que se ramifica em Família Soares Fontoura e Família Soares do Nascimento. Guardados em caixas, sacolas, pastas e guarda roupas, tais acervos se constituem em um importante material acerca do cotidiano do trabalho, das celebrações, andanças e relações entre os familiares e a comunidade, inseridos em um contexto rural, entre as comunidades de Timbaúva e Estância do Meio, próximas a Formigueiro na região central do Estado do Rio Grande do Sul. A partir destas imagens podemos traçar narrativas pessoais e coletivas de sujeitos negros e negras que ao longo de suas existências deixaram memórias, criaram imagens e legaram existências num cotidiano marcado pelo trabalho rural e vinculado às terras herdadas de seus antepassados escravizados. Tais acervos se encontram atualmente sob responsabilidade de três mulheres de duas gerações da família: a mais velha, Anaurelina Soares do Nascimento, Elenita Fontoura Paulo e Gilda Maria Fontoura Rodrigues, filhas de Geni Soares Fontoura, uma das personagens centrais desta pesquisa. Desta forma, desejamos também contribuir para a reflexão sobre a importância da preservação de acervos pessoais, bem como, para o campo dos estudos sobre fotografias, formas de auto-inscrição e famílias negras a partir de suas formas de viver e existir no sul do Brasil. Para tanto, este trabalho se insere no campo dos estudos históricos do pós-abolição e nos estudos de cultura visual.

PALAVRAS-CHAVE: Acervos Fotográficos Negros. Famílias Negras Rurais. Memória. Territórios Negros. Pós-abolição.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar acerca de tres acervos fotográficos y documentales construidos desde los primeros decenios del siglo XX hasta la actualidad, por generaciones de mujeres y hombres negros de la Família Soares, raíces que siguen por las Famílias Soares Fontoura e Soares do Nascimento. Guardado en cajas, maletas y roperos estos acervos constituyen importante material acerca del cotidiano de trabajo, los festejos, los caminos y relaciones entre los familiares y la comunidad, ubicados en lo rural, entre las comunidades de Timbaúva y Estância do Meio, cercanas a Formigueiro en la región central del Estado de Rio Grande del Sur. Desde estas imágenes se pueden dibujar narrativas personales y colectivas de sujetos negros y negras que al largo de sus existencias han dejado memorias, creado imágenes y sembraron existencias adentro de un cotidiano marcado por el trabajo rural y conectado a las tierras heredadas de sus ancestros esclavizados. Estos acervos actualmente se encuentran sob responsabilidad de tres mujeres de dos generaciones de la familia. La mayor, Anaurelina Soares do Nascimento y las hermanas Elenita Fontoura Paulo y Gilda Maria Fontoura Rodrigues. De esta manera, deseamos también contribuir a las reflexiones acerca de la importancia de preservar acervos personales, así mismo, para los estudios sobre fotografías, formas de auto-inscripción y familias negras desde sus formas de vivir y existir en el sur de Brasil. Es así que este trabajo se inscribe en los estudios históricos del post-abolición y de la cultura visual.

PALABRAS CLAVE: Acervos Fotográficos Negros. Famílias Negras Rurales. Memória. Territórios Negros. Post -abolición.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1:** “Gueira aceitar a lembrança de tua irmã Geni”. Da esq. para dir.: Eládio Soares Fontoura, Geni Soares Fontoura, Elenita Fontoura Paulo (bebê no colo) e Nilton de Jesus Soares Fontoura. Ano: 1952. Local: Casa da parteira Iracema. Fotógrafo desconhecido. Acervo Anaurelina Soares do Nascimento (ASN).....p.12
- Imagem 2:** verso da fotografia “Gueira aceitar a lembrança de tua irmã Geni”.p.14
- Imagem 3:** Retrato de Família. Autoria: Chichico Alkmim. Sem data. Local: Ateliê de Chichico Alkmim, Diamantina/MG. Acervo: Instituto Moreira Salles.....p.20
- Imagem 4:** Recortes e similaridades das personagens de *Gueira Aceitar a Lembrança de Tua Irmã Geni* e *Retratos de Família*. Acervos ASN e Instituto Moreira Salles.....p.22
- Imagem 5:** Da esquerda para direita, em pé: João Florêncio Soares, Geni Soares Fontoura, Fernando Soares, Eva Soares, Francisca Gonçalves de Souza, Jorge Antonio Rodrigues. Agachadas: Zoemi, Doroti Farias Soares e Márcia Soares. Fotógrafo: Mário Ermínio Soares Fontoura. Acervo Elenita Fontoura Paulo (EFP). Local: casa de Francisca Soares em Estância do Meio.)p. 25
- Imagem 6:** Márcia Soares, Jorge Antonio Rodrigues, Doroti Farias Soares. Acervo Gilda Maria Fontoura Rodrigues. Casa de Francisca Soares em Estância do Meio. Fotógrafo: Mário Ermínio Soares Fontoura.p.28
- Imagem 7:** Genealogia Soares Fontoura e Soares Nascimentop. 35
- Imagem 8:** Gilda Maria Soares Fontoura e Antenor dos Santos Fontoura. Local: Terras da Família Soares Fontoura em Timbaúva. Acervo Gilda Maria Fontoura Rodrigues (GFR) p.37
- Imagem 9:** Mário Ermínio Soares Fontoura. Acervo GFR. Fotógrafo desconhecido. Ano desconhecido. Terras da Famílias Soares Fontoura.p.41
- Imagem 10:** Gilda Maria Fontoura Rodrigues aponta para onde ficava a casa e o famoso pé de caqui como até hoje a antiga morada é referida. Local: Timbaúva. Ano: 2020. Imagem da autora.....p. 47
- Imagem 11:** A última e atual morada dos Soares Fontoura a partir da perspectiva do terreno do “pé de caqui”. Local: Timbaúva. Ano: 2020. Imagem da autora.p.48
- Imagem 12:** Antenor dos Santos Fontoura, Marina Ivone Fontoura, Natália Baldoni Schirmann, Nei ou Nair, Elenita Fontoura Paulo, Osmar Paulo. As crianças: Leonarda Fontoura Paulo e Elenir Fontoura Paulo.p.49
- Imagem 13:** Fotografia de Elenir, Luiz, Marina Ivone, Helena, Edson, Jorge (em pé). Jocinha, Gabriel, Elenita, Anaurelina, Gilda (sentados). Imagem da autora. 2020.p.51
- Imagem 14:** Anaurelina Soares do Nascimento. Local: casa de Tia Naura em Timbaúva. Imagens da autora. Rodrigues. Ano: 2019.....p.56
- Imagens 15 e 16:** Os dois álbuns de fotos de Tia Naura, a sacola e o envelope com os documentos. Local: terreno de Tia Naura em Timbaúva. Fotografia tirada pela autora.

- Ano: 2020.....p.58**
- Imagens 17-22: Helena Soares do Nascimento, Anaurelina Soares do Nascimento. Joça Soares do Nascimento. Frankilin do Nascimento. Gabriel Soares. Imagens da autora. Casa de Anaurelina Soares do Nascimento. Verão de 2020.p. 61**
- Imagem 23: Gilda Maria Soares Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido. Local: Santa Maria.....p.64**
- Imagem 24: Fotografia “Lembrança Escolar Gilda e Elenita”. Acervo EFP. Fotógrafo desconhecido. Ano desconhecido.....p. 67**
- Imagens 25-26: Caderno de leitura de imagem Gilda Maria Fontoura Rodrigues. Doméstica.p. 68**
- Imagem 27: Gilda Maria Fontoura Rodrigues, em seu primeiro emprego depois de oito anos como doméstica no mercado da Cooperativa do Banco do Brasil. A máquina que capturou a fotografia, nós sabemos, é dela. Acervo GFP. Local: Santa Maria.....p.71**
- Imagem 28: Eládio Soares Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido.p.77**
- Imagem 29: Nilton de Jesus Soares Fontoura. Ano desconhecido. Local desconhecido...p.77**
- Imagem 30: Antenor dos Santos Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido. Timbaúva/ RS.....p.78**
- Imagem 31: Gilda Maria Soares Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido.....p.79**
- Imagem 32-42. Acervo da Família Soares Fontoura.....p. 81-91**
- Imagem 43 a 51. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura...p. 92- 101**

Prólogo | Para a criança ancestral do futuro

Faça a leitura certa. Ela correu muito porque precisava viver. Assopre sempre com força, o coração aguenta. O coração é sábio e bate aquecido. Sopre com força e o vento levará, o sopro escuta. A sua criança está dentro de você, não esqueça dela, ela sorri. Cuide. O balanço da travessia, você o fez. Você fará novamente. Seja aquela que não deixa de caminhar porque foi difícil a chegada. Você sabe que ela está em você. Mesmo ali ela sonhava, sentia cheiros, esperava. E quando ela chegou, fugiu, correu desesperadamente na mata. Corra. Vá. Atravessia foi longa, sofrimento demais. Sofrimento deve acabar. Receba.

Rio de Janeiro, 07 de junho de 2020.

Iliriana Fontoura Rodrigues

Sumário

Introdução Olhares Negros ao Sul do Brasil	2
CAPÍTULO 1 Eu existo. E cansarão de ignorar minha existênciaporque permanecerei através de gerações⁵	11
1.1 Queira Aceitar a Lembrança de Tua Irmã Geni	12
1.2 Na <i>Parede da Memória</i> as raízes mais profundas: um legado ancestralnegro em Estância do Meio.....	25
1.3 Caminhos de Timbaúva: As terras das Família Soares Fontoura e Família Soares do Nascimento	37
CAPÍTULO 2 Roupeiros de existências	52
2.1 “A gente guarda no roupeiro porque a gente não quer perder. Éo lugar mais bem guardado que tem”	52
2.1 “Eu sou Quilombola!”: O acervo dos troncos véios de Anaurelina Soares do Nascimento	55
2.3 Acervo Gilda Maria Fontoura Rodrigues.....	64
2.1 As duas irmãs	67
CAPÍTULO 3 Diálogos dos tempos: uma câmara, um território-expandido, muitos encontros 72	
Imagens-terra.....	73
Conclusões Iniciais	102
Referências Bibliográficas	107

Introdução | Olhares Negros ao Sul do Brasil

– *A benção!*
– *Deus te abençõe minha fia.*

Chegamos. A longa caminhada percorrida até este momento é embalada pelas memórias e histórias vividas e sentidas (MACHADO, 2017) entre as terras de Estância do Meio e Timbaúva, localidades rurais pertencentes ao município de Formigueiro, região central do estado do Rio Grande do Sul. É uma trajetória conduzida pelas trilhas abertas em meio ao campo, no roçado de sol a sol feito por homens, mulheres e crianças pretas. É uma trajetória conduzida pelas mãos de vó Geni ao plantar cada pé de bergamota, limão, laranja doce, pêssego, butiá, cujas árvores até hoje nos dão frutas a cada temporada; da lida do campo entre o trote e o galope dos cavalos de vô Antenor; da moenda da cana no engenho familiar de bisavó Francisca para oferecer às visitas um melado com farinha de mandioca, ou uma garapa. Do trabalho na lavoura de Tia Naura; do trabalho pesado nos trilhos pelas ferrovias estaduais feito por Tio Nilton; do cuidado com o terreiro e com cada pedacinho de papel com algum escrito, feito por Tia Elenita; da saída de casa para trabalhar como empregada doméstica aos treze anos feito por minha mãe, Gilda. Foram essas e muitas outras as histórias que nos moldaram.

Na presente dissertação serão analisadas fotografias de três acervos pertencentes a três mulheres negras das Famílias Soares Fontoura e Soares do Nascimento. O primeiro acervo, nomeado Acervo Anaurelina Soares do Nascimento (ASN), reúne 179 imagens e documentos reunidos em dois álbuns fotográficos protegidos por uma sacola simples de papelão e uma pasta de plástico. O segundo acervo, nomeado Acervo Elenita Fontoura Paulo (EFP), reúne 208 fotografias guardadas em uma bolsa e em dois álbuns fotográficos e, o terceiro acervo, Acervo Gilda Maria Fontoura Rodrigues (GFR) reúne aproximadamente 449 fotos e documentos, totalizando cerca de 836 imagens. Os dois primeiros constituem-se de

¹ O presente título faz referência ao livro *Olhares Negros: Raça e Representação*, escrito pela pensadora e feminista negra estadunidense bell hooks. Publicada pela primeira vez em 1992, a obra é uma coletânea de ensaios críticos a respeito da negritude e das subjetividades negras e ganhou uma versão em português no ano de 2019, com tradução de Stephanie Borges e publicação pela Editora Elefante.

fotografias predominantemente rurais, em preto e branco e coloridas. Os contextos urbanos, quando surgem, estão vinculados às cidades de Formigueiro e Santa Maria, municípios próximos da localidade de Timbaúva. Já o Acervo GFR é composto por um número menor de fotos rurais e acolhe também as fotografias da Família da Silva Rodrigues, de Jorge Antonio Rodrigues, seu esposo.

As fotografias dos três acervos datam aproximadamente da década de 1930 do século XX até o início dos anos 2000, compreendendo um período de setenta anos registrados em imagens. Cada um deles também reúne uma considerável coleção de documentos como: certidões de nascimento, casamento e óbito, anotações em cadernos e papéis soltos de receitas e remédios familiares, comprovantes de pagamento dos impostos das terras rurais (ITR), escrituras de terras, certidões e registros de doação e compra de terras na região, exames hospitalares, cadernetas de vacina, comprovantes de pagamento de bens domésticos adquiridos, contas de luz, registros bancários e de aposentadorias, entre outros.

Por pertencerem a três mulheres negras de duas gerações da Família Soares que se ramifica em Família Soares Fontoura e Família Soares do Nascimento a partir de relações matrimoniais, tais coleções recebem o nome destas três guardiãs em reconhecimento à importância dada por elas à proteção e ao cuidado com estes documentos históricos ao longo de décadas. São três mulheres negras, do campo, que são filhas, irmãs, mães, tias, avós e bisavós. São agricultoras, domésticas, lavadeiras, doceiras, benzedadeiras, cuidadoras, aposentadas que aqui tomam a posição que lhes é de direito. Esses acervos foram passados de geração em geração e encontram-se protegidos nas casas destas três senhoras há décadas. Ao ser perguntada sobre o porquê de guardar essas fotos e documentos, Tia Elenita responde: “porque a mãe guardava e me ensinou a guardar também”.

Protegidos em três guarda-roupas, os acervos encontram-se localizados nas casas de cada uma das senhoras na localidade de Timbaúva (onde vivem Anaurelina e Elenita) e em Caxias do Sul (onde mora Gilda). Importante descrever também que, ao longo das conversas e trocas estabelecidas durante a pesquisa de campo, encontramos mais três coleções fotográficas que não foram utilizadas na pesquisa mas foram digitalizadas com o objetivo de catalogá-las num futuro próximo, e devem ser citadas a título de importância, bem como de possibilidade de futuros escritos: as coleções de Marina Ivone Fontoura Xavier, Nilton de Jesus Soares Fontoura, irmãos de Elenita e Gilda e de Maurício Alberto Alves Fontoura,

herança visual deixada por seus pais João Alberto Soares Fontoura (também irmão de Elenita e Gilda) e Nair Teresinha Alves Fontoura, ambos já falecidos.

Nós, pessoas negras em diáspora, sabemos da dificuldade que é encontrar documentações referentes aos nossos antepassados. Quem nunca fez a tarefa da árvore genealógica na escola? Quantos ancestrais a sua árvore tinha? A minha geralmente não passava (com certo esforço), do nome de alguns bisavôs. Sendo uma menina negra, filha de trabalhadores metalúrgicos migrantes para a Serra Gaúcha no final da década de 1980, buscando melhores condições de trabalho, estudar em colégio particular (com muito esforço de meus pais para pagá-lo) na região que é o berço da chamada colonização italiana do Estado, fez com que ao longo de muitos anos de árvores genealógicas com poucos nomes e sobrenomes que apresentava na escola, eu me questionasse o porquê de meus colegas de classe (todos brancos) chegarem com livros sobre as suas famílias, sobrenomes e até brasões (isso me causava certo estranhamento).

Porque a minha família não tinha um livro? Como se chamam meus tataravôs e tataravós? Onde eles viveram? Quais são os seus sobrenomes? Essas perguntas me habitavam. E que bom poder dizer o verbo habitar no passado porque tais questões encontram respostas a partir da pesquisa iniciada para esses escritos. Essas dúvidas não eram só minhas. A palavra vó foi uma palavra inexistente no meu vocabulário durante muitos anos. Infelizmente não conheci minhas avós em vida, tive a felicidade de conviver até os seis e oito anos com meus dois amados avôs, Antenor dos Santos Fontoura e João Manoel Rodrigues Filho. De modo que as peças deste quebra-cabeça de histórias e memórias foram se unindo a partir das *escrevivências* (conceito central nesta dissertação, cunhado pela escritora Conceição Evaristo conforme iremos discorrer) de cada um em diálogo com os acervos e documentações disponibilizadas e que fomos encontrando ao longo da caminhada e imersão desta pesquisa.

Para que entendam melhor minha família e da importância deste território em nossas vivências, preciso contar uma história: era dezembro de 1987, quando o jovem casal Gilda e Jorge saíram de Santa Maria em direção à Timbaúva. Depois de uma hora de viagem de ônibus, eles desceram numa faixa da Rodovia-392 em Vila Block, distrito de São Sepé: “Descemos do ônibus e fomos a pé até em casa porque não conhecíamos ninguém. Era final de ano e não tinha mais ônibus naquele horário para chegarmos lá fora. Fomos caminhando naquele sol forte, eu, teu pai e tu, que já estava dentro da minha barriga. Eu já estava grávida

de uns 6 - 7 meses”, recorda minha mãe. Seu desejo, ao percorrer os 10km do trajeto à pé que separa a Vila Block de Timbaúva, para passar as festas de final de ano com seu pai Antenor, seu irmão Piba e a família da sua irmã Elenita, que àquela época já tinha três filhos, Elenir, Leonarda e Ricardo, foi mais forte do que qualquer caminhada, pés inchados e um sol forte de verão gaúcho na cabeça. Em meio às histórias dos mais velhos e seus costumes, dizem que o desejo de grávida não atendido faz com que o bebê nasça com uma mancha daquilo que a mãe queria no momento. Não nasci com nenhuma marca semelhante a um mapa ou uma casa, mas o desejo de minha mãe Gilda, passou para mim com toda a força através do cordão umbilical que nos unia e das emoções que sentia caminhando pela estrada. Seu útero, a serviço da existência, nos ligou a nossa ancestralidade o que me permitiu sentir a importância do caminho de casa protegida no quentinho da barriga de minha mãe. As terras de nossos *troncosvéios* são nossos locais de pertencimento desde muito antes de estarmos no mundo. Dentro do útero materno minha mãe deixou registrada de alguma forma a importância da nossa terra, útero, cordão umbilical de nossas trajetórias.

A cada verão entre a partilha do café e do pão batido, da rapadura de leite, do banho de açude da negradinha no final de tarde aprendemos a nos ver uns através dos outros na prática, em coisas que não “se explicam”, mas que se experimentam e se vivem (HAMPATÉ BÂ, p. 182). Seja no afeto ou nas discussões. Afinal, se tem uma coisa que não falta é uma confusão! De sobrenome Soares Fontoura, Soares do Nascimento, que encontra laços profundos nas linhagens de Souza, Gonçalves, Ribeiro, dos Santos, Rodrigues, Paulo, criamos estratégias reais de manutenção e vínculo às terras adquiridas, doadas ou legadas. Delas provêm o alimento, a segurança da moradia, a partilha coletiva. Num contexto de pobreza ter a sua roça familiar é possibilidade de colheita, feita no trabalho duro. Ter sua pequena criação de galinhas, porcos, vacas e assim ter carne, banha, ovos, leite. Sempre tem uma cama, um colchão e um bom prato de comida para mais um e na hora de ir embora, entre os acenos de até breve e os pedidos de “desculpa por qualquer coisa”, surgem os desejos de mais um reencontro. O que se apresenta nestas páginas, como já afirmamos é uma memória coletiva, uma tentativa de relatar e escrever as tradições familiares, envoltas num recontar de histórias repetidas incontáveis vezes, recordadas devido à sua importância para contadores e ouvintes (MATTOS e RIOS, p.9, 2005). Gente de nome e sobrenome, como nos lembra a intelectual negra Lelia González: “aqui o racismo não coloca mais o nome que quer”.

Essas são as sementes germinais de *Em Terras de Gente Preta se Colhem Imagens*. Em termos de escrita e pesquisa, seu marco inicial está na elaboração do projeto de pesquisa *Mulheres Negras e Saberes da Terra: Trajetórias de vida e resistência na Comunidade Negra Rural da Timbaúva - Formigueiro/RS*, com orientação do professor Dr. Paulo Sérgio da Silva, durante participação no 1º Edital de Iniciação Científica do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEAB-UFRGS)² e que possibilitou a inscrição e aprovação no presente mestrado. Centrada numa perspectiva de gênero, raça e classe, a ideia inicial do projeto era analisar as trajetórias de quatro gerações de mulheres negras das famílias Soares Fontoura e Soares do Nascimento a partir de entrevistas semi-estruturadas individuais e coletivas, conversas e observações do cotidiano das atividades rurais, domésticas e análise de fontes documentais, como as próprias fotografias (que aqui ainda tinham um teor secundário, como um anexo, ilustração, ou exemplo de algo sugerido a partir das entrevistas. Neste momento, ainda não conhecia todos os acervos). Por conseguinte, o projeto também se propunha a investigar as análises dos troncos familiares a fim de contribuir para os processos referentes ao reconhecimento formal da

² Com o intuito de dar continuidade à minha formação acadêmica, influenciada principalmente pelo vínculo na primeira turma do grupo de estudos do Coletivo Atinuké - Sobre o Pensamento de Mulheres Negras, voltei à Universidade, em 2017, no Bacharelado em História na UFRGS. Apesar de não ter concluído o curso (pois passei no Mestrado no PPCult), o período na UFRGS foi essencial para a construção de uma formação voltada ao pensamento negro. Durante o período, consegui minha primeira bolsa de iniciação científica ao ser selecionada como pesquisadora bolsista do NEAB-UFRGS, com orientação do professor Dr. José Rivair Macedo. O período foi muito fértil de aprendizados já que o NEAB é vinculado física e institucionalmente ao Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da UFRGS (DEDS-UFRGS), um departamento extremamente importante para os vínculos entre Universidade e comunidade, formado majoritariamente por Mestres, Doutores, técnicos-administrativos e técnicos-educacionais negros e negras. Ali participei da elaboração e produção de algumas edições da Semana da África e de inúmeras Conversações Afirmativas. Durante esse período também fui aluna da disciplina Leituras Clássicas do Pensamento Negro, ofertada como Cursode Extensão para alunes de diferentes cursos e com muitos professores especializados como ministrantes (dentres eles, Prof. Dra Fernanda Oliveira, Prof. Dra Ana Flávia Magalhães Pinto, Prof. Dr Amílcar Pereira, entre outras e outros), que nos possibilitaram durante um semestre leituras aprofundadas e clássicas (para muitos de nós pela primeira vez na Academia), a respeito das trajetórias, biografias e pensamento de intelectuais negros e negras no Brasil. A respeito do Edital de Iniciação Científica, este contou com a participação de trinta estudantes negros e negras da UFRGS das mais diversas áreas que ao longo de um semestre receberam orientação individual voltada ao desenvolvimento de projetos de pesquisa que pudessem se tornar Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) ou futuros projetos de Mestrado. Agradeço à formação deste incrível corpo educacional que àquela época e, apesar dos inúmeros desafios e barreiras, viu a importância de abraçar as demandas dos alunes negros na Universidade e nos ofereceu uma formação sólida. Este momento me fez acreditar que ser pesquisadora e produzir ciência também é coisa de mulher preta, assim como estar na Academia também é uma possibilidade para nós. A estes profissionais que são nossos espelhos, meu respeito e admiração.

localidade como Comunidade Remanescente de Quilombos, objetivo este que se mantém na presente dissertação.

Neste projeto inicial meu olhar estava muito direcionado às experiências e trajetórias das mulheres da família, suas relações de trabalho, em casa, suas memórias, histórias, trajetórias, vivências, experiências. Esse recorte foi feito durante um período em que, pessoalmente, estava passando por uma transformação individual profunda, motivada principalmente pela afirmação de uma identidade negra e feminina, devido às experiências no Coletivo Atinuké, as leituras de livros escritos por autoras, pensadoras e intelectuais negras. Esse momento foi extremamente importante na minha caminhada, foi um novo ponto de virada (o anterior havia sido a transição do cabelo alisado para o crespo natural, feita em 2012-2013), uma abertura, uma tomada de si. A grande virada de perspectiva de análise se deu no encontro com as fotografias e, principalmente, na importância que as diversas e múltiplas vozes tinham para com o território e na relação entre as pessoas. Seja na perspectiva do trabalho doméstico e de casa, em grande parte do tempo de responsabilidade das mulheres, ou no trabalho fora, nas estâncias, fazendas e roças, em sua maioria associado aos homens, tudo e todos interferem nas presenças e ausências nas perspectivas, experiências individuais e coletivas de cada um ao longo dos tempos.

Foi um desafio e ainda o é, dado que essa reflexão não se esgotou com a conclusão da dissertação, mas sim tomou novas e complexas nuances e reflexões, assumir uma postura de pesquisadora e também de sujeita de pesquisa já que a escrita perpassa minhas memórias e a análise de meu núcleo familiar. Desta forma, tudo é muito tênue e, por vezes, elaborar as leituras do que se apresentava não se dava de maneira simples ou imediata. Foram necessárias aproximações, silêncios e distanciamentos, “porque parente é os dente e eles dói” (GOMES *in* OLIVEIRA, 2016). Não foram poucas as dúvidas e, principalmente, o receio de não respeitar as trajetórias dos que aqui estão. Essa foi a maior das inseguranças no desenvolvimento deste trabalho, o que, por muitas vezes, refletiu-se na (não) fluidez da escrita, das leituras e das interpretações. Ao mesmo tempo, certa da pertinência e importância do tema no que se refere ao campo da cultura visual, esta escrita apenas se insere num legado familiar em curso há muito tempo, de produção de memórias negras realizadas nas mais diversas formas conscientes e até mesmo inconscientes. Para além, as palavras e vozes aqui reunidas encontram assentamento no porvir, nos ancestrais do futuro e nas próximas gerações, a vocês

desejo que se encontrem nestes escritos, no que fizemos e deixamos, na caminhada trilhada e nestas histórias as quais vocês também pertencem afinal, somos o resultado destas escolhas.

À medida que o campo avançava, que novos nomes e sobrenomes chegavam, que algumas perguntas eram respondidas, mas outras inúmeras surgiam, segui naquilo que foi possível, em uma coletividade atravessada e afetada pela pandemia, pelas perdas, pelos afastamentos e pelo luto. Amparada na ancestralidade, na terra e no entendimento corpóreo, espiritual e intelectual de que se não fosse para ser, simplesmente outro caminho teria sido trilhado. Aos meus, espero ter sido respeitosa nestes escritos. Peço desculpas por em alguns momentos não ter respeitado o tempo de cada um no entendimento do que essas memórias trazem à tona, através da alegria mas também de profundas dores e traumas oriundos de um passado em que nossos antepassados foram escravizados. Tenho consciência de que algumas palavras equivocadas foram ditas e, por isso, além de reiterar minhas desculpas, me insiro no processo em constante aprendizado e reflexão. Ouvi, senti, vivi, vivenciei, aprendi muito ao longo desta jornada. Sinto-me honrada por ter sido criada numa família que me deu oportunidade de ser e me tornar quem sou, uma mulher negra, acadêmica, escritora, pesquisadora, curiosa do mundo. E aqui me inspiro no trabalho *Encontros de Família: identidade e Ação Afirmativa em uma rede familiar afro-brasileira* (2015) de Luís Cláudio de Oliveira, pesquisador e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), cujos escritos à respeito de sua rede familiar Bernardo-Glória-Faustino, me influenciaram a refletir sobre a minha própria trajetória como pesquisadora que tem o quintal como campo de pesquisas. É um desafio e tanto!

A fins desta dissertação, foram realizadas três incursões presenciais a campo, em julho de 2019, dezembro do mesmo ano à fevereiro de 2020.³ Parte da conclusão da escrita foi realizada no último campo, no terreno da Família Soares Fontoura, de junho a setembro de

³ Os anos de 2020 e 2021 foram complexos para a realização do trabalho de campo, por conta da necessidade de distanciamento social em virtude da pandemia de covid-19. Conforme o planejamento inicial, desejava voltar a Timbaúva nos meses de julho (2020) e dezembro (2020) à março de 2021 a fim de concluir as leituras de imagens feitas coletivamente, as conversas individuais e coletivas e também os registros de autorização de imagem. Não foi possível. Foram feitas algumas tentativas de leituras de imagem por celular, algo que se tornou inviável dado às dificuldades de acesso a internet. No que se refere às questões de saúde, a região de Timbaúva é administrada pelo município de Formigueiro e conta com apenas um hospital, o Hospital Municipal Dr. Pedro Jorge Calil (sem UTI) e uma Unidade Básica de Saúde. Grande parte dos moradores da Timbaúva é quilombola e assim as famílias foram contempladas pela reivindicação de prioridade na realização das doses da vacina contra a covid-19, conquistada pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

2021, por vezes, à sombra do jambolão plantado por Tio Osmar, sentada na cozinha próxima ao fogão a lenha e, principalmente, no quarto da frente da casa, apoiada na mesa de costura da máquina Singer, de vó Geni. E assim, pensando no movimento do vaivém dos pés de vó Geni para costurar, sentada em um banco ou uma cadeira, com os filhos ao redor ou brincando pelo pátio, é que continuei a tentar escrevinhar algumas das tessituras dos fios de Geni, que assim como o tecelão, cujo ofício tradicional se vincula ao simbolismo da palavra: a tira do tecido que se acumula e se enrola em um bastão que repousa sobre o ventre do tecelão representa o passado, enquanto o rolo do fio a ser tecido simboliza o mistério do amanhã, o desconhecido devir (HAMPATÊ BÃ, p. 186).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas entrevistas com as mantenedoras dos acervos. Como a entrevista com Anaurelina Soares do Nascimento, importante para o entendimento das trajetórias pessoais e familiares dos antepassados em contexto escravista e dos nascidos logo após a abolição, bem como do território de Timbaúva, das complexas relações com as famílias brancas da região e da constituição deste local como um território remanescente de quilombos. Através dela, novos e importantes documentos foram sendo encontrados (como os registros civis e as escrituras das terras herdadas pela família).

O Ofício de Registros Públicos de Formigueiro⁴ tornou-se um importante local de pesquisa e busca de documentação. Assumi ares de arquivo estendido e confirmação das palavras evocadas pela memória de Tia Naura. Nele, pude acessar a certidão de óbito de meu trisavô, que, ao mesmo tempo, é um atestado de vida, o documento mais antigo que pude encontrar até o presente momento. Elisbão Gonçalves Pires, filho da Florência Gonçalves, avô das irmãs Geni e Anaurelina e *tronco véio* referencial e fundador desta linhagem familiar, nasceu em 1846. Sua certidão permitiu que traçássemos até o momento oito gerações da família em genealogia e descobríamos também o nome da senhora Florência Gonçalves, mãe de Elisbão. A importância e o valor deste achado são inestimáveis e encontram-se em camadas profundas de pertencimento, orgulho e identificação. Ele acaba delimitando a periodização

2 Devo agradecer à equipe do Ofício de Registros Públicos de Formigueiro pela atenção prestada e pelos inúmeros emails que compartilhamos ao longo de meses, entre 2020 e 2021, a fim de obter as certidões. Durante a pandemia, o trabalho remoto dificultou um pouco o acesso aos documentos. Agradeço à Amanda, estagiária à época entrei em contato e à Juliana Cassol Silveira, substituta do Oficial, que não só sanou dúvidas de interpretação dos documentos, como também sugeriu que solicitasse as certidões em formato “de inteiro teor”, algo que desconhecia até o momento. Ir a um cartório de uma cidade interiorana e conseguir encontrar as documentações de seus mais velhos, ou então recebê-las pelo correio, foi uma das experiências mais fortes e transformadoras que tive durante a pesquisa.

desta pesquisa que vai até 1986, ano do falecimento de vó Geni, essencial para o encontro com as fotografias e a pesquisa que se deu a partir do encontro com a imagem “Queira Aceitar a Lembrança de Tua Irmã Geni”. Sem ela, nada disso seria possível.

Quanto às imagens, embora tenhamos encontrado fotografias que vão de um arco de 1930 aos anos 2000 (e pelo menos, um dos acervos, continua sendo alimentado até hoje), optamos por analisar a produção que vai da década de 1930 a 1980.

Olhar sobre si, sobre o outro, sobre o que já se foi, os que já se foram. O exercício descritivo de imagem segue uma organização pré estabelecida: ao identificar alguém que está na imagem, procuro o parente para conversar. As guardiãs dos acervos também são consultadas. Entre um e outro chimarrão, uma rapadura, vamos lembrando do nome das pessoas, tentamos localizar onde a foto foi tirada, em que situação, quem era o fotógrafo. Por vezes, a foto vai passando de mão em mão com quem está presente. Então, se de início eu tento entender quais são os sentidos que as pessoas dão às fotos, num segundo momento, tento estabelecer conexões entre as imagens que não obedecem a uma ordem cronológica, mas a uma articulação por reciprocidade de idéias, que permeará todo o trabalho.

CAPÍTULO 1 | Eu existo. E cansarão de ignorar minha existência porque permanecerei através de gerações⁵

ENCONTREI MINHAS ORIGENS

Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
cantos
em furiosos tambores
ritos
encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei.

Oliveira Silveira (2012, p. 136)

⁵ No livro *Negrada* (1995), a professora pelotense Maria Helena Vargas da Silveira, cunha a potente frase que nomeia este subcapítulo. Nascida em 1940, na cidade de Pelotas, a professora Maria Helena Vargas da Silveira, conhecida como *Helena do Sul*, teve sua trajetória de vida biografada na Coleção Personagens do Pós-Abolição (Memórias Brasileiras – Biografias), lançada em 2020 pela Editora da UFF. De autoria da Prof. Dra. Fernanda Oliveira, o livro *Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira - Histórias de Mulheres Negras no Pós-Abolição do Sul do Brasil* aborda as trajetórias destas duas mulheres, ventanias negras ao sul dosul do Brasil que desde a segunda metade do século XIX, no caso da senhora Araújo e a partir da metade do século XX, no caso de Silveira. Duas mulheres negras que forjaram estratégias emancipatórias e de existências a partir da educação.

Neste capítulo, tenho o objetivo de apresentar e analisar a imagem fundante desta dissertação, a fotografia *Gueira Aceitar a lembrança de tua irmã Geni*, além de refletir a respeito dos territórios e trajetórias que fazem parte desta pesquisa, inseridos no contexto das localidades rurais de Estância do Meio e Timbaúva, pertencentes ao município de Formigueiro, região central do estado do Rio Grande do Sul. A respeito da frase que dá nome ao capítulo e da poesia que o acompanha, quero reverenciar dois grandes intelectuais negros gaúchos, a professora Maria Helena Vargas da Silveira e Oliveira Silveira.

1.1 Queira Aceitar a Lembrança de Tua Irmã Geni

Toco em fotografias grávidas de tempos, impressas em papéis hoje já amarelados, como estuque se esfarelando. Alguém fotografou alguém, mais alguém, mais alguém [...] (ALMEIDA, 2019)



Imagem 1: “Gueira aceitar a lembrança de tua irmã Geni”. Da esq. para dir.: Eládio Soares Fontoura, Geni Soares Fontoura, Elenita Fontoura Paulo (bebê no colo) e Nilton de Jesus Soares Fontoura. Ano: 1952. Local: Casa da parteira Iracema. Fotógrafo desconhecido. Acervo Anaurelina Soares do Nascimento (ASN).

Essa foto está com a senhora?, diz Tio Nilton ao olhar a imagem, demonstrando surpresa. E prossegue: “eu lembro dessa foto, achei que a gente tinha perdido. Via ela lá na casa da falecida mãe”. Atenta à fala, Tia Naura responde: “Não, Nilton. A tua mãe me deu esta foto. Por isso, ela está aqui, eu guardei”. De fato, quando olhamos no verso da fotografia está escrito: “gueira aceitar a lembrança de tua irmã Geni”. Na grafia das palavras escritas, há uma mistura de um “g” e um “q”. Em silêncio, presto atenção no diálogo estabelecido entre tia, que também é madrinha, e afilhado. Era manhã de sábado, 12 de janeiro de 2019. Estávamos conversando na cozinha da casa da senhora Anaurelina Soares do Nascimento, àquela época com 85 anos, quilombola, agricultora aposentada, viúva, mãe de quatro filhos, avó, bisavó e conhecida por todos na localidade de Timbaúva e arredores, como tia, dona ou vó Naura. Nestes escritos, escolhi Tia Naura pois nosso grau de parentesco é de Tia-avó e sobrinha-neta. Movida pela força da imagem e pela conversa que acabara de provocar, fiz um registro segurando a foto e o encaminhei para Tia Ivone, irmã mais nova de Tio Nilton. Algumas horas mais tarde, Tia Ivone me retornou com uma pergunta: “Li, onde tu encontrou essa foto? Se eu mostrar pro teu Tio Eládio ele vai chorar”. O encontro com essa imagem abriu caminhos, novas histórias eram contadas, memórias eram compartilhadas e acessadas. Memórias de dentro. Memórias da terra.

O encontro com o sorriso de minha avó Geni mudou tudo. Pelas histórias que dela nos contam, não poderia ter sido diferente. Minha avó permitiu o encontro e nos olhamos. *Eu te vejo, vó*. A sua presença se fez além dos tempos, forte e imponente e trouxe consigo uma beleza única. Vó Geni soprou um vento negro forte vindo de longe. Fez seu chamado, ventania em todos nós. Fez *viração!*, como bem descreve a professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, Georgina de Lima Nunes em seu artigo de 2014 “Ser Mulher, sul mulher: a gente tem que sempre fazer vento!”. Durante uma inserção investigativa na Comunidade Quilombola do Passo do Lourenço e arredores, localizada em Canguçu (RS), Nunes se encontrou com Tia Vica, a D. Vilma, líder quilombola da região. A partir deste encontro temos a seguinte análise da professora sobre a frase proferida por Tia Vica:

Nessas apresentações entre o acadêmico e as cotidianidades negras, Tia Vica, na sua tarefa de apresentar sua comunidade, valia-se repetidamente, da expressão que não se restringia a um correr no tempo e espaço do quilombo,

mas, sim, de uma atitude de movimento, muito típico das mulheres negras, que ressignificam histórias de subjugação, de subserviência, de antinomias à liberdade: **“nós temos que fazer vento!”**⁶ Com o uso desta metáfora, instituíam um desafio a fazer um movimento de capturar, compreender, interpretar e deixar um espaço para aqueles interditos no que se refere à história local, regional, das múltiplas e plurais diásporas negras e femininas. Enfim, existe um tempo que não se esgota, que pode ser amanhã, pode ter começado ontem, mas existe também, aquele que é intensamente, o agora! (Nunes, 2014, p. 182).

A força do vento negro soprado por Nunes e Tia Vica, evocada também no encontro da fotografia de vó Geni, reverbera nos escritos e reflexões das acadêmicas negras ao sul do sul Fernanda Oliveira e Priscila Pereira. Em artigo a respeito do pensamento de mulheres negras e a educação, as historiadoras descrevem que foram as mulheres afro-gaúchas, as ventanias negras do sul, que nos trouxeram até aqui, que transformaram o não-lugar em lugar, um outro sul. E desta forma, “nós, entramos no giro destas ventanias negras para aprender a nos movimentar” (Oliveira, Pereira, 2019, p. 457). É sobre este sul, o nosso sul, negro e de imagens que se torna lugar de pertencimento a duras e complexas custas, sobre o qual me assento e irei discorrer.

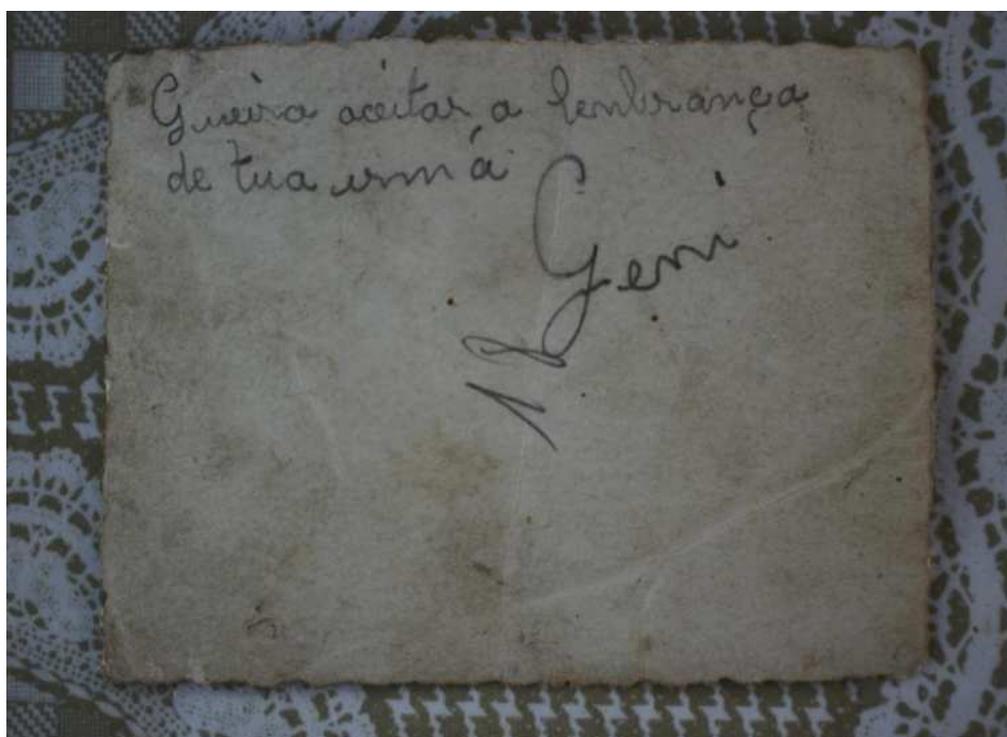


Imagem 2: verso da fotografia “Gueira aceitar a lembrança de tua irmã Geni”.

⁶ Grifo da autora.

Pertencente ao acervo de fotos de Anaurelina Soares do Nascimento, a imagem *Gueira aceitar a lembrança de tua irmã Geni*, é um presente da irmã mais velha dedicado a uma de suas irmãs mais novas. Na imagem, vemos à esquerda Eládio Soares Fontoura⁷, por volta dos seis anos, o primogênito de nove filhos (oito naturais, uma de criação), do casal Antenor dos Santos Fontoura e Geni Soares Fontoura⁸. Ao centro, vemos a mãe, Geni, a bebê Elenita Soares Fontoura⁹ e à direita está Nilton de Jesus Soares Fontoura, nascido em 04 de março de 1948, então com quatro anos.

A tez da pele negra retinta bem iluminada, as taquareiras secas que se misturam ao chão de terra igualmente seca na composição de fundo inferior da foto nos revelam um dia típico do verão quente e seco na região central do Rio Grande do Sul. Segundo conta Tio Nilton, “na Picada Grande, lá na Iracema”, na casa da parteira que realizou o terceiro parto de Geni e provavelmente também a auxiliou nos dois partos anteriores dos miúdos. Vestidos com roupas semelhantes, camiseta e calça para o mais velho e esguio Eládio, camiseta e bermuda para o mais novo Nilton, os dois usam suspensórios. Mesmo na centralidade de todos na composição da imagem, podemos perceber Geni um pouco mais à frente em termos de posição e corporalidade. Os filhos estão um passo atrás da mãe, o que sugere um tom de receio e busca de proteção materna frente à câmera e ao fotógrafo, cuja presença está registrada na sombra no canto inferior esquerdo, próximo à Eládio. Seu olhar entre a desconfiança e a curiosidade faz com que seu corpo esteja escorado na cadeira e na proximidade ao corpo de sua mãe.

Quando nos detemos na figura e na presença de Geni, seu sorriso é contagiante. Usando um bonito vestido (algumas décadas depois foi presenteada pela filha Gilda com uma

⁷ Nascido em 05 de fevereiro de 1946, o senhor Eládio Soares Fontoura, o Tio Eládio, faleceu no dia 20 de janeiro de 2021, aos 74 anos. Foi sepultado no Cemitério Ecumênico de Santa Maria - RS. Do casamento com Rosela Maria Câmara Fontoura teve dois filhos: Daniel Antônio Câmara Fontoura e Simara Câmara Fontoura.

⁸ A grafia do nome de Geni Soares Fontoura encontra o nome Geni escrito com “i” e com “y”, em documentos originais. Nesta dissertação respeitamos a grafia escrita com “i” que segue a escrita de próprio punho na presente fotografia e também em sua assinatura da carteira de identidade.

⁹ A data de nascimento de Elenita Soares Fontoura é divergente em alguns de seus documentos, como Registro Geral, carteira de identidade de beneficiário do INAMPS - Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. Nos registros, aparecem tanto a data de 06 de janeiro de 1952 quanto 06 de fevereiro de 1952. Consideramos aqui a data de 06 de janeiro de 1952, pois é a data que Elenita considera e comemora o seu nascimento.

máquina de costura Singer,¹⁰ que está conosco até hoje) sua imagem potencializa a beleza e a felicidade genuína que parece demonstrar ao sorrir sem se importar em não ter mais todos os dentes na boca. Está orgulhosa exibindo a filha mais nova ao mundo, legando sua imagem para além do tempo da infância. A menina levemente erguida pela mãe, para se fazer mostrar, está com a mão à boca, os olhos entreabertos. A confirmação de que a bebê é Elenita foi feita por Tio Nilton, pois como vemos na imagem a tez da criança está mais clara e se diferencia dos demais. Assim como cogitou-se ser outra criança, também podemos refletir a respeito do contraste dos tons de pele negra na impressão de fotografias.

Neste caso, estamos analisando uma fotografia em preto e branco, ou seja, a substância das imagens em preto e branco é a luz, enquanto a das coloridas é a cor. Luz e cor obedecem a lógicas muito diversas. Conforme Puls (2021),

A primeira se manifesta nas imagens por meio de uma escala linear que contrapõe valores antagônicos: claridade (presença da luz) e escuridão (ausência). Já a segunda se explicita num círculo de matizes diferentes, mas complementares. Assim, a luz é regida por uma dialética dos opostos, e a cor, por uma dialética dos distintos.¹¹

No artigo *Questão de Pele*,¹² a professora e pesquisadora Lorna Roth aborda a problemática questão dos cartões Shirley, desenvolvidos pela empresa Kodak nos anos 1940 para utilização dos técnicos e laboratórios de processamentos de imagem como referência para o “balanceamento de cores” das fotografias,

Esse cartão reproduzia a imagem de uma mulher de pele clara, vestindo roupa de alto-contraste, contraposta a escalas de cor e de cinza. Em muitos cartões, lia-se a palavra NORMAL. O propósito dos cartões Shirley era

¹⁰ No livro *Negro em Preto e Branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre*, de Irene Santos, a autora faz uma afetuosa e potente descrição através de imagem e depoimento do senhor Júlio José Nunes, o Julinho Alfaiate, morador antigo do bairro Rio Branco e proprietário de uma casa de esquina da Casemiro de Abreu, uma rua que no passado foi base do território da Colônia Africana (Santos, 2005, p. 66), 2005) da cidade de Porto Alegre, a respeito da sua profissão, da relação com linhas, tecidos, máquinas de costura e clientes que iam desde às vestimentas de blocos carnavalescos a magnatas da cidade. Nas imagens feitas por Santos, vemos seu Julinho Alfaiate posando com uma máquina Singer semelhante a usada por vó Geni e por ele utilizada ao longo de seus mais de sessenta anos como alfaiate.

¹¹ O trecho descrito é parte do artigo *Cor ou Preto e Branco? Razões de uma escolha*, escrito por Maurício Puls e publicado em 2016 no site da Revista Zum, do Instituto Moreira Salles. A partir da pergunta “o que distingue uma fotografia colorida de uma em preto e branco?”, o autor coloca em questão esta diferença que parece elementar e óbvia de responder e descreve as diferenças reveladas pela escolha da cor ou preto e branco. <https://revistazum.com.br/radar/cor-ou-pb/>. Acesso em 17 de abril de 2021.

¹² ROTH, Lorna. *Questão de Pele*. In: Revista Zum - Revista de Fotografia. São Paulo: Instituto Moreira Salles. <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/questao-de-pele/>. Acesso em 29 de março de 2021. O artigo traduzido e publicado na Revista Zum está baseado no texto: “Looking at Shirley, the Ultimate Norm: Colour Balance, Image Technologies and Cognitive Equity, publicado no Canadian Journal of Communication, vol 34 (2009), p. 111-136. No ensaio, Roth traça analiticamente os processos de cor na indústria e nas representações visuais.

ajudar a determinar a exposição, a densidade e a calibragem dos tons de pele das fotografias que seriam impressas. É comum ter parâmetros de cor de pele que ajudem a configurar uma máquina, mas será que a palavra “normal” deveria ser aplicada às múltiplas Shirleys, que representam um conjunto restrito das várias tonalidades de pele humana existentes?¹³

Em depoimento a respeito do poder simbólico da manutenção imagética, a fotógrafa negra gaúcha Irene Santos atenta que o desenvolvimento tecnológico das técnicas da fotografia contribuíram para a manutenção do racismo através da imagem: “não se faz uma pessoa escura como ela é (está se referindo a capa de revista com uma modelo negra num fundo branco), com a luz de fundo, não tem luz nela. Então isso ainda é uma maneira de manifestar o racismo. Onde é que está o defeito? Iluminar errado. Porque fotografia é luz”.¹⁴ No que se refere à Kodak, a química da brancura estava embutida nos produtos e era reforçada de maneira social e psicológica através dos cartões Shirley.

Em diálogo com o artigo de Roth, a jornalista Suzana Velasco no artigo *Sob a Luz Tropical: racismo e padrões de cor da indústria fotográfica no Brasil*¹⁵ entrevistou fotógrafos, cineastas, laboratoristas e pesquisadores para procurar responder a seguinte questão: a indústria fotográfica poderia ser racista no Brasil? Deste escrito, destacamos a reflexão do fotógrafo Eustáquio Neves que no final dos anos 1980 montou um laboratório fotográfico:

Os parâmetros não foram feitos para a pele escura, mas para a tez caucasiana. Este sempre foi um grande problema. Fotografar uma negra com vestido de casamento branco, por exemplo, era muito difícil. Acabava-se clareando o negro, em vez de retratá-lo. Eu achava que não sabia fotografar, até perceber que o padrão não foi criado para a pele negra.¹⁶

Somado à isso, os filmes da Kodak que chegavam no Brasil estavam mais adequados aos tons frios do Hemisfério Norte e não à luz tropical brasileira, o que fazia com que os laboratórios passassem por um processo de ajuste manual, fortalecendo os tons de magenta e as cores mais quentes, o que, a partir dos anos 1990, acabou por favorecer a entrada e utilização dos filmes Fuji no Brasil, que utilizavam tons mais quentes na sua escala.

¹³ Roth. op.cit.

¹⁴ Depoimento de Irene Santos gravado no documentário *Raízes: Irene Santos - Memórias Fotográficas de negros de alma preta*. Minuto: 11min30. Duração 1h27. Disponível no You Tube. Acesso em 25 de maio de 2021.

¹⁵ VELASCO, Suzana. *Sob a Luz Tropical: Racismo e padrões de cor da indústria fotográfica no Brasil*. Site da Revista Zum: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/racismo-padroes-industria-brasil/>. Acesso em 15 de junho de 2021.

¹⁶ Velasco. op. cit

Somadas a estas reflexões, e muito semelhante a como Eustáquio Neves percebeu que o filme tinha um padrão branco, a fotógrafa norte-americana Syreeta McFadden (2014), no artigo *Teaching the Camera to See my Skin* (Ensinando a câmera a ver a minha pele), descreve sobre as limitações impostas às imagens de seus familiares e a sua, “in some pictures, I am a mud brown, in others I'm a blue black”,¹⁷ ao vê-las impressas em uma emulsão de filme colorido. Ao contar sobre a frustração de ver uma fotografia em família e do desejo de sua mãe em fazer um retrato para presentear os entes queridos, McFadden descreve que ainda criança se perguntava se o fotógrafo, ao fazer aquele registro via o mesmo que ela via de si e dos seus, já que o resultado era completamente diferente: “I don't even look like me (...). Is that how you see me? Could you not see blackness? It's varying tones and textures? And do you see all of us that way?”.¹⁸ Aos poucos, a fotógrafa foi entendendo que, de fato, as limitações estavam na emulsão fotográfica e que para conseguir uma boa imagem, eram necessárias adaptações como um posicionamento frente à luz, lentes com maior variedade de aberturas e filmes com emulsões especiais desenvolvidas para ambientes internos, de luz fluorescente ou tungstênio.

No que se refere às Shirleys, somente a partir dos anos 1990 e após reclamações das indústrias de móveis e de chocolates, que não encontravam os tons corretos para as nuances de seus produtos, é que a Kodak começou a inserir modelos negras e asiáticas no cartão. Ou seja, foi uma questão de adaptação ao mercado e não uma questão de incorporação e respeito à diversidade dos diferentes tons de pele na fotografia. A essa discussão, nos dias de hoje, podemos refletir a respeito das câmeras digitais e dos filtros utilizados nas redes sociais como Instagram, que em muitos casos, acabam por embranquecer a pele negra quando utilizados.

No caso de *Queira Aceitar a Lembrança de tua Irmã Geni*, os fotografados estão a pleno sol. Assim o fotógrafo optou por estourar um pouco o branco das roupas para que os rostos aparecessem melhor e, como o bebê também tinha um tom de pele mais claro, talvez ele pareça na foto mais claro do que realmente é. Controlar a luz nessas situações é mais difícil que no estúdio, já que a imagem perde definição. Essas observações nos fazem pensar que não se trata de um fotógrafo amador, talvez um profissional mambembe que oferecia seus

¹⁷ “Em algumas fotos, sou castanha, em outras sou preta-azul”. Tradução livre da autora

¹⁸ “Nem sequer me pareço comigo. É assim que você me vê? Você não consegue ver a negritude? São tons e texturas variáveis? E você vê a todos nós desta maneira?”. Tradução livre da autora.

serviços pelas casas na zona rural de Formigueiro e que, dadas as escolhas de que se utilizou para fotografar Geni e seus filhos, indo contra os dispositivos limitados disponíveis à época e foi para além do que tinha disponível a fim de conseguir obter uma boa fotografia de pessoas negras. Pelo ano de nascimento de Elenita, é possível atestar que a foto é de 1952. Seria o batizado da recém-nascida? Um passeio da mãe e seus filhos na casa da parteira Iracema? Geni através da postura de seu corpo, da posição de sua mão direita segurando e levantando a cabeça do bebê, revela consigo a consciência da importância para a posteridade que guarda o registro para a família que crescia.

O movimento corporal da jovem Geni, à época com 27 anos, assim como as posições de seus filhos, encontram aproximação na imagem *Retrato de Família* de autoria do fotógrafo mineiro Chichico Alkmim (1886-1978). Tendo exercido a profissão por quatro décadas na cidade de Diamantina, Estado de Minas Gerais, a população negra tem presença maciça nas suas obras. Nas fotos de Chichico, os negros já libertos representam-se como se veem ou querem ser vistos. Suas identidades já não estão sob controle, e assim respondem às expectativas sociais e aos desejos mais íntimos de autorrepresentação. As imagens mostram diversos modos de encenação, de vestir, de encarar a câmera, porque ali estão, sem dúvida, indivíduos (FERRAZ, p. 18, 2017). Realizada no seu segundo – e definitivo –, estúdio fotográfico no beco João Pinto, nº 86, e cujo funcionamento se estendeu de 1919 até meados de 1950 (FERRAZ, p.08, 2017), assim apresenta-se a imagem *Retrato de Família*,



Imagem 3: Retrato de Família. Autoria: Chichico Alkmim. Sem data. Local: Ateliê de Chichico Alkmim, Diamantina/MG. Acervo: Instituto Moreira Salles.

E sua interpretação e descrição, novamente, conforme Ferraz:

Repare-se na família negra com figurino bem composto, que exhibe sapatos de verniz brilhantes, lembrando que se enquadram numa realidade social em que simples sapatos eram praticamente um luxo. **A mãe exhibe com indisfarçável e doce orgulho seu bebê. Em torno, a prole bem cuidada. Não há ostentação, apenas dignidade.**¹⁹ Mais que isso, e apesar de tudo, é patente a origem modesta. O pai, de pé, firme, é o provedor, talvez garimpeiro, que recentemente terá descoberto bons diamantes e, em consequência, acumulado uns dinheiros. Mas quem será a moça branca de olhos baixos? Parece abatida, porventura humilhada. Que livro tem nas mãos e o que significa trazê-lo naquele momento? Era a governanta? Uma professora? Na terra dividida entre brancos senhores e criados negros, a cena

¹⁹ Grifo da autora.

seria uma inversão, sinal da (promessa de) mobilidade na velha pirâmide social? (FERRAZ, 2017, p.18).

O destaque que inseri no texto antecipa e reforça aquilo que desejo refletir a respeito: afinal, por que relacionar as duas imagens? Vamos nos deter, especificamente, no núcleo da mãe com o bebê no colo e as duas crianças que estão próximas ao seu corpo, dos dois lados.



Imagem 4. Recortes e similaridades das personagens de *Gueira Aceitar a Lembrança de Tua Irmã Geni* e *Retratos de Família*. Acervos ASN e Instituto Moreira Salles.

Quase que como um espelho, um atravessamento e, talvez, até um rebatimento que se desloca em tempo e espaço distintos, as posições das crianças, da mãe e das bebês em ambas as fotografias são semelhantes. As meninas de *Retrato de Família*, apresentam similaridades nos pequenos Eládio e Nilton de *Gueira Aceitar a Lembrança de Tua Irmã Geni*, seja na altura, nas vestimentas (os dois pares estão com roupas parecidas em cada imagem), nas posições das mãos e de aproximação junto ao corpo de suas mães e das cadeiras. Os olharesse destacam, a maneira como encaram a câmera. Assim como Geni, a posição corporal da mãe nesta fotografia também se faz no sentido de mostrar a criança, revelá-la e inscrevê-la no mundo a partir da imagem. Uma lástima não sabermos o nome destas personagens, fato comum a muitas coleções de fotografias de pessoas negras em contexto brasileiro, como já descrevemos na introdução destes escritos. As nossas imagens, ao contrário, são nomeadas.

Ao conversar à respeito das semelhanças das duas fotografias com o amigo e artista visual Rafa Éis²⁰, nos permitimos isolar e recortar as personagens da fotografia de Alkmim, o que possibilitou uma materialidade visual da ideia do espelho de uma imagem na outra, através da representação da inversão, como também podemos pensar na ideia de duplo (para além do tempo e espaço das imagens) já que as posições como descrevemos, são semelhantes. No primeiro exercício de análise imagética invertemos as meninas e a mãe de *Retratos de Família* assim, imaginadas “frente a frente”, as personagens se encontram e no exercício do duplo apenas recortamos e colocamos em sequência na mesma posição todas as personagens,



²⁰ Rafa Éis (Rafael Silveira, Porto Alegre/Rio de Janeiro), é artista, educador, curador e tatuador. Licenciado em Artes Visuais pela UFRGS e Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pela UERJ, trabalha com desenho, objeto, tatuagem, ações relacionadas e performáticas como gestos de invenção de si. Atualmente é responsável pela área das artes visuais das oficinas da COART - UERJ. Em abril de 2021, Rafa Éise eu ministramos o curso *Racializando as Artes Visuais: Desenho e Retratos de Família* na COART-UERJ.



No artigo *Diamantes, Vidro, Cristal*, escrito pelo curador Eucanaã Ferraz à respeito da obra e trajetória de Alkmim, encontra-se a seguinte descrição:

Uma fotografia pode ter o seu valor determinado pelo poder de sedução, pelo estranhamento, pela presença de forças que parecem impessoais ou indecifráveis e que se manifestam menos na técnica, no apuro formal ou numa suposta originalidade do que numa fascinação difícil de explicar. As fotografias de Chichico, em sua maioria, dão sinais desse magnetismo, que parece vir de seus retratados, mesmo quando a composição demonstra domínio de proporções, perfeito controle da luz e do foco e assim por diante. O que nos fascina é a *pessoa*. [...] O vestuário, simples, pobre ou requintado, é sua parte mais “falante”, porquanto participa da vida íntima dos indivíduos, mas também dos códigos coletivos da moda (FERRAZ, p. 14 e 15, 2017).

Da mesma forma com que o autor descreve a obra de Chichico inserida na fascinação pelas pessoas retratadas, *Gueira Aceitar a Lembrança de Tua Irmã Geni* apresenta igual magnetismo. Apesar de apresentar diferenças nas questões técnicas da imagem de Alkmim, no caso a fotografia feita no interior do RS, foi realizada numa posição de sol pleno como já descrevemos, a sombra do fotógrafo se encontra refletida no chão à esquerda da imagem, além de que os pés dos meninos estão cortados e de que uma imagem possui mais definição e

está menos granulada do que a outra.²¹ Também existem diferenças sociais e hierárquicas entre ter acesso a uma foto de estúdio e a um retrato na rua. De toda forma, não deixa de ser interessante que as escolhas de ambos os fotógrafos e posições dos retratados se assemelhem.

Portanto, a partir desta fotografia se abre a possibilidade de conexão estabelecida entre diversos laços: laço de tempo, laço de matéria, laço de energia, laço de espaço. Como experienciar fisicamente um encontro que se estabelece no *entre*, nas relações que se explicam na e para além da matéria. Através dos olhos de vó Geni, ainda jovem, foi possível entender corporalmente a relação espaço – tempo através da continuidade dos elos. Que sonhos ela carregava consigo? Que desejos tinha para si e seus filhos? Como estava se sentindo nesse momento? Onde estaria seu esposo Antenor? É como o encontro dos rios e seus caminhos cheios de curvas com a imensidão do mar.

Parafraseando a escritora Conceição Evaristo, de fato, o sorriso de minha avó e o encontro com a sua grafia, é um dos lugares de nascimento de minha escrita.²² A partir desta imagem e dos movimentos por ela proporcionados pude entender a importância do registro fotográfico e da salvaguarda de documentos para gerações da família. É como diz Nego Bispo sobre as gerações: avós, mães e filhas: começo, meio, começo (BISPO, 2015). Esta fotografia é central na trajetória desta dissertação e, por isso, a importância de prestar a devida reverência para apresentar as histórias que aqui reunimos e de que fotografia elas partem, sejam as histórias que me contam e me contaram, em primeira, segunda, terceira e em muitas pessoas. Primeira pessoa do plural. Vó Geni é a abertura dos caminhos, o vento e o fogo aceso, a chama forte.

²¹ A respeito dos autores das imagens ou estúdios que as revelaram encontramos limites de identificação. Serão abordadas algumas possibilidades de debate a respeito disso nos próximos capítulos a partir da memória das personagens e de eventuais carimbos inseridos nos versos das imagens.

²² Referência ao texto “Da grafia de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, de Conceição Evaristo. Apresentado pela primeira vez em 1995 no VI Seminário Mulher e Literatura, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Evaristo tece a sua relação com a escrita ao longo dos anos a partir da imagem gesto movimento-grafia de sua mãe ao tomar um graveto como lápis e escrever um sol na terra. É nestes escritos que encontramos também a célebre frase da escritora: “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los de seus sonos injustos”. O texto na íntegra está publicado em seu blog pessoal *Nossa Escrevivência*, e nos livros: *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21 e em *Escrevivência: A escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. (org) Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020 (p. 48 - 54).

1.2 Na *Parede da Memória*¹ as raízes mais profundas: um legado ancestral negro em Estância do Meio

Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. [...] Eu tenho o direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico [...] A terra é meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (NASCIMENTO, 1989 apud RATTIS, p. 59, 2006).



Imagem 5: Da esquerda para direita, em pé: João Florêncio Soares, Geni Soares Fontoura, Fernando Soares, Eva Soares, Francisca Gonçalves de Souza, Jorge Antonio Rodrigues. Agachadas: Zoemi, Doroti Farias Soares e Márcia Soares. Fotógrafo: Mário Ermínio Soares Fontoura. Acervo Elenita Fontoura Paulo (EFP). Local: casa de Francisca Soares em Estância do Meio.

¹ O título faz referência direta à obra *Parede da Memória*, de 1994, de Rosana Paulino, obra que inaugura a carreira da artista. Ao utilizar onze fotografias de seu acervo familiar impressas em pequenas almofadas de tecido de algodão, as peças se assemelham aos patuás, amuletos de proteção e do sagrado no candomblé.

Pertencente ao Acervo Elenita Fontoura Paulo, esta fotografia revela três gerações de homens, mulheres e crianças da rede familiar Soares de Souza e Gonçalves Ribeiro. Em processo avançado de decomposição, causado pelo tempo e demais agentes externos, a imagem revelada está desaparecendo. Nela, da esquerda para a direita em pé, temos os irmãos João Florêncio Soares, conhecido como Tio Joãozinho, Geni Soares Fontoura, Fernando Soares (também se encontram registros com a grafia Fernandes). Ao centro Eva Soares, esposa de Fernando, ao lado da matriarca Francisca Gonçalves de Souza (também com a grafia Francisca Gonçalves Ribeiro, seu nome de solteira) e Jorge Antonio Rodrigues, à época namorado e futuro esposo de Gilda Maria Soares Fontoura. Agachadas estão as meninas Zoemi, filha de criação de Geni e Antenor, ao lado de Doroti Farias Soares, a Dica e Márcia Soares, filha e neta de Joãozinho. Não há registros ou informações no verso da foto.

Ao fundo vemos a casa de tábuas em que Francisca vivia com o casal Fernando²³ e Eva. A construção é comum entre as famílias pobres do Rio Grande do Sul. O telhado da cozinha era feito de capim de Santa Fé, erva que compõe a vegetação típica da região, encontrada próximo a terrenos extremamente úmidos e lodosos. O registro se deu por conta de um convite de Geni a seu genro Jorge para visitar a casa de sua mãe. Além deles, também os acompanhava na visita Mário Ermínio Soares Fontoura, filho caçula de Geni, neto de Francisca, a quem Jorge, em leitura compartilhada, atribuiu a autoria da foto realizada com uma câmera que possuía e havia levado no dia da visita.

A partir de uma análise da indumentária apresentada na imagem, refletimos a respeito de uma série de signos presentes no contexto negro rural do pós-abolição do Sul do Brasil e inseridas num contexto mais amplo a partir de imagens de pessoas negras em outras partes do país. Joãozinho e Fernando eram agricultores, trabalhavam nas plantações de arroz da região. Segundo Jorge, Joãozinho era exímio entendedor do tempo do plantio, tinha “boa mão”. Ele recorda que, ao chegarem na casa, Fernando estava lidando com a cana no engenho que Francisca mantinha com o intuito de fazer melado e garapa tanto para consumo próprio quanto para oferecer às visitas. Joãozinho está com as calças dobradas na ponta e descalço, algo presente também nas meninas. É sabido que, durante a escravidão, o calçado era um sinal distintivo da condição social: escravizados são representados descalços e gente livre ou liberta calçava sapatos como

²³ Fernando Soares faleceu em julho de 2020.

emblema de ascensão que haviam conquistado. É claro que também podemos refletir que não estavam utilizando sapatos ou chinelos porque estavam em casa, talvez as meninas estivessem brincando ou correndo pelo terreno e foram chamadas no instante para tirar a fotografia, sem tempo de buscar e calçar os chinelos. Para além, é interessante observar que os quatro estão com as cabeças protegidas (muito comum como uma proteção do sol), as duas mulheres utilizam lenço e os homens, chapéus. Jorge, inserido num contexto urbano, recém saído do Serviço Militar e prestes a se tornar um estudante universitário, está de tênis, camiseta e suas calças não estão dobradas. Geni e Zoemi também utilizam sandálias.

Enquanto Geni posa lado a lado com os irmãos, a figura de Eva se sobressai frente aos demais e ao marido. Ao mesmo tempo nota-se uma pequena tensão na posição de seus braços e ombros não relaxados. Talvez um sinal de timidez frente a câmera? Os olhares e sobrancelhas semi fechados de todos sugerem um dia de sol. Com relação às meninas, é notável a imagem de Zoemi que não encara a câmera (algo recorrente nas fotografias que os acervos guardam da menina), talvez tenha se distraído com alguma outra coisa no momento da fotografia, ao mesmo tempo que ao olhar para baixo, parece distante. Serena e aparentemente mais velha que as outras duas, Doroti busca e compartilha afeto ao dar-lhes a mão. Márcia, de bico na boca, olha para o fotógrafo.

Encontramos o par da referida imagem no Acervo GFR. Aqui, ainda com o fundo da casa de Francisca, Fernando e Eva, estão Márcia, Doroti, e Jorge. Em termos de preservação, esta imagem encontra-se mais conservada, pois compõe um álbum de fotografias e está protegida por um plástico. Assim como a primeira, seu verso não contém informações. Uma seguiu imediatamente da outra? E Zoemi, estaria próxima? Assim como na imagem anterior, as meninas Márcia e Doroti mantêm o olhar fixo na câmera, enquanto Jorge parece observar o que estava acontecendo em paralelo. A casa apresenta-se também como fundo, agora com as janelas fechadas e à direita se vê um pouco do arvoredo e das cercas do terreno. As meninas seguem descalças enquanto que, ao olharmos para os pés de Jorge, se observa que a longa caminhada da casa de Geni até a casa de Francisca (cerca de 2h ou mais a pé), foi feita em um dia de sol quente, no qual a poeira da estrada deixou rastros em seus sapatos. Buscando aproximação das meninas em um ligeiro abraço, demonstra afetuosidade.

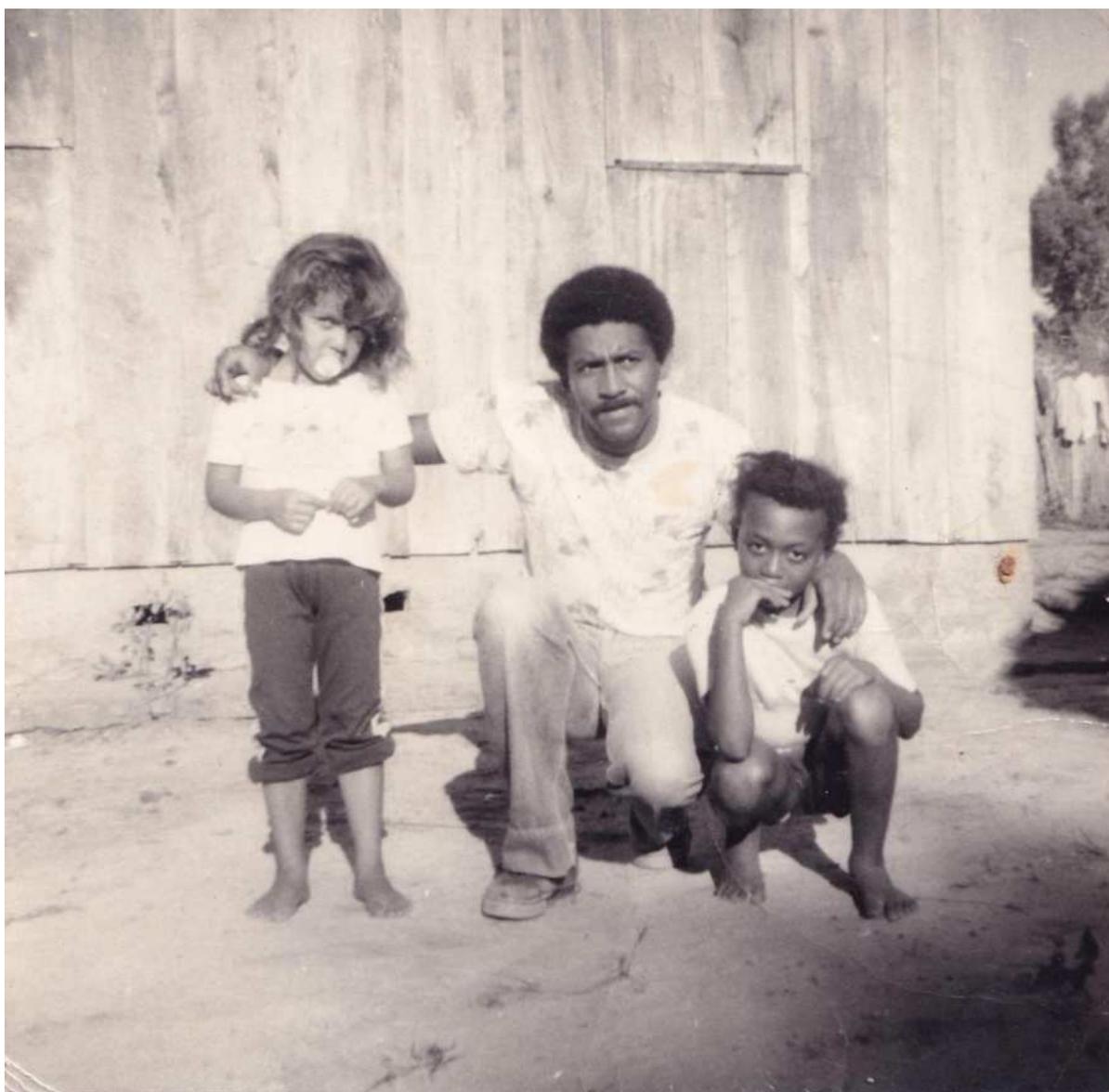


Imagem 6: Márcia Soares, Jorge Antonio Rodrigues, Doroti Farias Soares. Acervo Gilda Maria Fontoura Rodrigues. Casa de Francisca Soares em Estância do Meio. Fotógrafo: Mário Ermínio Soares Fontoura.

Encontrar correlações, pares e complementações entre as imagens dos três acervos foi uma constante durante a investigação. Além desta, algumas fotografias 3x4, assim como imagens de retratos, de festas e viagens encontram continuidades, pares, duplos, imagens coirmãs, principalmente entre os acervos de Gilda e Elenita o que sugere o conhecido hábito de presentear um familiar, ou alguém com uma recordação ou lembrança. Ao conversar com minha mãe a respeito desta imagem em seu acervo, ela descreve: “eu não tava lá fora. Se não teria ido, tava em Santa Maria. Ele (Jorge) foi e aí depois eu ia, mais tarde. Tava trabalhando no mercado. Isso foi bem no início, quando nós começamos a namorar, nós começamos a

namorar em 1977²⁴”. Neste caso, podemos refletir que talvez tenha sido Jorge quem presenteou Geni com a imagem já que a primeira encontra-se no Acervo EFP que é herança de Geni.

Entre os campos e estradas de Estância do Meio, onde estas fotografias foram tiradas, é que estão as raízes ancestrais desta narrativa. Na localidade, encontram-se as terras herdadas por Francisca, da linhagem Gonçalves Ribeiro e o sítio, herança ancestral advinda de Aristides Soares de Souza, seu esposo e, conseqüentemente, da linhagem Soares de Souza. São estas terras, que vem a inserir esta rede familiar como quilombola, bem como determinar as reivindicações a respeito de território remanescente²⁵ de quilombos que insere a família numa rede mais ampla de famílias e descendentes que estão na mesma região. A respeito deste território negro, descreve Rubert,

As localidades de Cerro do Formigueiro, Cerro do Louro, Timbaúva e Estância do Meio estão situadas próximas da divisa com o Município de Restinga Seca. As famílias negras que nela residem estão agrupadas em vários pequenos núcleos, ao longo das estradas que dão acesso a essas localidades, mas há uma rede estreita de parentesco integrando-as, a despeito das diversas origens das áreas que ocupam,/ o que se relaciona aos vários ancestrais ex-escravos que demarcam aquele espaço enquanto território negro. (RUBERT, p. 85, 2005)

²⁴ Depoimento gravado de Gilda Maria Fontoura Rodrigues em 01 de maio de 2021 na cozinha de sua casa em Caxias do Sul/RS.

²⁵ Em 2003, foi aprovado o decreto federal 4.887 que determinou que os remanescentes de quilombos fossem aqueles grupos étnico-raciais, segundo critério de autoatribuição e que tivessem uma trajetória própria.

Como parte das pesquisas do Projeto RS-Rural²⁶, a professora Dra. Rosane Rubert,²⁷ em 2005, deu início a um importante levantamento sócio antropológico preliminar pela região, que deu origem ao livro *Comunidades negras rurais no RS: um levantamento sócio antropológico preliminar* e culminou em sua tese *A Construção da Territorialidade: um estudo sobre Comunidades Negras Rurais da Região Central do RS*. Tais estudos são importantes aliados às fontes orais, visuais e escritas que tivemos acesso durante o campo etnográfico e proporcionaram uma correlação de análises a fim de compreender as redes de parentesco que se formaram na região e que perduram até os dias de hoje. No levantamento sócio antropológico, além das comunidades da região de Formigueiro, também constam informações e análises etnográficas iniciais a respeito de famílias.

“Onde é o Sítio?”, “que Sítio é esse que vocês estão falando?”, “é longe?”, “dá pra ir a pé?”. Foram muitas as vezes que perguntei às minhas mais velhas onde era o Sítio. Dos deslocamentos até lá, Gilda conta: “Às vezes a mãe ia de aranha pra lá, voando na estrada, eu tinha um medo de cair que nem sei”. Aranha é uma espécie de charrete, veículo de deslocamento nas estâncias e fazendas. Meus avós tinham uma carroça puxada por bois e uma aranha à disposição para o trabalho e andanças pelo território.

Não foram poucas as vezes que tentei chegar até o sítio, ou fazer com que me levassem até lá. A última delas resultou em um acidente e um joelho fraturado, mais uma das histórias “típicas” de pesquisadora em campo. Nesse momento, entendi que tudo tem seu tempo e por hora, parei de insistir. Em 2019, numa destas tentativas de ao menos visualizar

²⁶ Ocorrido no início dos anos 2000, o Programa RS-Rural, sediado na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul e viabilizado por meio de convênio entre o Governo do Estado e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Elaborado com objetivos de combate à pobreza no meio rural, passou a destinar, em razão de pressões dos movimentos sociais, rubricas exclusivas para “públicos-especiais”: indígenas, remanescentes de quilombos, assentados da reforma agrária e pescadores artesanais (RUBERT, p. 18, 2005).

²⁷ Agradeço à professora Dra. Rosane Rubert por gentilmente fazer cópias de seus escritos e encaminhá-los por email. Além de se colocar à disposição para trocas a respeito das problematizações do território, a professora também disponibilizou a íntegra o *Projeto Capacitação das comunidades negras e remanescentes de quilombos da região central do RS - municípios de Formigueiro e São Sepé*, financiado pelo Ministério Público Federal - e pelo Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ), em 2009. Tal estudo, centra-se nos diagnósticos sobre ancestralidade escravizada e ocupação territorial nas comunidades de Faxinal da Eugênia, Fundo do Formigueiro, Rincão do Capim e Costa de Santa Bárbara, próximas a Timbaúva e Estância do Meio. O documento conta com importantes genealogias de famílias negras da região, inclusive com determinados nomes e sobrenomes que – neste primeiro momento por hipótese para o desenvolvimento de análises futuras –, podem estar correlacionados às tias e parentes da Família Soares e de Antenor dos Santos Fontoura. Também agradeço às irmãs Atinukés Patrícia Xavier e Maria do Carmo Moreira Aguilar que me encaminharam os contatos da professora Rosane e me disponibilizaram sua tese que até então estava disponível somente em formato físico na Biblioteca da Faculdade de Economia da UFRGS.

um pouco deste vasto terreno, localizado em Estância do Meio, vilarejo ao lado de Timbaúva, embarquei no ônibus Argenta, por volta das 12h30 acompanhada por Tia Elenita e Leonarda (Mana). À medida que o ônibus avançava pela estrada de terra a vegetação ia mudando completamente, os grandes campos abertos característicos de Timbaúva, tomados pelas plantações de arroz características, iam dando lugar a uma vegetação de mata mais densa e fechada, de morros, pequenos açudes, campos com eucaliptos, grandes e lindos ipês roxos.

Pedi a Mana que me avisasse quando estivéssemos próximas do Sítio. Estávamos sentadas do lado esquerdo no ônibus e, de repente, ela virou o corpo para trás no banco e me chamou. “Li, o sítio começa aqui. Aqui são as terras da vó, essas casas aqui moram nossos parentes, também tem as divisões dos terrenos. Lá naquela estrada é onde vai pra casa da vó Chica, se vai caminhando até lá”. Era uma estrada a perder de vista e no rápido passar dos olhos pela janela do ônibus entre a poeira que se levantava, meus olhos estavam maravilhados por saber finalmente onde fica o sítio. As casas dos parentes, duas ou três, de tijolo simples, sem reboco, próximos à estrada, formavam aqueles núcleos familiares. Tio Nilton me descreveu o tempo em que morou na casa, junto com sua avó Francisca: “quando a mãe morava na Picada Grande eu morava com a finada vó. Morei, saí de lá com nove pra dez anos. Fiquei lá com a vó. Deu onze filhos. A filha mais nova da turma é a tia Rosa”.

É nesta estreita rede de parentesco da qual a autora se refere que está inserida a nossa rede familiar. Sempre disseram que quem poderia me explicar sobre o sítio, as terras de Estância do Meio e os *troncos véios* que lá viveram seria Tia Naura. E de fato, em uma longa entrevista gravada em vídeo em um final de semana de imersão familiar em sua casa, compartilhada por mim e sua neta Kassiele (a respeito destes dias, o relato etnográfico está descrito no capítulo 2), conversamos longa e calmamente sobre os de Souza, Soares, Gonçalves, Ribeiro. A gravação do depoimento tinha como principal objetivo abordar trajetória de vida de Tia Naura e nossos antepassados. Através da fala e da memória de nossa mais velha, estão entrelaçadas a história da escravidão como podemos recuperá-la dos arquivos e do registro histórico e a memória coletiva do que significa ser escravizado, segundo as lembranças que foram passadas aos descendentes (MATTOS e RIOS, p.07. 2005). Nesse sentido, entrecruzadas pelo aprendizado da geração tia-avó e transmitido à geração neta se fez esta entrevista, um inscrever-vivendo através do encantamento das palavras e na ancestralidade. O que se pode notar na transcrição de parte da conversa entre Anaurelina e eu:

Iliriana: A primeira pergunta, queria saber da senhora o seu nome completo, em que ano a senhora nasceu, e onde a senhora nasceu...

Anaurelina: Meu nome completo é Anaurelina Soares do Nascimento.

Iliriana: Em que ano a senhora nasceu?

Anaurelina: Em 2033.

Iliriana: 1933?

A: 33. E aí eu nasci ali no município de Estância do Meio. Que é onde moravam os pais da minha mãe, que eles naquela época eles eram descendência de... os pais dela foram escravos, a mãe e o pai. E aí depois que eles puderam casar. Aí que eles casaram né? A minha mãe é filha de escravos e eu sou neta. E aí a minha mãe, de irmão ela tinha oito irmãos.

Iliriana: E a senhora lembra o nome deles?

Anaurelina: Lembro. Um era Manoel Inácio Soares Gonçalves, o outro era Faustiliano Soares Gonçalves, o outro era Florindo Soares Gonçalves, as outras irmãs, que eram gêmeas, uma era Maximiana Soares Gonçalves, a outra era Pequena (pequena também) Soares Gonçalves, claro elas eram casadas mas o sobrenome né? não.... Tudo aí e mais a Maria, a outra irmã da minha mãe, era Maria Gonçalves Soares, e a minha mãe chamava-se Francisca Soares Gonçalves, e o meu pai era Aristides Soares de Souza.

Iliriana: Ali onde a senhora diz o sítio, onde a senhora nasceu...

Anaurelina: Lá onde nasci era Estância do Meio. Lá onde eu nasci foi Estância do Meio.

Iliriana: E lá foi adquirido por quem?

Anaurelina: Foi adquirido pelos pais da minha mãe. Ele ganhou dos patrões dele, que ele era escravo e depois eles doaram um hectare, bastante terras pra eles, pro casal né, pro Lisbão Gonçalves e pra Maria de Paula que era mulher dele, que era o nome da minha avó, da mãe da minha mãe. E a [mãe] do meu pai era Maria Joaquina. Só que ela...

Iliriana: O nome da sua vó por parte de pai era Maria Joaquina?

Anaurelina: Era Maria Joaquina Soares.

Iliriana: E a senhora lembra o nome do esposo dela?

Anaurelina: *Não. O meu pai tinha mais irmãos, só que...*

(arregala os olhos, ri e fica em silêncio)

Iliriana: A senhora chegou a conviver com algum deles?

Anaurelina: *Não, não convivi com nenhum e não conheci eles porque a minha mãe, os pais dela morreram muito novo a mãe e ela casou com dezesseis anos. Casou com dezesseis anos então eu não conheci nenhum dos dois porque eu sou das mais moça da família. Eu não conheci nenhum dos dois bisavô, só conheci a minha vó por parte de pai, a Maria Joaquina. Essa eu conheci bastante, até a idade de uns vinte anos eu conheci ela.*

Iliriana: E ela também foi escravizada?

Anaurelina: *Não, eu acho que não porque ela era do município de Formigueiro, ela não era daqui não. Mas não foi dos escravos não...se era....mas não chegou a...os pais da minha mãe é que foram. Ela já foi mais descendência, não chegou a ser escrava não.*

Iliriana: Ela era negra?

Anaurelina: *Bem, bem, bem negra.*

Iliriana: A senhora estava falando dos irmãos...vocês moravam todos juntos no sítio?

Anaurelina: *Dos irmãos da minha mãe? Todos no sítio que foi dado dos patrão que eram escravos do meu bisavô. Então ele deu uma quantia grande de terras porque todos os irmãos da mãe tinham uma quantidade de terras. Porque aí eles foram crescendo e era grande a quantidade de terras, todos tiveram.*

Iliriana: Todos moravam lá?

Anaurelina: *Todos menos a que casou com um que morava em Formigueiro, as gêmeas. Aí moravam lá no município de Formigueiro. Rincão dos Capim. E a outra minha tia que era gêmea morava na Colônia da Aroeira, tudo era irmã da minha mãe. Mas assim aí casou com outros descendentes né, mas ela teve a parte igual.*

Iliriana: Onde era a Colônia de Aroeira?

Anaurelina: A Colônia de Aroeira é ali no município de Formigueiro. É colônia porque é tudo italiano já. Já não é mais assim...brasileiro. É tudo misturado. Ali já é outra...é, município de Formigueiro.

Iliriana: Eu tenho muita curiosidade de saber como era o sítio, porque eu não conheço....

Anaurelina: Ah o sítio eram as casas, tudo pertinho. Era perto, não tão pertinho. os irmãos da mãe moravam tudo pertinho. Ah e ainda tinha um outro, tinha um....Ernesto! Esse era irmão da mãe, esse era bem perto da nossa casa e tem até hoje a casa onde morou a minha mãe. Perto era irmão dela, bem pertinho. Tudo perto as casas dos irmãos assim perto, tudo perto! Assim perto, tudo era ao redor.

Iliriana: E como era o dia-a-dia de vocês?

Anaurelina: Nós sempre fomos agricultor, plantando. Todo mundo plantava. Tudo que era planta tudo, tudo, tudo. Nós principalmente, nós plantava, fazia melado, nós plantava de tudo, feijão, milho, tudo.

Foi a partir desta conversa com Tia Naura que conseguimos entender as tramas de parentescos estabelecidas no território e que configuram esta rede familiar até os dias atuais. Construir²⁸ esta genealogia amparada em documentações e, principalmente, na oralidade de Tia Naura é algo significativo. A respeito das famílias da região, descreve Rubert:

Assim como no Passo dos Brum/Formigueiro, alguns ascendentes destas famílias negras são oriundos de Caçapava e para lá se deslocaram após a abolição e em busca de trabalho. Outras famílias são descendentes de escravos que trabalhavam na Estância do Meio, de propriedade da família Simões Pires. Algumas famílias com as quais se conversou têm como referência um antepassado comum chamado Lisbão Gonçalves, que seria filho de uma escrava com um dos estancieiros da família Simões Pires. Lisbão, por sua vez, fora casado com uma escrava chamada Maria Paula. Por ter sido filho do estancieiro, teria recebido uma “deixa” como herança. (RUBERT, p. 85)

Esses são os nomes que acessei ao longo da pesquisa. Agradeço. Eis aqui um pouco das nossas raízes firmadas em terras quilombolas. Lembrando que o meu trisavô, em 1846, ganhou o nome de Elesbão, possivelmente, como uma homenagem ao santo negro do mesmo nome.

²⁸ Agradeço imensamente ao amigo Rafa Éis que desenhou a árvore de Timbaúva ao fundo da imagem, fruto de uma fotografia de uma das árvores que estão no terreno Soares Fontoura, e também desenvolveu a concepção visual da genealogia.

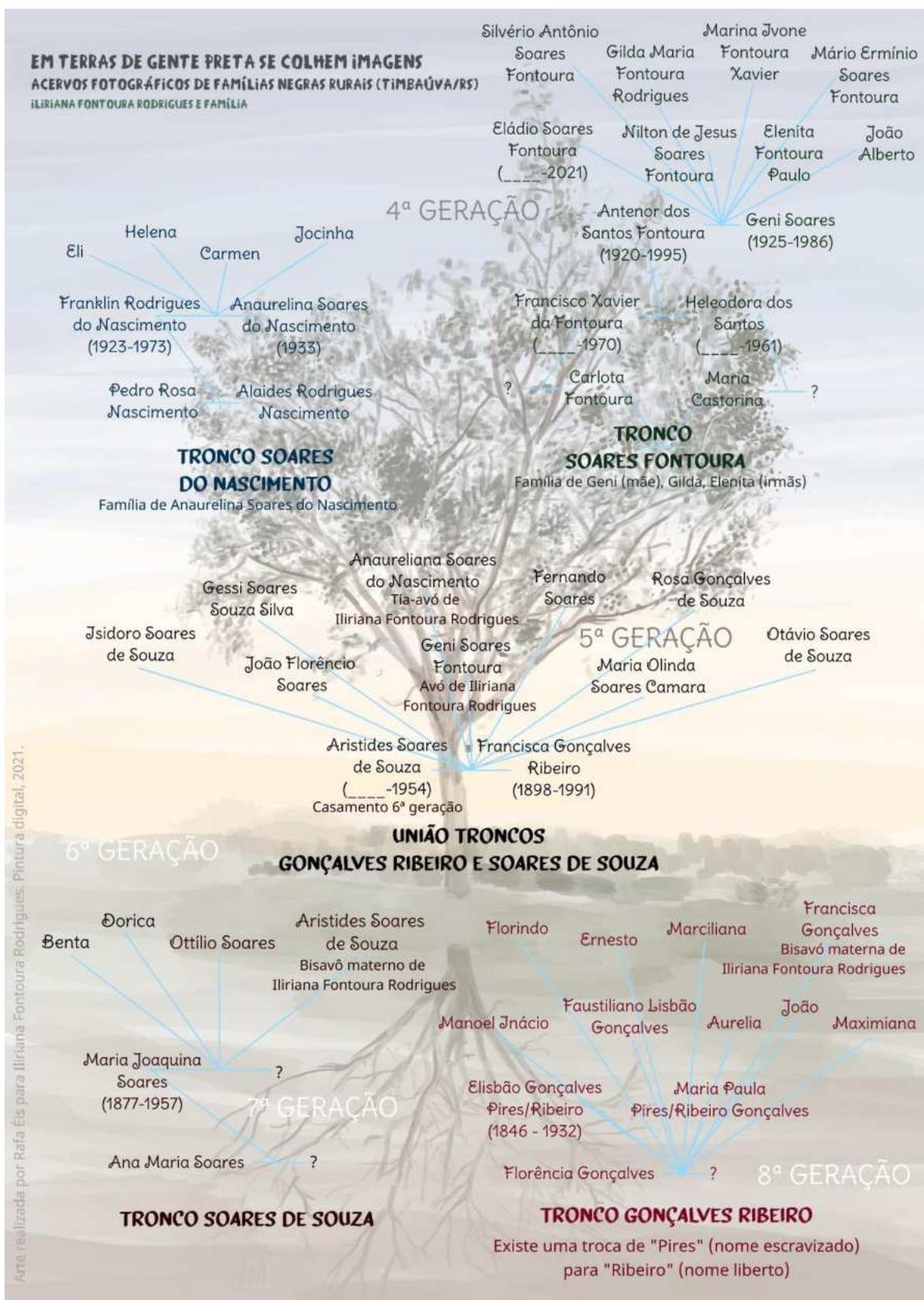


Imagem 7: Genealogia da Família Soares Fontoura e Soares do Nascimento. Autoria: Iliriana Fontoura Rodrigues e Rafa Éis. 2021.

As conversas geradas pelas fotos levam a lembranças que nos levam a outras fotos, documentos e memórias de família que reconstroem a história negra do interior do Rio Grande do Sul e remontam à existência de uma personagem importante da história brasileira: a do tropeiro, que foi um dos pilares da nossa economia por muito tempo. Ele era uma figura da modernização e que circulava pelo país, em especial, pelo sul e pelo sudeste. Boa parte dessas “tropas” era composta por homens negros. Minha família é remanescente também desta tradição tropeira e essa é uma das nossas marcas de relação com a terra, com o trato dos animais, com a liberdade. As imagens que compartilhamos aqui dão nome e família a esses tropeiros e seus descendentes. Eles não estão sós.

1.3 Caminhos de Timbaúva: As terras das Família Soares Fontoura e Família Soares do Nascimento



Imagem 8: Gilda Maria Soares Fontoura e Antenor dos Santos Fontoura. Local: Terras da Família Soares Fontoura em Timbaúva. Acervo Gilda Maria Fontoura Rodrigues (GFR).

Sonhei com o pai. Ele chegava na porteira montado em um cavalo. Eu via ele, estava na cozinha fazendo o almoço. “Pai, o senhor está com fome? Fiz dois ovos fritos pro senhor.” “Não, fia. Já comi, não tô com fome. Mas tudo bem, o pai come o almoço que tu fez”. Minha

mãe relatou esse sonho²⁹ para meu pai e eu enquanto estávamos almoçando, durante a quarentena em função da covid-19, em 2020. O sonho é o mistério. A relação do vô conosco permanece através dos cavalos. Ouvi minha mãe com atenção, perguntei se ela lembrava de mais alguma coisa, disse que não. Em silêncio, refleti que, em meus sonhos, vô Antenor também costuma fazer visitas montado em um cavalo, ou nós conversamos através deles. Às vezes a gente se abraça, um afeto carregado de saudade. Orientações são feitas, encaminhamentos (muitos levaram bom tempo a entender). Certa vez sonhei que estava em um círculo rodeado de cavalos correndo em volta. Em um dos encontros mais recentes, nos vimos, ele estava sentado na frente da sua casa e antes de nos despedirmos mais uma vez disse "te amo, vô". E ele seguiu. Eu, assim como minha mãe, acordei.

A velha porteira dos fundos do terreiro aberta, por onde entravam os animais de grande porte. Cavalos, vacas de leite, bois, ovelhas, terneiros. A divisão entre os terrenos feitas pelos troncos, como se vê na imagem que está um pouco desfocada, devido a velocidade lenta do obturador da câmera em questão. De um lado (onde está a posição do fotógrafo), o nosso, a casa do vô e da vô que hoje é casa da Tia Elenita, terra onde nos encontramos, nossa herança familiar. Do outro (onde Gilda e Antenor estão), parte dos

²⁹ Os sonhos são parte importante de minha construção de identidade, pertencimento e pensamento. Conversar e compartilhar sobre sonhos, escrever sobre eles é parte da caminhada. Tenho alguns cadernos de sonhos. Durante a pandemia resolvi estudar mais a respeito, aliando a interesses em neurociências e astronomia, pois a insônia que se manifestava de tempos em tempos, se tornou crítica e crônica. O medo de perder alguém (o que infelizmente veio a acontecer), o medo de morrer ou de algum amigo ser contaminado pelo covid-19, a desesperança inevitável com a falta de perspectivas diante de um governo genocida como é, no momento em que escrevo, a gestão política do Brasil (não vou colocar o nome do presidente atual nesta dissertação em respeito à grandeza das pessoas que aqui estão e desta narrativa, aos leitores do futuro é só relacionar a informação pandemia e governo brasileiro), impediu o corpo de descansar, desencadeou um estado de hiper-atenção, vigília, que não acaba nem na hora do descanso. Assim estamos desde março de 2020. Portanto, dando prosseguimento ao primeiro capítulo desta escrita, está a reivindicação principalmente o direito de sonhar através do sonho de minha mãe mais velha, de gostar sonhos e permanecer com os sonhos lúcidos. Conversar com meus avôs e avós em sonhos me levanta e me mantém viva. No livro *O Oráculo da Noite – A História e a Ciência do Sonho*, o neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro descreve que: “No seu melhor, os sonhos são a própria fonte de nosso futuro. O inconsciente é a soma de todas as nossas memórias e de todas as suas combinações possíveis. Compreende, portanto, muito mais do que o que fomos – compreende tudo que podemos ser. [...]o sonho, é a possibilidade de imaginar os futuros em potencial através de um mecanismo capaz de prospectar a experiência pregressa e formar novos conglomerados psíquicos, juntando ideias antigas de forma nova. Todas e todos que tiveram ideias bem-sucedidas e transformaram o mundo, aquelas e aqueles que conseguiram se transformar no que almejavam, todos sem exceção e por definição viveram os dias e as noites quando ainda não haviam realizado nada daquilo. E então sonharam”. (Ribeiro, 2019, p. 99)

(muitos) hectares da Família Baldoni Schirmann. O vô era filho de criação³⁰ da senhora Natália Baldoni Schirmann. Na imagem, vemos Gilda Maria Soares Fontoura³¹ ao lado de seu pai Antenor dos Santos Fontoura. Ao fundo, entre a paisagem verde, repleta de árvores e campos, vemos uma pontinha da curva do morro, na estrada de chão que nos leva até Cerro do Louro (hoje Vila Loro), Timbaúva, Estância do Meio, nosso *lá fora*. Lá fora para quem foi para cidade com o intuito de trabalhar, mas nasceu e cresceu por estas terras e sabe para onde voltar, numa vivência semelhante ao que descreve Molet (2018): “Lembro-me que retornávamos lá fora para visitar os parentes que ficaram. À noite, à luz das lamparinas, com o fogão à lenha aceso, as histórias emergiam. E nestes laços teci relações de amizade, de respeito com o campesinato negro litorâneo”. Esse caminho pelas estradas de chão batido do pampa, provavelmente fazemos até de olhos fechados, guiados pelo cheiro, pelo vento, pelo barulho das árvores e do cascalho misturado na terra.

Gilda, ainda menina, veste um casaco laranja, uma camisa clara e chapéu. Parece sorrir e assim como o pai aparenta estar de pés descalços. “O pai andava a cavalo de pés descalços mesmo, por isso ele vivia com os pés tudo rachado”, contou. Ao seu lado o senhor Antenor, compartilhando com a fia mais uma das suas andanças à cavalo. Veste um

³⁰ A fins desta dissertação, que se refere mais à parte materna deste núcleo familiar, advinda da Família Soares não desenvolvi uma pesquisa aprofundada a respeito da trajetória de vô Antenor, dada a complexidade das relações que se estabelecem entre a sua história e a Família Baldoni Schirmann. Apesar disso, podemos descrever que filho de criação é uma categoria de análise importante na trajetória da família pois, através destas relações, vô Antenor recebe uma herança importante e determinante na trajetória familiar pelos Baldoni Schirmann. Na tese intitulada *Vida de Filho de Criação na Zona da Mata de Minas Gerais*, Azevedo (2017) assim descreve a categoria: “Como a própria expressão informa, a intenção é *criar*, de modo que é preferível *pegar para criar* bebês ou crianças bem pequenas a crianças maiores. Embora seja comum referir-se à prática como *adoção* e ao *filho de criação* como *adotivo*, não se trata de adoção legal. A criança é *dada* pela família consanguínea para outra família *criar*. Vários são os motivos que levam uma família a dar um ou mais filhos. O mais comum é a pobreza econômica para o sustento de uma prole numerosa, embora outros sejam igualmente (ou, analiticamente, mais) relevantes; como a doação de um filho em retribuição a um *favor* ou a mãe consanguínea *não gostar de filha mulher*. Do outro lado, são também diversos os motivos que levam famílias a *pegar para criar*, mas, entre eles, há algo em comum, seja em *famílias de criação que têm dinheiro*, seja naquelas economicamente pobres: o desempenho de funções preestabelecidas segundo o sexo e a expectativa de retribuição à criação”. (AZEVEDO, 2017, p.15). Ainda a respeito de alguns estudos sobre a categoria no Brasil e principalmente no ambiente rural, podemos referenciar a partir da autora: “No Brasil, a “circulação de crianças” começou a ser observada na década de 1980 pela antropóloga Cláudia Fonseca, cujo estudo foi desenvolvido em bairros populares e em arquivos públicos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (...). No contexto rural, a mobilidade infantil é transversalmente observada há mais tempo (Moacir Palmeira (1973), Afrânio Garcia (1983), Margarida Maria Moura (1988), Beatriz Herédia (1988). Recentemente, a antropóloga Emília Pietrafesa de Godoi (2009) dedicou-se às várias faces da “circulação de crianças” entre os camponeses do sertão do Piauí. ³¹O sobrenome Rodrigues foi incluído em dezembro de 1985 do matrimônio com Jorge Antonio Rodrigues. Tirou-se o sobrenome Soares, de sua mãe. Nesta dissertação, procurou-se descrever os nomes, sobrenomes e alterações advindas de uniões civis das mulheres aqui relatadas, assim como demais alterações decorrentes dos primeiros anos de liberdade no pós-abolição.

casquinho, uma camisa, um chapéu. Estaria voltando do trabalho nas fazendas e a menina foi ao seu encontro? Estariam voltando da *venda* ou de uma volta a cavalo? Ou apenas posando para uma foto? Os pelegos encilhados, sempre bem cuidados, feitos de pele e lã de ovelha, ele mesmo fazia, quando carneava um animal (no final do ano) e deixava tudo guardado no galpão de tijolos que já não existe mais.

Adentrar as terras dos Fontouras através dos cavalos é algo simbólico. Todos os filhos e filhas de vô Antenor aprenderam a montar, o ofício foi ensinado independente do gênero. Conforme conta Tia Elenita: “o pai ensinou. Cavalo manso, né? Eu não sei se a Gilda aprendeu... a Ivone montava. Tinha a Pitiça que era mansa e empacava no campo”. Os netos e netas que tiveram a oportunidade de com ele conviver eram carregados na garupa do vô para dar uma volta, um passeio na estrada. Me recordo de alguns. No final de tarde, formava-se uma pequena fila na frente de casa e o vô nos levava, um por vez, para uma voltinha. Ali na garupa do cavalo, entre o trotar do animal e o balançar das crinas ao vento, ele nos segurava com a mão esquerda para não cair, conversando e a gente ia vivenciando a relação dele com os animais, que só deixaram de fazer parte do nosso cotidiano com a sua partida terrena.

Além da imagem de Antenor e Gilda, encontramos outra que integra o Acervo GFR, que reforça a relação dos filhos com o hábito de montar a cavalo, seja para transporte, passeio ou trabalho. Tais imagens também acabam por trazer outras possibilidades de visualidade a respeito do homem do campo gaúcho, que perpassam raça e gênero, aqui representado por um homem negro, uma menina e um jovem negro, bem diferente das tradicionais construções imagéticas a respeito do que é ser gaúcho, ou seja, a construção imagética de um homem branco. Marina Ivone revela que Mário, apesar de talentoso na lida, foi o que mais teve dificuldade para aprender a montar: “o pai colocava o Mário de um lado do cavalo e ele caía do outro, demorou para aprender”. Na imagem, vemos o jovem Mário Ermínio Soares Fontoura, quase no mesmo ponto em que anos atrás seu pai e sua irmã posaram para o retrato descrito. É possível estabelecer esta localização a partir do que informa a paisagem de fundo da fotografia, mesmo que a foto esteja um pouco manchada. Não há informações no verso da imagem. Enquanto que Gilda e Antenor estavam posicionados um pouco mais acima, pois conseguimos ver a estrada de chão que aqui não aparece, Mário está em mais umas portas do terreno, perto das taquaireiras que tanto nos acolheram com churrascos de domingo, e proporcionam sombra e vento fresco no verão.



Imagem 9: Mário Ermínio Soares Fontoura. Acervo GFR. Fotógrafo desconhecido. Ano desconhecido. Terras da Famílias Soares Fontoura.

A Família Soares Fontoura foi formada a partir do matrimônio de Geni Soares, e Antenor dos Santos Fontoura em 05 de maio de 1945. A união, realizada um dia após o aniversário de vinte anos de Geni foi feita perante o Juiz de Paz Otávio Pittelkow e registrada na cidade de Formigueiro, conforme consta na certidão de casamento³² do casal. Do matrimônio

³² Certidão de Casamento registrada em 05 de maio de 1945, livro nº B-6, fls 69 sob nº 692 no Ofício dos Registros Públicos da cidade de Formigueiro. No documento o nome de Geni está com a grafia com “Geny”. A certidão faz parte do Acervo GFR.

nasceram os filhos: Eládio Soares Fontoura (1946-2021), Nilton de Jesus Soares Fontoura (1948), Elenita Fontoura Paulo (1952), João Alberto Soares Fontoura (1953 - 2018), Silvério Antônio Soares Fontoura (1954-1999), Gilda Maria Fontoura Rodrigues (1956), Marina Ivone Fontoura Xavier (1962) e o caçula Mário Ermínio Soares Fontoura (1963). Além dos filhos biológicos, o casal também teve uma filha de criação, a menina Zoemi.³³ Nós, os Soares Fontoura, descendentes diretos de Geni e Antenor, nos ramificamos (até o momento) em dezenove netos e netas, quinze bisnetos e bisnetas e uma trineta.

No que se refere ao terreno da família em Timbaúva, este advém de herança de vô Antenor, conforme descrevemos acima, a partir de sua relação como filho de criação dos Baldoni Schirmann, família branca de origem alemã e grande proprietária de terras na região até os dias de hoje. Registrada em cartório em 29 de março de 1974, a doação pura e simples, foi feita pela senhora Natália Baldoni Schirmann, viúva, de afazeres domésticos e domiciliada em Santa Maria ao senhor Antenor Fontoura, agricultor, casado, residente e domiciliado em Formigueiro, está descrita conforme certidão:

[...] disse a Outorgante doadora, que é legítima proprietária do imóvel a seguir descrito, situado neste município de Formigueiro, no lugar denominado “Ribeira”, em zona rural, sem benfeitorias, a saber: UMA FRACÇÃO de terras de cultura, com área superficial e total de hum milhão, cento e quarenta e seis mil, novecentos e cinquenta metros quadrados (1.146.950 m².), confrontando-se ao Norte com terras dos Sucessores de Atilano Vicente Machado; ao Leste pela Estrada Municipal, parte pela Sanga do Jacaré e, parte com terras dos Sucessores de Aniceto Lima; ao Sul com a propriedade que é ou foi de José Silveira e, ao Oeste com as terras dos Sucessores de Percival Brenner que esse imóvel foi havido pela doadora por meação de seu marido Ernesto Emilio Schirmann, conforme partilha julgada em 31 de novembro de 1956, devidamente transcrita no Registro Geral de Imóveis da Comarca de São Sepé [...]

Segue o documento,

[...] em condomínio com os filhos da doadora, com área total de 229,3 hectáres [...], módulo 29,8 número de módulos 7,36 – fração mínima para parcelamento 13,0 hectáres; que pela presente escritura e na melhor forma de direito, doava, como de fato ora doado têm, ao outorgado donatário – Antenor Fontoura, uma parte do imóvel acima descrito [...], situado dentro daquela propriedade [...] e, desde já cede e transfere ao mesmo outorgado donatário toda a posse, domínio, direitos e ações que sobre aludido imóvel ora doado exercia, para que dêle o donatário possa usar, gozar

³³ Até o presente momento, a etnografia de campo não conseguiu encontrar o sobrenome de Zoemi. Sua criação, feita por vô Antenor e vô Geni se deu após um período conturbado na trajetória da menina. Seu falecimento, ainda muito jovem, na cidade de Santa Maria marca um período difícil para vô Antenor, que realizou os devidos encaminhamentos e sepultamento de Zoemi. Diante das poucas informações que tivemos a seu respeito, procuramos respeitar a sua memória e trajetória de maneira cuidadosa e afetuosa, reservando assim o direito de guardar em silêncio sua memória e vida.

e livremente dispôr, como seu que é e fica sendo de hoje endiante – por fôrça desta escritura, obrigando-se ela doadora, – por si, seus herdeiros e sucessores a fazer a presente doação, para sempre bôa, firme e valiosa, que a doação ora feita é livre de qualquer cláusula ou condição, e é parte disponível dos bens dela doadora, razão porque não deverá o seu valor por sua morte, ser trazido a – colação.³⁴

Na referida certidão, o terreno está descrito como localizado na “Ribeira”. Entretanto, existem divergências a respeito dos limites entre as localidades “prá cá do passinho começa a Timbaúva”, “não, a Ribeira é pra lá, não é aqui, a Ribeira se vai”. A própria família considera-se inscrita no território de Timbaúva, por isso a narrativa segue as marcações ancestrais. Em termos de importância, as terras herdadas por vô Antenor constituem-se de fatoem um marco na trajetória familiar. Desde o casamento, em 1945, até a mudança definitiva para a atual morada, o casal e seus filhos viveram em diversas terras e campos, principalmente os que eram relativamente próximos ao trabalho, nas fazendas e estâncias da região ou vinculados aos Baldoni Schirmann. Um dos limites apresentados pela pesquisa de campo e que ainda não foi possível responder foi como se deu o processo de doação de Natália para Antenor, bem como a escolha do local e de sua extensão nas terras herdadas pela anciã de seu esposo.

A relação entre as duas famílias é antiga, conforme conseguimos traçar inicialmente a partir da certidão de casamento³⁵ de Francisco Xavier da Fontoura e Heleodora dos Santos (também encontra-se documentação com a grafia Eleodora), pais de Antenor. A união do também agricultor, filho de Carlota Fontoura com a trabalhadora doméstica Heleodora, filha natural de Maria Castorina dos Santos respectivamente com dezoito e dezenove anos de idade aos vinte e um dias do mês de julho de 1907, foi realizada na casa do cidadão Jorge Schirmann, às oito horas da manhã, no quarto distrito de São Sepé. Como testemunhas, estavam presentes Ernesto Schirmann (esposo de Natália), João Carlos Schirmann e Atilano Vicente Machado (cujas terras fazem fronteira com as dos Baldoni Schirmann conforme descrito acima) – ou seja, mantém-se até os dias de hoje uma relação já secular entre gerações das famílias, constituídas no pós-abolição ou talvez, antes dele. Relações estas permeadas

³⁴ A transcrição obedece às normas ortográficas da grafia original do documento sob posse do Acervo EFP.

³⁵ Certidão de casamento registrada em 21 de julho de 1907, livro B-1, folha: 74v, termo 10, no Ofício dos Registros Públicos da cidade de Formigueiro.

principalmente pelo trabalho do campo e doméstico dos Soares Fontoura para os Baldoni Schirmann.³⁶

Em depoimento de Tio Nilton a respeito do lugar de nascimento de sua irmã Gilda, ele termina por descrever, esse modo de vida um tanto nômade em decorrência da pobreza e de viver onde se tinha trabalho, pelo qual o núcleo familiar passou por algumas décadas até a morada atual, como vínhamos descrevendo,

Tio Nilton: [...] a Dona Dina, foi a parteira quando essa guria, a tua mãe, nasceu. O finado (tio) Joãozinho que era o buscador né? A mulher adoecia, o Joãozinho já saía: “eu vou ir! ó!”. Tua mãe nasceu lá na casa da véia Chica lá, lá onde morava o Fernande. Tua mãe nasceu lá. Naquele tempo [por volta de 1956] nós morava lá na finada vó. Moremo um tempolá. Quando a finada mãe veio lá de Tupanci, moraram lá até fazer a casa pra nós lá.

Iliriana: lá no sítio?

Tio Nilton: lá no sítio.

Iliriana: Antes do sítio ela morou ali na Francisca e antes em Tupanci?

Tio Nilton: Não, quando ela veio de lá [Tupanci], ela morou na finada vó, depois se mudemo prali, praquela [terra] que tá hoje solita ali, do outro lado, perto ali da finada Dedé.³⁷ E depois, a finada Natália percisou do finado pai lá no tampo de leite, lá no Verde³⁸ e aí foram pra lá. Quando eu fui pra lá, eu tinha doze ano. Lá pro tampo de leite. Trabalhava ali com o finado Carlito ali, um dia o finado pai chegou lá e pra mim: “vim te buscar, tô percisando prair lá ajudar a tua mãe, vim te buscar”. Mas bah! Eu já fui no outro dia. Era um domingo. Me fui.

Iliriana: Lá pro Verde?

Tio Nilton: Lá pro Verde.

Iliriana: O senhor ajudava o vô na leitaria?

³⁶ Estas relações de trabalho encontram-se registradas também em imagens, encontradas nos acervos EFP e GFR. Preferiu-se por não abordar tais relações nesta dissertação devido aos limites do recorte de trajetórias que como descrevemos privilegiou a Família Soares. Fica claro que é possível abrir muitos caminhos de pesquisa nos acervos encontrados e um deles se refere às relações de trabalho no campo e aos afazeres domésticos.

³⁷ Tio Nilton está se referindo a sua tia, Gessi Soares, irmã de Geni e Anaurelina e apelidada de Dedé, já falecida.

³⁸ Aqui Tio Nilton está se referenciando a Passo do Verde, localidade às margens da Rodovia-392, próxima de Vila Block, distrito de São Sepé.

Tio Nilton: Ajudava a mãe. Porque o finado pai quase não ajudava. Levou a finada mãe pra ajudar, mas depois ele só lidava com os cavalo dele. Finada mãe que lidava. Ele tropeava, essas coisa. Quando nós fomos pro Verde, o Mário e a Ivone eram assim ó [aponta com a mão, sinal de que eram pequenos], desse tamainho assim os negrinho. E a Ivone era mais grandinha. Mas era horrivi, né? Chegava um e aquele negrinho ó, lá pra baixo no arvored, se escondia. Ele [Mário] só vinha depois que a visita ia embora.³⁹

Conforme descrito no depoimento de Tio Nilton, as datas de nascimento dos filhos e os lugares de nascimento são importantes marcos para atestar onde a família se encontrava em determinado período. Atualmente, Tio Nilton é o filho mais velho vivo, seguido de Elenita e por isso, este emaranhado de localidades pelas quais a família viveu até a primeira metade da década de 1970 é solucionado, em grande parte, pela sua memória vivida. As histórias e memórias do período em que tinham a leitaria geram lembranças divertidas entre os irmãos. Gilda conta que, durante um período, ela e Piba (apelido dado a Silvério Antônio pela própria irmã) durante um período eram os responsáveis por levar o leite para o ônibus através do qual seria conduzido até Santa Maria, onde João Alberto (Beto) deveria retirar na rodoviária para vender. Entretanto, volta e meia o que era para ser uma sequência de encontros, só gerava desencontros: ou Gilda e Piba perdiam a hora do ônibus passar na estrada no Verde ou então Beto “dormia mais que a cama” e perdia o horário de retirar o leite na rodoviária. Em conversa com Tia Ivone a respeito das memórias da família e das suas lembranças mais antigas de morada e da leitaria, ela descreve a localidade com uma bonita riqueza de detalhes e nomes, contradizendo e complementando as imagens narradas pelos irmãos mais velhos:

Ivone: Só o que eu tenho de memória é no Verde. O Verde passa o Arenal, e depois é o Verde. É perto do Matadouro Pelegrini, nós morava pra lá um pouquinho. Era famoso o matadouro Pelegrini. E nós morava mais pra diante num barranco, tinha uma casa, era um casarão verde, com várias peças, a mãe fazia até baile. [...] Onde a gente morava era o casarão onde a vó Natália morava, ela morava lá no Verde e daí eles foram embora pra Santa Maria. Aí botaram o pai lá porque ele vendia leite, nós tinha vaca de leite. O pai e a mãe levantavam

³⁹ Depoimento de Nilton de Jesus Soares Fontoura gravado em 26 de julho de 2021 na cozinha da casa de Elenita Fontoura Paulo, Timbaúva/RS.

umas três, quatro hora da madrugada, tiravam leite, colocavam nos tarro, uns cinco, seis tarro, não me lembro, sei que era bastante e o Barin trazia, antes do Planalto, essa era a empresa, que era uns ônibus vermelho. Aí eles botavam na faixa, que não era uma faixa, era uma estrada, a hora que o ônibus passava os tarro de leite tavam ali, colocavam no ônibus e vinha para a antiga rodoviária [de Santa Maria]. Aí meu irmão Beto, que morava com a vó Natália, era o responsável por ir lá pegar os tarro e distribuir, vender o leite. A vó Natália vivia do dinheiro dos leite que o pai tirava e mandava. O Beto distribuía, era os freguês certo, ele ia de casa em casa, pegava um carrinho de mão, ia com os tarro, media o leite e entregava pra pessoa. E eles pagavam por mês, era tudo anotado. O Beto fez isso por muitos anos.

Após alguns anos, Natália decidiu fechar a leitaria e, mais uma vez, os Soares Fontoura tomaram outros rumos, agora em direção a Timbaúva: primeiro em terreno ao lado do atual, segundo no terreno do pé de caqui que já não existe nos dias de hoje mas que segue sendo a “demarcação”, e por fim o atual, após a referida doação por herança. Em fevereiro de 2020, durante a última grande *junção* familiar que tivemos antes da pandemia (de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020)⁴⁰, pedi à minha mãe, Gilda, que me levasse até o terreno do “pé de caqui”, caminhada cujas imagens coloco aqui. Durante a última etnografia de campo já em 2021, retornei ao terreno mais uma vez, agora sozinha e registrei o poço d’água rente ao chão, que ainda existe e a marcação de um tronco de madeira próximo ao poço o que demarca talvez a casa que ali existia. Conforme segue,

⁴⁰ Como já descrevi anteriormente, estamos acostumados a passar o verão juntos. Aqui peço uma licença-poética para descrever algo pré contexto de pandemia que provoca demasiada nostalgia e que, pelo contexto histórico que estamos vivendo, escrevo no sentido de lembrança afetiva do que somos, uma família negra. Chega o mês de dezembro e quem pode ir para fora, vai. Seja durante a semana, ou só aos domingos, ou em alguma data comemorativa. O verão de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020 foi marcado por dias de alegrias e levezas. O último Natal e ano novo em família estendida, entre amigos, regado a abraços, muita comida, gritos e abraços de comemoração sem máscara e com muita gente. Minha mãe, parecia pressentir o que viria e nos proporcionou um grande verão festivo. Já que não temos mais o costume de tomar banho no açude, Gilda comprou uma piscina de plástico, montada na frente da casa ancestral e que rendeu todo tipo de brincadeiras (assim como pequenas e corriqueiras brigas) entre os familiares ao longo do verão. Tratamos a água do poço construído por volta dos anos 1970 e, com a ajuda de um motor, ele nos proporcionou a água utilizada para encher a piscina. O freezer de Tia Elenita, eletrodoméstico indispensável para o congelamento das carnes, era devidamente abastecido a cada final de semana. Também foi o último verão que tivemos em companhia de Tio Eládio, que como descrevi anteriormente veio a falecer no contexto da covid-19. Mal imaginávamos o que estava por vir. Que em breve tenhamos a possibilidade de partilhar e celebrar a vida, existir na quase banalidade do cotidiano, ainda tão cara à nossa existência negra. Parafraseando Gilberto Gil na música Zumbi, “a felicidade do negro é uma felicidade guerreira”.



Imagem 10: Gilda Maria Fontoura Rodrigues aponta para onde ficava a casa e o famoso pé de caqui como até hoje a antiga morada é referida. Local: Timbaúva. Ano: 2020. Imagem da autora.

Tia Ivone: a mãe lavava roupa pra fora, daí a gente ia com ela nas casa, às vezes, lá pegar a roupa, eu e o Mário, ajudar ela né? Daí o falecido Piba, quando era muita roupa, ele ia a cavalo, trazer a trouxa em cima do cavalo porque era muito peso pra mãe trazer e nós, e não tinha como. Aí o falecido Piba ia e a mãe botava uma trouxa na frente dele assim e a outra atrás. Daí nós ia pra ponte com a mãe, ali no açude que tem aquela parte do matinho, do jacaré, tinha uns poço bem limpinho ali. O pai fez uma tábua que a mãe podia ir até a metade assim da água e ela lavava, estendia, tinha que quarar a roupa, botar ali no sol, depois pegar o anil. Quarar é estender a roupa na grama pra pegar sol e ficar branquinha. Amãe lavava mais lençol, roupa de cama. Só roupa de cama que ela lavava. Ela lavava do seu Naivo, da dona Miloca, eram pessoas que pagavam pra ela lavar e era um dinheirinho extra que ela pegava porque o pai quando o pai ia tropear, ele demorava pra voltar e a gente tinha que se virar. A gente se virava, a mãe plantava, tinha horta, a mãe plantava na lavoura, a gente colhia, comia o que tinha na lavoura e na horta. A gente pescava, carne era mais quando o pai vinha das tropas que ele trazia, ou a mãe carneava um porco, sempre era assim

nunca passamos fome, não tinha um pão, a mãe inventava uma polenta, uma mandioca frita, ela sempre fazia uma coisa pra gente tomar café.



Imagem 11: A última e atual morada dos Soares Fontoura a partir da perspectiva do terreno do “pé de caqui”. Local: Timbaúva. Ano: 2020. Imagem da autora.

Em termos de registros em imagens desta relação entre os Soares Fontoura e os Baldoni Schirmann, encontramos no Acervo GFR esta fotografia que vem logo abaixo. Registrada aqui no terreno de Antenor, a imagem é uma das únicas encontradas até agora no acervo. Sobre esta foto, coletamos os seguintes depoimentos:

Elenir: Que tu achou essa foto do meu pai, ai que maravilha, amei essas foto! E o vô também ali, ai que coisa boa. A guriazinha que tá comigo é a Mana. Sou eu e a Mana. Uma daquelas ali é a Tia Neí ou a Tia Nair, não tenho bem certeza, mas mostra pro Tio Nilton que ele te diz quem é. É aí na frente de casa. Tá mais pra ser a tia Neí e a Natália. Que é a mãe da Vera e a mãe da Miguelina.



Imagem 12: Antenor dos Santos Fontoura, Marina Ivone Fontoura, Natália Baldoni Schirmann, Nei ou Nair, Elenita Fontoura Paulo, Osmar Paulo. As crianças: Leonarda Fontoura Paulo e Elenir Fontoura Paulo.

Elenita: Por isso que eu acho que é aqui. Ali na casa véia não é, lá não tinha luz. A luz tinha era aqui. Essas cadeiras eram daqui. Ali atrás é um galpão. No tempo que era aqui atrás o galpão. Eles tiraram essa foto na frente da casa porque pegou o poste de luz. Eles tiraram ali na frente. Mas agora essa muié.... parece um lenço atado na cabeça. Pois é, mas não é a Tia Néi, nem a Tia Nair, naquele tempo que a vó Natália era velha elas eram bem novas....e essa outra é a Ivone.

Ivone: Sim, Li a que tá com o braço em cima de mim é a vó Natália, agora a outra eu não me lembro quem é. Não sei quem é. A Lenita não conhece? Pensei que era a tia Nair mas não é a tia Nair, é bem diferente. Não me lembro quem é essa senhora. Não sei o que tava

acontecendo, se era aniversário de alguém ou elas tinham passado lá.....acho que não foi o aniversário do pai também, é bem difícil. Não é aí em casa. Eu não me lembro onde que é. E aquele ali não é meu pai, o pai nunca botou óculos. Bah bem difícil, eu tô tentando me lembrar onde é aquilo ali. É que a gente também quando tinha o aniversário da vó era lá no Verde, lá na casa do seu Luiz Carlos né? Eu acho que....se não me engano acho que é lá na casa do seu Luiz Carlos, no aniversário da Vó. Mas a Lenita não ia, não me lembro se a Lenita ia com o Osmar, lá no Verde. Mas não tá parecido com aí em cima porque a gente não tinha essa cerca, não tinha essa parreira também. Porque tem uma armação ali de parreira ali e não é ali em casa.

Como cada um dos miúdos nasceu em uma determinada localidade, as lembranças dos respectivos locais divergem. As experiências como trabalhadores e trabalhadoras de cada um também interferem nessas relações vividas e sentidas nas diferentes moradas no início do período.

Os dois encontros deste ano foram extremamente simbólicos. O primeiro foi para saudar a chegada do ano-novo. Na manhã ensolarada de domingo, dia 19 de janeiro de 2020, em um pequeno grupo composto pelas três sobrinhas de Naura – filhas de sua irmã Geni, Tia Ivone, Tia Elenita e minha mãe Gilda. As sobrinhas netas Elenir e eu, Luiz, o esposo de Elenir, e meu pai Jorge, chegamos em sua casa sem aviso prévio. Entre os abraços e a surpresa pela visita, Helena se desdobrava para pegar mais cadeiras na cozinha. O almoço já estava sendo preparado, do terreiro podíamos ver pela chaminé a fumaça que saía do fogão a lenha. Rapidamente, uma roda de conversa foi formada. O chimarrão circulava entre as mãos, acompanhado de uma prova de doce de laranja seca com açúcar em um prato azul de vidro.

Sempre tem um docinho caseiro, Helena continua o costume da mãe de fazer os doces em compotas. A conversa flui, um bocado de coisas para botar em dia, os comentários sobre os cachorros da casa, as fofocas dos parentes, quem casou, quem separou, quem teve filhos, quem morreu. Assim como se fala da vida, se fala da morte. Sentada em uma cadeira mais alta, Tia Naura se apóia em uma vassoura vermelha. Logo em seguida, chega Jocinha mais um de seus filhos, junto com a esposa e o filho caçula, o pequeno Gabriel, de quatro anos. Não ficamos para o almoço, era só uma visitinha rápida. O encontro de pouco mais de uma hora reuniu quatro gerações da família Soares, os núcleos formados a partir das irmãs Naura e Geni. Por entre a sombra das árvores, das lonas penduradas e pisando o chão de terra batida, mais uma vez a fotografia se faz presente nos encontros familiares.



Imagem 13: Fotografia de Elenir, Luiz, Marina Ivone, Helena, Edson, Jorge (em pé). Jocinha, Gabriel, Elenita, Anaurelina, Gilda (sentados). Fotógrafa: Iliriana Fontoura Rodrigues. 2020.

CAPÍTULO 2 | Roupeiros de existências

2.1 “A gente guarda no roupeiro porque a gente não quer perder. É o lugar mais bem guardado que tem”

As palavras iniciais deste capítulo foram ditas por minha mãe Gilda, enquanto via as muitas fotos de seu acervo familiar espalhadas pela mesa da cozinha de sua casa, em gravação de depoimento em maio de 2021. Lembro de escutar as conversas dela e Tia Elenita, sobre a necessidade de comprar um roupeiro novo. A compra de um móvel, um bem de consumo durável por um longo tempo, demanda uma mínima organização financeira, pois sabemos que eles são bens caros. Vô Antenor, por exemplo, foi quem renovou todas as camas da casa, ainda nos anos 1990. São camas pesadas e de madeira maciça num tom escuro. daquelas que se você dá azar de bater seu joelho na ponta lhe resta apenas chorar no cantinho. Segundo Gilda, seu pai primeiro pagava uma compra para depois fazer outra conta. Leonarda, uma de suas netas, descreveu que a primeira das quatro camas que vô Antenor comprou foi um presente para ela no seu aniversário de 15 anos, no ano de 1991. E, aos poucos, adquiriu uma cama para cada neto, filho de Elenita: uma para Ricardo, uma para Elenir e uma de casal para Elenita e Osmar.

Até o verão de 2020, um pouco antes da fatídica pandemia, nós ainda podíamos descansar e dormir na cama que era dele. Por esses dias de isolamento social, Tia Elenita contou que o móvel foi tomado pelos cupins e, por isso, foi necessário desmontá-la. Ouvi-la dizer isso foi algo estranho, como se um ciclo se fechasse com o encaminhamento da cama e a simbólica invasão de cupins durante esse momento. Ao chegar em Timbaúva em meados de maio de 2021 para realizar o último campo, vi que a cama estava no quarto. Conversamos a respeito dos cupins e ela disse que tratou a madeira para não precisar se desfazer do móvel. Dormir na cama e no quarto que meu avô viveu durante os últimos anos de sua vida sempre foi muito simbólico, algo carregado de proteção. Muitas das ideias e parágrafos desta dissertação surgiram neste espaço. Voltando ao roupeiro, este já estava desgastado e um pouco

caído devido ao tempo e uso. Ainda era o mesmo roupeiro que a jovem Gilda ganhou enquanto trabalhava de doméstica em Santa Maria (até o início da década de 1970 aproximadamente). Além das roupas das pessoas, dos lençóis de cama, do vestuário, das histórias, cheiros e memórias que cada peça de roupa guarda, o roupeiro de Tia Elenita assim como o de Tia Naura e o de minha mãe Gilda guardam memórias. São arquivos vivos de histórias.

Histórias de pessoas negras que, ao longo de gerações de trabalho árduo e mesmo sem acesso a educação formal, vem possibilitando aos seus filhos um legado de existências. Nos ensinaram que existe o caminho de casa e que as terras aqui “de fora”, são uma extensão do nosso próprio corpo, o que há de mais importante em termos de herança duramente conquistada. Quando tocamos e somos tocados por esta mesma terra, nos conectamos ao mesmo ciclo. E no exercício de revirar e cavar a terra, se permitir ser revirada por ela ao acessar camadas profundas que sempre estiveram ali, guardando e mantendo os segredos e também os silêncios, que nos tornamos quem somos.

Quais são os arquivos fotográficos de pessoas negras que conhecemos? Onde estão esses arquivos? Qual o estado desta documentação? Quem salvaguarda essas histórias? E ao nos depararmos com estas imagens, assim como Kossoy, problematizamos: Como podemos empregar estas fotografias enquanto instrumento de investigação e interpretação da vida histórica? Onde se encontram as fotografias do passado? Como identificá-las e situá-las no espaço e no tempo? Quem foram seus autores? (KOSSOY, p. 17, 2020). No caso do que apresentamos aqui, através desses guarda-roupas-arquivos, não tenho dúvidas de que inúmeros arquivos e acervos de pessoas negras estão no fundo de muitos roupeiros e gavetas de nossas mais velhas e mais velhos, guardando segredos em silêncio, esperando quem os encontre. São através desses roupeiros, cujas portas abertas revelam as histórias deste núcleo familiar rural descendente de escravizados e que tocam o chão das mesmas terras através de gerações háno mínimo duzentos anos, que conseguimos atestar o entrecruzamento de imagens, histórias, enredos, situações e tramas ouvidas a partir dos que aqui estão.

Nossos acervos não estão em grande parte das frias salas climatizadas da maioria dos museus brasileiros. Nossas histórias pretas, além de estarem na palavra encarnada e nas nossas memórias, estão nas nossas casas, nas caixinhas de sapatos, nas sacolas de papelão, nas pastas de plástico, envoltas e protegidas em roupas, casacos e palas pesados que nos aquecem

no inverno gaúcho! Você já falou com a sua mais velha ou o seu mais velho sobre seus ancestrais? Se sim, já escreveu sobre isso? Se não, o que você está esperando? Essas histórias se somam a este e aos muitos guarda-roupas de histórias que nos constituem enquanto povo negro em diáspora e que precisam ser contadas. Foi na dura realidade de seus tempos presentes que nossos antepassados criaram maneiras de permanecer e existir. É na dura realidade do nosso presente que somos convocados a invocar as artes mágicas da criação e escrever sobre nossas memórias.

Ao longo da pesquisa foi possível constatar que a lógica de salvaguarda destas mulheres e a constituição destes acervos se contrapõe à lógica de salvaguarda das grandes instituições museais e de arquivos, fundamentadas numa tradição ocidental e eurocêntrica de preservação e conservação. Nestes, sabemos, ainda hoje raramente encontramos pessoas negras nomeando suas coleções. Sujeitos e sujeitas negras integram as coleções, mas em sua maioria são pessoas sem nome, sem sobrenome e sem histórias documentadas. Nesse sentido, podemos citar a icônica imagem *Mulher negra de turbante*, produzida em 1870 pelo fotógrafo alemão Alberto Henschel (1827 - 1882), parte da Coleção Gilberto Ferrez adquirida em 1998 pelo Instituto Moreira Salles. A imagem frequentemente é associada a três grandes personagens da história negra no Brasil e da Diáspora: Luísa Mahin, líder da Revolta dos Malês (1835) e mãe do advogado, poeta e abolicionista Luiz Gama (1830-1882), Maria Felipade Oliveira (data de nascimento desconhecida-1873), marisqueira e heroína da Independência da Bahia e Dandara dos Palmares, guerreira negra do Quilombo dos Palmares, que lutou contra o sistema escravocrata no século XVII e esposa de Zumbi dos Palmares. Relacionar a sua imagem à fotografia de Henschel se torna ainda mais emblemático já que, se a líder negra existiu, sua presença e trajetória são anteriores ao surgimento da própria fotografia, ocorrida no século XIX. A respeito da associação da imagem da mulher de turbante a estas três referências, o antropólogo Alexandre Bispo reflete no artigo “As reencarnações de uma mulher negra: pessoa-coisa-pessoa”,

A mulher de olhar profundo que passou para a história sem qualquer identificação pessoal [...] figura como uma síntese do que, afinal, é o racismo: máquina de morte onde pessoas são transformadas em coisas que retroalimentam o modelo econômico com efeitos na cultura, na política e na sociedade. [...] Para além dessa produtividade visual que multiplica e difunde a imagem matriz, as apropriações que encarnam ao retrato os nomes de Luísa Mahim, Maria Felipa e Dandara dos Palmares vieram para permanecer e, mesmo que arbitrariamente, seguirão o fluxo do desejo de rosto para aquelas cujos nomes mais ou menos

fictícios chegaram até o presente. Simultaneamente todas elas e nenhuma delas, o retrato da mulher de turbante em uso sugere que o objetivo de quem se apropria da imagem é restituir à retratada sua condição de pessoa roubada pela escravidão. [...] A junção entre nomes sem rosto e rosto sem nome identificado abre precedentes para que a mulher de turbante receba com o tempo novos nomes, do mesmo modo que Mahim, Palmares e Oliveira tem também outras imagens em circulação associadas a seus nomes. (BISPO,2021)

Bispo nos faz pensar que a racialidade se faz central na constituição de acervos visuais já que a imagem é, definitivamente, um importante campo de disputas por se relacionar com o campo do visível. Portanto, ao escolherem guardar estas imagens, protegidas em seus roupeiros e caixinhas de sapatos, sabendo quem pode ou não acessá-las, estas três mulheres e seus antepassados que nos legaram esses acervos fizeram e fazem, por definição, algo de grande relevância: uma política visual, cultural e negra de inscrição da nossa visualidade no mundo em termos próprios de lógica, defesa e salvaguarda.

2.1 “Eu sou Quilombola!”: O acervo dos troncos véios de Anaurelina Soares do Nascimento



Imagem 14: Anaurelina Soares do Nascimento. Local: casa de Tia Naura em Timbaúva. Fotografia tirada pela autora. Ano: 2019.

Os olhos compenetrados, após a tradicional sesta. Enquanto a neta Kassiele Azambuja do Nascimento e eu, sua sobrinha-neta, posicionamos a câmera e testamos o microfone, Tia Naura se senta na cadeira, se apoia na mesa, aguarda observando tudo com atenção. Para testar e ajustar o foco, aviso: “Tia, vou tirar umas fotos da senhora tá?”. Muitos modelos de câmera foram utilizados nas fotos que aqui estão. Desta vez, foi o botão de uma Canon T5i (uma câmera semi-profissional, utilizada em todas as fotos da pesquisa de campo apresentadas), apertado três vezes. Um dos instantes vemos acima. Do lado de fora daquele espaço, uma antiga garagem transformada em quarto e cozinha, soprava um vento forte e frio, de um final de semana de pouco sol e tempo nublado na maior parte do dia, o que traduz as vestimentas e o cenário de fundo. Tia Naura veste duas blusas de lã para se manter aquecida, tem os cabelos crespos naturais em tons grisalhos e brancos, já crescidos depois de alguns meses de recuperação da cirurgia. Em 2018, ao acompanhar Tia Elenita em um

exame de rotina no dia 01 de outubro⁴² encontramos Tia Naura em outro quarto com Carmem e Helena. Tia Naura tinha acabado de receber alta do hospital, recuperada da cirurgia. A acompanhamos pelo longo corredor do Hospital Municipal Dr. Pedro Jorge Calil, em Formigueiro, enquanto se despedia de quem ali continuava. Estava aliviada por retornar para casa. Entre vários assuntos, seu maior desejo era voltar a roçar na lavoura. Já as filhas alertavam que pegar numa enxada não seria possível tão cedo.

Na imagem acima, vemos o fogão a lenha aceso, a chaleira com água quente, a leiteira, o pano de prato pendurado, a jarra de alumínio bem posicionada e pronta para passar mais um café. A casa de madeira, típica construção do sul, com as janelas fechadas para guardar o calor do fogão e nos manter aquecidas. Poucos minutos depois a imagem estanca se desencadearia em 24 frames por segundo e som.⁴³ O final de semana frio de julho de 2019 nos permitiu viver em três gerações (geração vó-Naura, geração filha – Helena e geração neta Kassiele e Iliriana) um encontro que até aquele momento nunca havia acontecido. Kassiele e eu descobrimos nossa relação de parentesco (somos primas), há cerca de quatro anos, através de uma fotografia que postei em rede social. “Eu conheço esse lugar, a minha vó mora aí”, disse Kassiele. “Sim? Estou aqui na minha tia, em Timbaúva. Quem é a tua vó?”, escrevi. “Minha vó é a Naura”. Ao que respondi: “A Tia Naura? Como assim? Ela é minha tia-avó!”. Desde então, procuramos fortalecer o vínculo de amizade e agora parentesco. Também estava presente o pai de Kassiele, Jorge Dali de Gomes Azambuja. Criado por Tia Porciana, irmã de vô Antenor, essa reunião permitiu que ele me contasse um pouco a respeito da trajetória e das andanças de meu avô. Esse encontro nos proporcionou viver e curar as nossas relações ancestrais a partir do afeto. Novos retratos de família foram feitos!

Anaurelina Soares do Nascimento é um dos *troncos véios* desta escrita. A expressão, é muito utilizada por Tio Nilton quando se refere aos mais velhos da família. Dona de uma lucidez e uma memória invejável, de um porte físico forte, Tia Naura é uma mulher negra alta, imponente e que adora uma boa conversa. Falar é com ela mesmo. Inclusive entre

⁴² Caderno de Campo I. Iliriana Fontoura Rodrigues

⁴³ Com o intuito de registrar as mais velhas e mais velhos para a posteridade e para as próximas gerações, além de criar um documento histórico audiovisual da família, este depoimento de Tia Naura foi gravado em vídeo.

nós utilizamos a expressão “chegou a Naura véia” para sinalizar de maneira afetuosa e engraçada quando alguém enveredou a falar demais.

O acervo fotográfico de Tia Naura está organizado em dois álbuns, guardados em uma sacola de papelão branco. A ordem das fotografias em cada álbum foi disposta por Helena. Para fins desta dissertação, a prioridade e o recorte foram das fotografias mais antigas, das primeiras décadas do século XX com o intuito de registrar através da leitura coletiva destas imagens o cotidiano e as histórias dos mais velhos nestas terras.⁴⁴ Um sentimento todo tempopossibilitado pela identificação dos parentes, amigos, antepassados onde a memória é proteção.⁴⁵ Junto às fotografias, está também um envelope com algumas documentações da família, como a certidão de seu casamento em 1956 com Franklin do Nascimento, a certidão de óbito do esposo, falecido em 1973, assim como documentos de informação e atualização cadastral referentes a Declaração sobre Propriedade Territorial Rural, certidões de divisão de bens a respeito das terras do senhor Aristides Soares de Souza, seu pai, falecido em 1954 e uma folha impressa com a oração do Salmo 23.



Imagens 15 e 16: Os dois álbuns de fotos de Tia Naura, a sacola e o envelope com os documentos. Local: terreno de Tia Naura em Timbaúva. Fotografia tirada pela autora. Ano: 2020.

⁴⁴ Em virtude da pandemia de covid-19 não foi possível fazer a digitalização dos Acervo ASN. Temos apenas a fotografia das fotografias. Em minha última ida à campo (junho - agosto 2021) encontrei Helena algumas vezes em Formigueiro e chegamos a combinar um encontro que não ocorreu por dois motivos: primeiro, em virtude da demora da vacinação por idade, que para a minha faixa etária ocorreu em agosto (Tia Naura e Helena foram vacinadas através da política pública garantida pela Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos - CONAQ, de prioridade na vacinação das comunidades quilombolas) e, posteriormente, Tia Naura apresentou uma gripe forte e, desta forma, busquei respeitar o que se apresentava e os retornos de Helena ao afirmar que em 2021 só seria possível um encontro talvez no final do ano.

⁴⁵ “Sentimento do tempo” e “memória é proteção” são frases utilizadas com frequência pela prof. Dra Janaína Damaceno em nossas orientações coletivas e individuais.

Enquanto que a primeira gravação de depoimento de Tia Naura centrou-se mais na sua trajetória de vida, nesta conversa, em fevereiro de 2020, o objetivo era mais falar a respeito das fotografias, além de fazer a cópia das imagens.⁴⁶ Assim retornei de mala e cuia, como dizemos no RS, para passar mais uns dias em companhia de parte da Família Soares do Nascimento. Após alguns dias de negociação com Tio Nilton, consegui fazer com que ele me acompanhasse até a casa de Tia Naura novamente, com nosso motorista e amigo, Macir.⁴⁷ Cerca de 8h da manhã era acordada pelos gritos e pela incessante buzina do carro de Macir na frente de casa. Abri a janela do quarto, ele acenou e disse “tô te esperando ali no Nilton!”. Levantei apressada e cerca de vinte minutos depois estava pronta. Tia Elenita estava sozinha na cozinha, tomando café. Tem o costume de levantar cedo, acender o fogão a lenha (mesmo no verão), tomar café, fazer a lida com os animais antes de ir para a hemodiálise. Para não fazer desfeita e chegar na casa de Tia Naura com fome, fiz um pão com queijo, me despedi de mais velha e saí correndo pela estrada. O gole de café preto ficaria para mais tarde.

Minha sorte foi chegar na casa de Tio Nilton e ver que ele tinha acabado de acordar. Estranhei, mas não disse nada, afinal não era o momento de criar discórdia mesmo de forma debochada, característica que permeia muito da nossa relação de tio e sobrinha. Ele poderia estar de mau humor e em uma frase mal interpretada, desistir da visita. Às vezes apresenta pavio curto. Pedi bênção, “deus te abençoe”, e vi que estava fritando ovos, fazendo café e dando comida para as galinhas. Pensei “bom, pelo menos não vai reclamar que estou atrasada”. Esperei sentada no sofá. Cerca de trinta minutos depois, saímos. De carro, o trajeto entre a casa de Tio Nilton e Tia Naura leva cerca de quinze minutos. A pé, quase uma hora.

⁴⁶ Por orientação e recomendação da professora. Janaína não retirei as fotos do acervo ASN de seu devido lugar por questão de segurança. De fato, por se tratarem de cópias únicas o risco é muito grande. A professora também ensinou que dificilmente as exposições de fotografias utilizam os originais das imagens, devido à sua importância e salvaguarda. Em se tratando de um acervo privado familiar, o cuidado deve ser o mesmo. Desta forma, se tornou imprescindível a aquisição de um scanner próprio como meio de obter as cópias em alta resolução das imagens de maneira a fluir melhor a pesquisa em campo e o processo de pesquisa, leitura de imagens e escrita. Ao longo da pesquisa e devido às conversas com primos e primas, tios e tias, pessoas próximas da família, mais fotos foram disponibilizadas, o que já possibilita investigações futuras, além da reflexão em curso de divulgação pública desses acervos a fim de contribuir com a História Pública da camponêsia negro gaúcho. Em virtude do acidente que sofri neste final de semana que passei com Tia Naura e, posteriormente, com a pandemia, essas cópias escaneadas do acervo levaram um tempo maior do que gostaria para serem feitas. Infelizmente, algumas das conversas em campo deste final de semana foram perdidas devido a um assalto que sofri no Rio de Janeiro.

⁴⁷ As visitas de uma casa à outra têm de ser programadas com antecedência pelo deslocamento. Em tempos anteriores poderíamos chamar o taxista Dirceu que devido a um problema de saúde teve de interromper o trabalho com o táxi na região e não houve substituto. Macir é amigo de Tio Nilton e dá uma “carona” (paga) nesses trajetos e em algumas reformas de sua casa.

O ônibus Argenta⁴⁸ só passa na estrada próxima da casa de Tia Naura durante a semana, no horário do meio-dia em dias alternados.⁴⁹ Como mora nos fundos da fazenda, não é recomendado chegar lá sozinha, devido aos cachorros soltos da família do falecido patrão bem como ser lida como uma pessoa desconhecida pelos demais. Sendo uma pessoa negra e conhecendo bem as complexas relações raciais na região, não me arrisco. A respeito dessa questão Possatti descreve:

O risco provocado pela presença dos cachorros da fazenda dificulta a acessibilidade, ao que sugere, deslegitima presenças outras nas terras, que não as próprias agregadas tia Naura e sua filha Helena. Sob essa forma os cachorros expressam a permissividade ou não para se chegar até lá, no “fundão da fazenda”. O lugar da *morada* de tia Naura parece ser acessível para poucos e para quem os cachorros e seus donos permitem transitar. Os cachorros operam como emblema da posse da terra e da própria segregação, ao que sugerem por antecipação a experiência de espoliação territorial sofrida pela família de tia Naura, inibem e impõem certos limites aos fluxos de seus parentes e vizinhos até a sua morada (Possatti, 2013, p. 23).

Tio Nilton e Macir ficaram por pouco tempo, compartilhando o bom mate feito e servido por Helena. Durante o domingo, após um almoço com frango assado, salada de maionese, arroz, feijão e abóbora caramelizada, continuei o trabalho de fazer as cópias das fotografias (a foto da foto) e dos documentos de Tia Naura. Ainda na mesa, após o almoço, conversamos todos, Tia Naura, Jocinha, Helena, o pequeno Gabriel, à época com quatro anos, filho caçula de Jocinha. Gabriel seguia jogando bola. Estava muito quente e depois de tomar um suco de maracujá, a moleza do corpo me invadiu. Tinha acabado de descobrir, na prática, que não era boa ideia tomar esse suco em um dia de calor, pois para algumas pessoas, o que parecia ser o caso, causa sonolência e baixa a pressão. relatei o que estava acontecendo e todos caíram na gargalhada, principalmente Gabriel que

⁴⁸ Fundada em 1981 no município de São Sepé, a empresa Argenta Turismo e Viagens Ltda atende as cidades de São Sepé, Formigueiro, Restinga Seca, Agudo e Faxinal.

⁴⁹ Rosane Rubert que, como já assinalei, realizou etnografia nas comunidades de Passo dos Brum e Ipê, que também fazem parte da região entre Formigueiro e São Sepé, ao descrever sua imersão a campo, sinaliza: [...] os deslocamentos de uma comunidade a outra e a ausência de transporte público regular que viabilizasse isso. [...] O próprio deslocamento de um núcleo a outro de moradores do Ipê, que foi realizado durante a pequena estadia naquela comunidade, demorava uma média de uma hora de caminhada contínua, varando campos e sangas (Rubert, 2007 p. 26). A situação não mudou e se agravou na pandemia já que os horários e dias de circulação de transporte foram novamente reduzidos.

entre uma risada e outra me disse: “como tu não sabia disso prima?”. Da etnografia em campo, como já descrevi anteriormente este foi o primeiro encontro em que fui com o objetivo de conversar sobre as imagens, além de fazer o registro “do registro” completo de todo o acervo disponibilizado.



Imagens 17-22: Helena Soares do Nascimento, Anaurelina Soares do Nascimento, Adaléia Soares. Joça Soares do Nascimento. Frankilin Rodrigues do Nascimento (esposo de Naura na fotografia do casamento). Gabriel Soares. Casa de Anaurelina Soares do Nascimento. Verão de 2020. Fotógrafa: Iliriana Fontoura Rodrigues.

A ideia era ficar alguns dias na casa da Tia Naura, fazendo diversas leituras de imagem com ela e os filhos. Naquele dia, também pudemos ler juntos as cópias das certidões de casamento e óbito de Francisca Gonçalves Ribeiro e Aristides Soares de Souza, seus pais. Disse que as tinha encontrado depois da nossa conversa em julho de 2019 e estava à procura das demais certidões de gerações mais antigas da família, fato que, como já foi descrito, vim a encontrar. Jocinha ficou surpreso ao ler as certidões e assim começou relatar que conhece grande parte das fazendas da região, inclusive a Fazenda São João. Disse que a Casa-Grande permanece, os herdeiros são da Família Simões Pires, alguns deles moradores da cidade de Formigueiro. E além desta Fazenda citou também as propriedades da Colônia Antão Farias, atualmente território dos *morenos dos Farias* e assim relatou conhecer uma das netas de Farias que lhe contou a história de Francisco Xavier da Fontoura, pai de vô Antenor a quem ela atesta ser também filho de um dos estancieiros da antiga sesmaria. Antes de Jocinha ir embora acordamos dele me levar nas fazendas durante a semana. Ao final da tarde, após a família se despedir, fui descansar. Instantes depois, caí numa valeta e fracturei o joelho direito⁵¹A pesquisa de campo foi interrompida.

No artigo “A Tradição Viva”, o escritor malinês Amadou Hampâté Bá nos ensina sobre a importância da tradição oral e da memória viva dos grandes depositários que, de acordo com o autor, *são* a memória viva do Continente Africano. O autor assim descreve os tradicionalistas: guardião dos segredos da Gênese cósmica e das ciências da vida, o tradicionalista, em geral dotado de uma memória prodigiosa, normalmente também é o arquivista de fatos passados transmitidos pela tradição, ou de fatos contemporâneos (HAMPÂTÉ BÁ, p. 175). No que se refere a Tia Naura e sua importância como a grande guardiã das memórias da família e um dos últimos elos de ligação física com os antepassados, ocorrem características semelhantes, mesmo que não necessariamente estejam inscritas numa tradição como a que nos é apresentada e em suas especificidades. Tia Naura é uma senhora é

⁵¹ No dia seguinte, Helena me acompanhou até o Hospital de Formigueiro para ver a gravidade da lesão. Devido ao fato do hospital não ter equipamentos de raio-x, foi necessário viajar até Santa Maria. Além de não oferecer atendimento para traumatologia, o Hospital Municipal Dr. Pedro Jorge Calil também não conta com UTI's, tampouco realiza partos. As grávidas são encaminhadas ao Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Maria (HUSM). Já era tarde da noite quando fui atendida na Emergência de Traumatologia (SUS) do Hospital Casa de Saúde, o mesmo em que Tia Elenita realiza as sessões de hemodiálise. O resultado foi uma perna engessada e a inviabilidade de retorno a Timbaúva naquele momento. Pela primeira vez, não me despedi dos meus mais velhos, dos açudes e da terra antes de viajar.

tida como referência da família no que se refere às memórias coletivas e trajetórias de vida. O movimento sempre foi o de primeiro ouvi-la e depois adentrar os arquivos e cartórios. As confirmações eram feitas a partir do que ela dizia, fato que me fazia telefonar para Helena, sua filha, geralmente acompanhada dos seguintes dizeres: “Helena, estou ligando para agradecer a Tia Naura porque encontrei as certidões e os nomes estão como ela disse”.

2.3 Acervo Gilda Maria Fontoura Rodrigues

“as coisas que reflito neste momento já existiam no ventre de minha mãe” (NASCIMENTO, p. 98, 1974 apud RATTIS)



Imagem 23: Gilda Maria Soares Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido. Local: Santa Maria.

A gravação do depoimento com Gilda foi feita em Caxias do Sul. Ao mesmo tempo que colocávamos as fotografias em uma determinada ordem, íamos conversando:

Gilda: Uma das primeiras coisas que fiz com o dinheiro do meu trabalho em Santa Maria foi comprar uma máquina fotográfica. Depois de um tempo, tinha duas.

Iliriana: Tu tem uns retratos bonitos. Por que tu gostava de tirar essas fotos assim, tu tem bastante.

Gilda: Eu gostava de tirar foto. Eu adorava. Por isso que eu tirava bastante foto de ti, quando tu nasceu. Eu mesma tirava porque, sabia tirar e gostava. E ninguém nunca me ensinou a tirar foto. Eu que comprei a máquina, era uma máquina bem simplezinha mas ela era bem legal sabe? Essa aqui (retrato acima) devo ter ido lá tirar a foto no estúdio.

Iliriana: Quantos anos a senhora tinha aqui?

Gilda: Aqui, essa blusa aqui eu uso ela no meu noivado né? Então, foi antes.

Iliriana: Ah, que legal é a mesma blusa.

Gilda: Sim, é a mesma blusa.

Iliriana: Quando foi o noivado?

Gilda: Eu noivei em 79. Peraí (conta nos dedos e fica em silêncio pensando). É, 79. Setembro.

Iliriana: Então essa foto é antes.

Gilda: É antes. Mas não foi eu que escrevi, deve ter sido a minha mãe pra ter uma boa recordação.

Iliriana: E essa aqui, para essa aqui, é antes?

Gilda: Bem antes, por causa que essa blusa, ela aparece em algumas fotos por aí. Ai, que sonho. [...] Olha, o mesmo penteado, a mesma blusa.

Iliriana: Quando que tu comprou aquela primeira câmera, mãe?

Gilda: Foi logo que eu fui pra Santa Maria.

Iliriana: Com treze anos?

Gilda: não, eu já tinha uns quinze, dezesseis. Não, peraí. Ah tá, eu comprei a minha primeira câmera quando eu fui morar sozinha. Quando eu fui buscar a Tia Elenita pra ir morar comigo.

Iliriana: A tia Elenita, o Tio Osmar, a Ba e a Mana.

Gilda: Lá naquela casa da Domingos de Almeida, foi eu que tirava aquelas fotos do Ricardo.

Iliriana: Então é 79...

Gilda: Ai eu amava tirar foto saindo da praia [mar], correndo. Achava a coisa mais linda.

O depoimento de Gilda povoa nosso imaginário com uma imagem não pensada: a de mulheres negras que lá nos anos 1980 fotografam e tinham prazer com essa produção de imagens. É bastante sintomático que a primeira coisa que ela comprou com o primeiro salário tenha sido uma câmera fotográfica. E mais de uma. Gilda é o exemplo de alguém que investiu financeiramente, através da compra de câmeras fotográficas, rolos de filme e revelação, na fotografia e na produção de imagens de si e de sua família. Além disso, ela investiu, mais recentemente, na análise de sua produção e de seu arquivo através da criação de um caderno de leitura de imagens e da inscrição de suas memórias. Assim, eu acabo descobrindo o poder e a potência de suas palavras escritas.

2.1 As duas irmãs

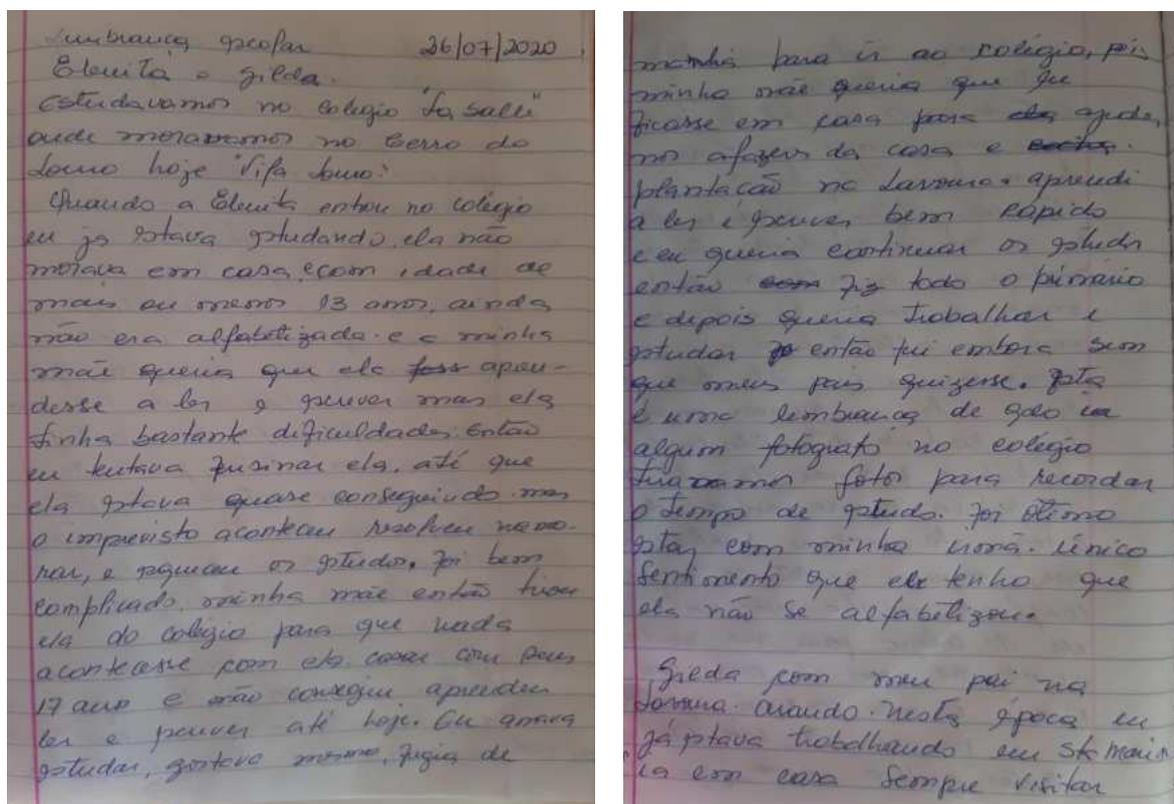


Imagem 24: Fotografia “Lembrança Escolar Gilda e Elenita”. Acervo EFP. Fotógrafo desconhecido. Ano desconhecido

Unidas por uma relação profunda de amor e irmandade, as irmãs Elenita Soares Fontoura e Gilda Soares Fontoura, estudavam juntas no Colégio La Salle, localizado na estrada principal de Cerro do Louro. Minha mãe sempre nos contou que o único calçado que tinha era um tamanco de madeira e quando chovia, enrolava os pés em sacolas plásticas para protegê-los da água, do barro e do frio durante o trajeto a pé até a escola (cerca de 2km e meio). Em “*Lembrança escolar de Gilda e Elenita*”, vemos as duas irmãs na tradicional foto escolar com as crianças próximas aos livros. Como nos descreve Gilda,⁵² no caderno de

⁵² Transcrição da citação-imagem: Lembrança Escolar Elenita e Gilda. Estudávamos no colégio “La Salle” onde morávamos no Cerro do Louro hoje “Vila Louro”. Quando a Elenita entrou no colégio, eu já estava estudando, ela não morava em casa e com idade de mais ou menos treze anos ainda não era alfabetizada. Minha mãe queria que ela aprendesse a ler e escrever, mas ela tinha bastante dificuldades. Então eu tentava ensinar ela, até que ela estava quase conseguindo, mas o imprevisto aconteceu: resolveu namorar e esqueceu os estudos. Foi bem complicado, minha mãe então tirou ela do colégio para que nada acontecesse com ela. Casou com dezessete anos e não conseguiu aprender a ler e escrever até hoje. Eu amava estudar, gostava mesmo, fugia de manhã para ir ao colégio, pois minha mãe queria que eu ficasse em casa para ajudar nos afazeres da casa e da plantação na lavoura. Aprendi a ler e escrever bem rápido, eu queria continuar os estudos, então fiz todo o primário e depois queria trabalhar e estudar então fui embora sem que meus pais quisessem. Esta é uma lembrança de quando ia

leitura de imagens que confeccionou para refletir e escrever sobre as imagens que apresentei a ela:



Imagens 25-26: Caderno de leitura de imagem Gilda Maria Fontoura Rodrigues.

Como vemos, a mais nova, Gilda, está de pé e envolve a irmã mais velha em um suave abraço. Esta relação de proteção da irmã mais nova com a mais velha permanece até hoje. Na fotografia, as duas meninas estão com o cabelo crespo natural e sorrindo. A esquerda da foto, temos a imagem de uma Santa, o que revela que a escola seguia os preceitos da religião católica. Dois pequenos vasos de flores fazem parte da composição da mesa, um próximo à imagem da Santa, um outro um pouco maior, próximo a Gilda. Livros compõem o primeiro plano da fotografia. Pela posição dos ombros, um pouco enrijecidos, talvez a postura corporal de Elenita tenha sido sugestão do fotógrafo, ou de professoras. Como pontuou Gilda em sua leitura da imagem, tempos depois Elenita deixou a escola. Gilda continuaria o caminho pelas estradas de Timbaúva até Cerro do Louro, sem a companhia da irmã.

algun fotógrafo no colégio tirávamos fotos para recordar o tempo de estudo. Foi ótimo estar com minha irmã. Único sentimento que tenho que ela não se alfabetizou.

Num texto bonito, chamado “Educação dos Negros e das Negras”, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva reflete sobre como se idealizou a educação na vida de pessoas negras. Suas palavras reverberam nas trajetórias educacionais da minha família de um modo profundo:

Nós negros gaúchos, nós, negros brasileiros, se se avaliar a profundidade da nossa educação simplesmente pelo tempo que frequentamos escolas, haverá julgamentos apressados que dirão sermos pouco educados. Durante o período escravista e no pós-abolição leis e normas sociais não escritas impediam nosso acesso a escolas. A partir da Lei do Ventre Livre, criaram-se patronatos agrícolas para acolher os meninos negros; orfanatos, as meninas negras. A li, pensava-se preparar trabalhadores e trabalhadoras para as atividades menos valorizadas, tidas como pouco complexas e por elas pagarem-se salários baixos. Tentava-se, assim, criar um lugar de negros na sociedade e no mundo do trabalho. (GONÇALVES *apud* SANTOS, p. 72-73)

A autora continua:

Conscientes desta situação, nossos bisavós, avós, pais e mães rebelaram-se e resistiram. Filhos de analfabetos se alfabetizaram, concluíram o primário, o ginásio, chegaram à faculdade. Filhos das lavadeiras, das cozinheiras, das costureiras, dos foguistas, dos bedéis, dos operários se tornaram professores, médicos, advogados, arquitetos, funcionários públicos de escalão superior. *Eles não vão passar o que eu passei, eles vão estudar*, estas palavras do maquinista Ramão Fernandes, referindo-se aos filhos, ecoaram e ainda ecoam no universo das nossas famílias negras. (GONÇALVES *apud* SANTOS, p.73)

A síntese de Petronilha enquadra a narrativa de Gilda sobre sua trajetória educacional:

Gilda: Eu saí de casa, tinha 13 anos, queria muito estudar. Estudar. Como a Maria de Lourdes, neta de Natália precisava de uma pessoa pra trabalhar com ela e conhecia meu pai, minha mãe, ela foi atrás de mim. Ela pediu pro pai se ele deixava eu ir morar com ela e trabalhar com ela. Aí meu pai foi me perguntar se eu queria ir e eu disse que queria porque ali não tinha mais o ano para estudar. O colégio ia até a 5ª série, acho. Disse que queria ir, já tava com 13 anos. Meu pai me disse: tu vai se tu quiser, tu não é obrigada a ir. Meu pai disse. Meu pai não tinha muita vontade de que eu saísse de casa, ele queria que eu ficasse com a mãe. Mas eu queria, queria estudar e trabalhar, ter meu dinheiro. E aí fui. Mas foi bem complicado, sentia muita falta deles, muita mesmo. E depois cheguei lá, não tinha quarto pra mim sabe? tinha que dormir na cozinha, no chão. E eu não conseguia esquentar os pés. Porque quando tava em casa, desde criança nunca conseguia esquentar meus pés. E aí meu pai pegava um tijolo, esquentava, enrolava num pano e botava nos meus pés pra esquentar. E

quando eu cheguei lá, não tinha isso. Eu botava o ferro, mas não adiantava, era ferro elétrico, esquentava um pouquinho e esfriava. E eu não conseguia dormir, amanhecia acordada com os pés gelados. Não tinha lugar pra mim dormir. Eu chorava, chorava, chorava. Mas não voltei pra casa. Eu chorei muito, nossa! Nunca disse pra minha mãe, nem pro meu pai, senão eles me levavam de volta, então por isso que eu não dizia. Nossa, como eu chorava. Mas aí o tempo foi passando, foi passando, mas na verdade eu saí de lá e nunca tive um quarto pra mim.

Saí de lá quando terminei a primeira série, o primeiro grau. Que na época a gente podia trabalhar no comércio. E era o meu sonho, terminar o primeiro grau e sair do serviço doméstico e ir trabalhar no comércio. Era meu sonho, eu queria. E aí quando eu terminei, já fazia oito anos que trabalhava de doméstica. Pedi pra sair da casa deles. Bah, caiu o mundo sobre mim, porque eles jamais imaginavam que eu fosse sair pra ir trabalhar no comércio. Mas eu saí dali não pra trabalhar em outra casa, saí dali pra um serviço melhor. E aí eu fiz um curso de datilografia no Senac e o dia que eu tava terminando o curso, o seu Didi que era o gerente do mercado da cooperativa do Banco do Brasil tava precisando duma caixa e aí eles disseram que tinha eu lá e que tava procurando um emprego. E aí ele me contratou.

As imagens e a sanha arquivística destas irmãs nos lembra o belo trabalho de doutorado de Alexandre Bispo “Os percursos da memória e da integração social: o arquivo pessoal de Nery e Alice Rezende, mulheres negras em São Paulo (1948 - 1967)”, defendido em 2018, pela Universidade de São Paulo (USP). Naquele trabalho, o autor nos envolve na trama da reconstituição dos arquivos documentais destas duas irmãs, em especial, de seu acervo fotográfico fortemente ligado ao mundo das artes cênicas, já que ambas fizeram parte de uma das primeiras companhias negras de teatro do Brasil. Seu trabalho nos avisa sobre a potência e nos alerta sobre a existência de diversos arquivos pessoais de pessoas negras que talvez estejam escondidos em roupeiros ou perdidos em feiras de pulgas, como nos revela o trabalho da cineasta Safira Moreira, no filme *Travessia* (2015) e na série *Olhares Negros* (2021) da qual participamos com uma leitura de imagem.⁵³

⁵³ Criada e idealizada por Safira Moreira, a série *Olhares Negros* é um exercício conjunto de direção entre a cineasta e uma pessoa que encaminha uma imagem e um áudio narrando a experiência visual daquela fotografia. Criada para o Instagram, participamos no episódio número cinco, que destaca as memórias de um álbum de apresentação de Ricardo Antenor Fontoura Paulo, filho de Elenita, em 1979.



Imagem 27: Gilda Maria Fontoura Rodrigues, em seu primeiro emprego depois de oito anos como doméstica no mercado da Cooperativa do Banco do Brasil. A máquina que capturou a fotografia, nós sabemos, é dela. Acervo GFP. Local: Santa Maria.

As trajetórias educacionais de Elenita e Gilda, a classe social, o gênero e a cor das duas, fariam delas improváveis colecionistas e mantenedoras de arquivos num país em que grande parte das coleções de arquivos privados e públicos pertencem e são nomeados por homens brancos. Elas revelam estratégias de auto-inscrição visual (DAMACENO, 2019) e, de guarda, vistos como próprios de outra classe e de pessoas brancas. O que reforça a ideia de que as pessoas negras estariam fora dos domínios de práticas de produção e guarda de artefatos culturais que surgem com a modernidade, como a fotografia e o cinema (DAMACENO, 2019).

CAPÍTULO 3 | Diálogos dos tempos: uma câmera, um território-expandido, muitos encontros

Neste capítulo pretendo apresentar uma proposta curatorial de uma exposição fotográfica oriunda dos acervos de Gilda Fontoura Rodrigues e Elenita Fontoura Paulo. Desde o princípio, a tentativa de buscar uma ordem cronológica para as imagens (que foi viável algumas vezes, seja devido às roupas, à provável idade de adultos e crianças, entre outras possibilidades), deu lugar a um exercício constante de associação entre elas. Assim, ao longo das próximas páginas, dialogamos com imagens em tempos e espaços diferentes mas que apresentam similitudes, em que as personagens e histórias ampliam-se para uma temporalidade outra, existente no diálogo dos tempos (MATOS e RIOS, 2005). Dentre os critérios de escolha nos acervos, tem-se a relação com o território, questão central da escrita, como se vê nas quatro primeiras imagens que colocam em perspectiva a terra, o trabalho, o campesinato negro gaúcho e a permanência dos ritos campeiros entre as gerações, passadas e vividas não só entre os homens, mas também entre as mulheres, suas curiosidades e vontades de aprender os ofícios, ensinados por vô Antenor sem distinção de gênero.

Enquanto que as imagens deste primeiro núcleo parecem vir de fotógrafos de fora do contexto familiar Soares Fontoura, no segundo e terceiro, uma das possibilidades de fio condutor das narrativas foi a inserção das câmeras fotográficas na família, o que possibilita um maior número de imagens de si, sobre si e para si. As crianças são mais retratadas, os encontros dos primos, o aniversário de 15 anos de Tia Ivone, as visitas dos netos aos avôs e avós, como é o caso de Elenita e Francisca e das crianças e noras no terreno de Geni e Antenor. O acesso à câmera pela família se deu através de Gilda, como descrevemos anteriormente.

E, por fim, nessa possibilidade de curadoria trazemos as séries. É interessante encontrar séries de fotos nos acervos das irmãs e sequências que se complementam entre os acervos. São retratos de Gilda em estúdio, segundo ela, presentes para seus irmãos e sua mãe, fotos das crianças em aniversários, fotos de batizados, primeira comunhão e, principalmente:

fotos de casamento. As fotos de casamento encontradas nestes acervos são incríveis e são muitas. O escolhido aqui trás a celebração de noivado de João Alberto Soares Fontoura e Nair Fontoura, nos anos 1970. Tiradas em Santa Maria, as imagens parecem inseridas no contexto rural também, quase uma extensão, uma expansão. Ali temos um dia de celebração de uma união e também a partilha do alimento, das bebidas, os olhares das crianças, os sorrisos, as garrafas de cerveja na mesa. Trago essas imagens, principalmente, por um esforço de mostrar o cotidiano, a vida acontecendo, as celebrações sendo realizadas. Durante a pandemia conversei muito com Maurício Alves Fontoura, filho do casal. A ideia era que eu fosse em suacasa para que juntos conversarmos sobre estas e outras imagens que trocamos pelo celular na pandemia. Até agora o encontro não foi possível, mas há de existir. O exercício de tentar imaginar um tempo possível para a disposição das fotos criou um universo subjetivo de análise através das poses, dos trejeitos, das risadas, do momento sério em uma das fotos, do abraço partilhado ao final, talvez para celebrar a união, da aliança colocada na mão de Nairpor vó Geni. Universo esse que ressoa em trabalhos de artistas como Safira Moreira, Tila Chitunda, Rosana Paulino, Yasmin Thayná, Eustáquio Neves e Walter Firmo, além das experiências pedagógicas com imagens do projeto memórias Afetivas da Memória Fluminense, realizados pelo nosso Afrovisualidades, nosso grupo de pesquisas.

Imagens-terra

As quatro imagens abaixo, tiradas em momentos distintos, revelam semelhanças entre a geração pai e a geração de filhos. Quem é Antenor? Quem é Nilton? Quem é Eládio? E mais uma vez Gilda, agora maior, já adolescente, acompanhando o pai na lida campeira.

Ainda à respeito da relação da família com a lida do campo e os cavalos, Tia Elenita descreve:

Elenita: [o pai] aprendeu com o pai dele, o pai dele era tropeiro. Desde novo, aprendeu a domar. Outro que ia dar campeiro se ficasse aqui era o Mário. Agora não tem mais campereada, levar o gado, trazer os gado. Mas se tivesse campeireada outro que ia ser campeiro era o Mário. Levar o gado, trazer os gado. Quando ele tava aqui ele gostava disso aí, ele trabalhava no campo né. O Eládio ia dar pra ser domador, ele gostava de mexer com os cavalos, ele já meio ajudava o pai, o pai já andava ensinando ele. Mas aí foi pra cidade, casou. Ele gostava de domar, ele era bem metido. Se tivesse continuado...é que não

continuou. É que começaram a carregar de caminhão e não tinha mais tropeiro, os tropeiro véio já tavam morrendo e esses novo não quiseram mais nada. Aí terminou. O pai foi um dos últimos. O pai e seu Horácio. Ele domava com o pai, ele o João Pedro, eram tudo das tropa. Tinha um lá do Verde também que morreu agora a pouco, que também gostava dessas coisa...esses que são os mais velhos. [...] Aqui fora não tem campeiro mais, terminou tudo. Agora é só trator e carro e agora eles trazem o gado pra mangueira de moto. Dois três andam a cavalo, mas é muito difícil. Esses homem nem bombacha usam, agora é só calça. Mudou tudo.⁵⁴

Sobre o trabalho de seu pai, Tia Ivone conta: *o pai trabalhava com quatro junta de boi. Era sempre quatro junta de boi. Que o pai trabalhava. E ele sabia direitinho o nome dos boi, e os boi obedeciam ele. Ele só só falava...Mimoso....como é que era? Tinha um que era Camboim...era uns nome estranho. Esse matinho é onde? é o Jacaré?*

Iliriana: Tia, posso estar equivocada, mas parece a rua ali, quando chega aqui. E aqui é ele com a mãe, no mesmo dia. E quando a senhora começou a se interessar a ir com ele para o campo?

Tia Ivone: *Ai eu amava andar a cavalo. Era a minha paixão andar a cavalo. E sempre metida, a mãe não gostava que eu não botava vestido, só andava de calça curta, ou comprida e uma camisa. Eu queria fazer as coisas de guri. A mãe tinha essa implicância comigo que eu não gostava muito da lida da casa, gostava de ir pro campo com o pai. E pescando, pelos açude....e daí eu sabia andar a cavalo bem. Às vezes eu ia buscar o gado com o pai, às vezes eu ia no campo.*

Iliriana: E a senhora aprendeu a andar a cavalo sozinha ou foi ele que lhe ensinou?

Ivone: *todos nós ele botava no cavalo. Quando ele chegava, nós começava “o pai chegou, vamos andar a cavalo!” Aí ele “tá, vem só um pouquinho”. Aí ele botava um, puxava na frente, ele não dava a rédea pra gente ele ia puxando junto sabe? Ele dava uma volta com nós, aí cada um dava uma volta. E aí a gente foi aprendendo mas o Mário, o Mário é tropeiro, é laçador, laça muito bem mas o Mário custou para andar a cavalo, o pai botava ele assim, quando ele via ele caía do outro lado! Depois que ele se firmou ele foi pra lida com o pai. Ele não dava a rédea porque ele tinha medo que o cavalo saísse, mas o pai só nos*

⁵⁴ Conversa da autora com Elenita Fontoura Paulo em julho de 2021.

colocava nos cavalos mansos. Ele era muito cuidadoso nessa parte, jamais ele nos colocava nos cavalo cabortero que era com ele falava. Cabortero é os cavalo que ficam se empinando e pulando, que a gente diz. Quando o pai ia domar tinha uns cavalo que eram muito brabo, que não gostavam de criança. Aí ele sempre amansava um pra nós andar. Sempre tinha um cavalo que era só pra nós andar, que era mansinho. A gente tinha uma pitiça, a Zâina. Elaera muito assim....mas quando ela empacava! Tu não tirava ela do lugar. Quando ela não queria ir num lugar ela empacava e ela não ia! Só queria vir pra casa! Ela já sabia o rumo e se tu brigasse ela ficava empacada. Aí nós tinha que ir embora, porque ela não queria ir!

Iliriana: A mãe falou dessa pitiça, que ela subia no monte de cupim pra montar e às vezes ela ficava parada e não tinha jeito

Ivone: Sim, era onde ela queria ir. E nós...tá, não adianta. E ela muito querida, a gente gostava muito dela. E o pai deixou ela pra nós. Ela nunca nos derrubou nem nada, tu pegava ela no campo.

Iliriana: Ela era menor que os outros cavalos

Ivone: Ela era menor, ela não era um pônei, mas ela era bem cheinha e baixinha e era fácil de montar nela. Nem sei que fim deu, nossa infância era assim e aí todo mundo aprendeu a andar assim. Mas ela tinha esse problema: ela empacava.

Iliriana: E a senhora falou que a vó não gostava muito da senhora ir pro campo porque era trabalho de homem. O vô para ele era normal que a senhora fosse pro campo?

Ivone: ele adorava que eu fosse pro campo. “Tua mãe vai ficar braba! Ah, mas eu quero ir! Tá, então vamo!”

Iliriana: e ele lhe ensinou a lida?

Ivone: do campo sim. Eu ia buscar o gado às vezes com ele quando o gado se embrenhava no mato, ou a gente ia lá na sanga funda, lá no fundão. Quando ele queria marcar ou trazer o gado lá pra cima, que mudava de pastagem né?

O pai era tropeiro e domador. Ele cuidava do gado. Às vezes eles vinham trazer gado, porque antigamente não tinha caminhão, o gado vinha pela estrada e os tropeiros trazendo. E às vezes dava vários dias de viagem, eles dormiam ali, levavam carne, ou senão faziam carreteiro, fogo no chão, botava a panela, botavam comida, faziam tudo ali, tinha uma cumbuca. Sabe o que é cumbuca?

Iliriana: Não

Ivone: Antigamente tinha aquelas latas de azeite de alumínio daí tu furava, pendurava dois arames, colocava o café e daí quando o café baixava, eles não tinham coador né? Mas realmente, dá pra ti tomar café. Aí a borra fica embaixo. Era a cumbuca que eles tinha, pra esquentar água, pra fazer chimarrão. Tudo improvisado na estrada. Então às vezes eram vários dias de tropa. Vários dias. [...]

Iliriana: A senhora frequentou a escola lá fora?

Ivone: não. Só aqui [em Santa Maria]. Eu ia de companhia da Gilda, eu ia na escola mas eu ficava sentada só. Eu ia porque a mãe ia pra lavoura e levava todos eles e eu ia ficar sozinha em casa.

Iliriana: nesse tempo não tinha o Tio Mário?

Ivone: Tinha. O Mário ia junto também. E aí a Gilda levava nós. Só que nós não parava, não deixava ela estudar. Aí ela nos levava, a gente ficava do lado dela na sala de aula, mas a gente não parava. Aí chegou um ponto que a gente não foi mais, e era muito longe, a gente ia a pé. Naquele tempo não sei porque a gente achava tão longe. Parecia que a gente caminhava, caminhava[....] Mas a gente ia a pé, a Gilda ia. A Gilda mesmos que ela tivesse que levar nós, a Gilda ia. Às vezes até ela fugia da mãe e apanhava porque era pra ela ficar em casa, fazendo o serviço, porque a mãe ia pra roça.



Imagem 28: Eládio Soares Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido.

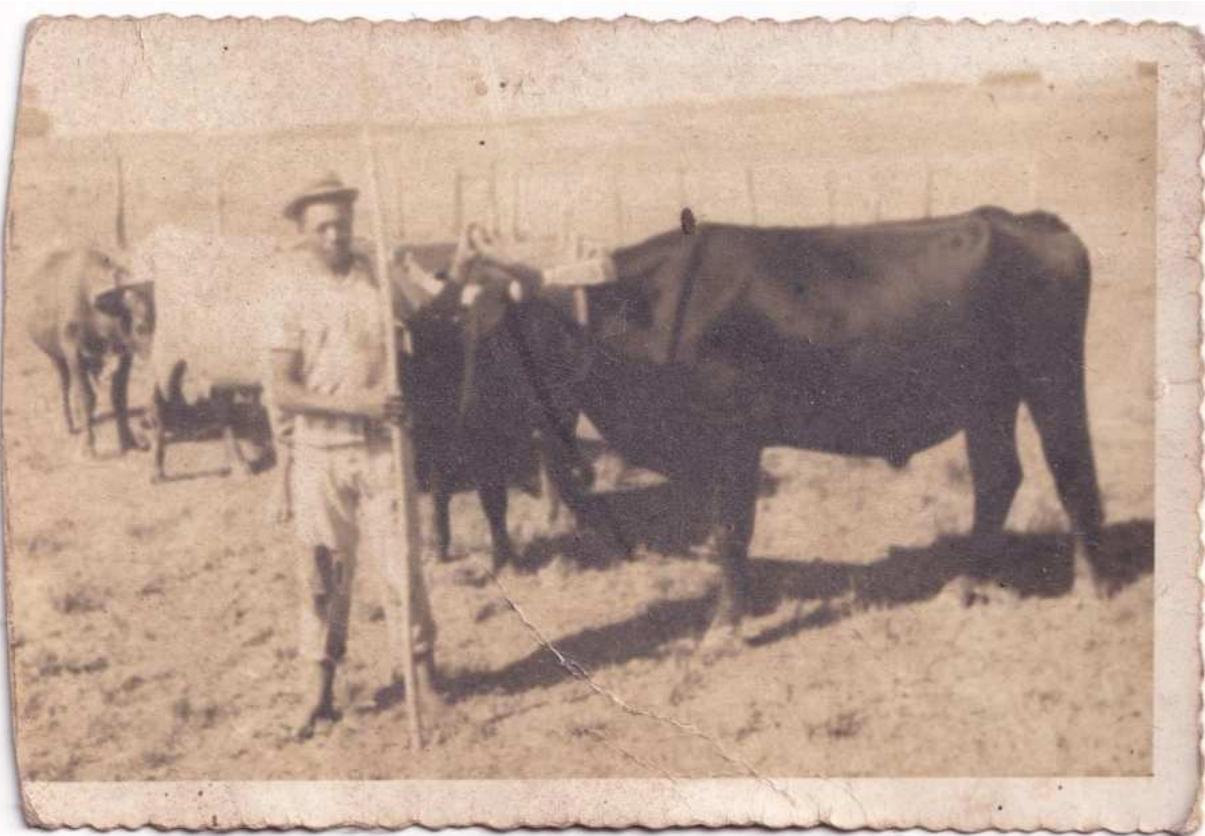


Imagem 29: Nilton de Jesus Soares Fontoura. Ano desconhecido. Local desconhecido.



Imagem 30: Antenor dos Santos Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido. Timbaúva/ RS.



Imagem 31: Gilda Maria Soares Fontoura. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido.

Elenita: Sobre as vestimentas: bombacha e alpargata. Mala de viagem, de ir na venda camperear. Tinha um tecido próprio para a mala. A gente comprava na venda o tecido próprio, listrado. E aí trazia da venda no cavalo e quando iam campear levavam as coisas ali, comida, roupa. Saía de uma estância para outra tinha que levar comida, na mala. Agora não se usa mais a tal de mala nem tem na venda pra vender. Tinha o bocó, que era de levar cachaça. Pegava um couro, costurava, botava uma alça. A gente cangava uma junta de bois na carreta. Tu pega o cabeçalho da carreta. Primeiro tu pega os bois, bota uma canga na cabeça dos dois bois, através. Aí depois tem a broxa, tu alevanta o cabeçalho e ata na canga

e bota a rejeira. A rejeira vem de lá da canga, uma coisa trançada e grossa e com aquela rejeira tu governa os bois pra onde tu quer.

Iliriana: E vcs faziam isso desde pequeno?

Elenita: desde pequeno. Nós pegava boi, eram mansinhos, né? O pai ensinava, o pai tinha muita paciência. A gente sabia encilhar um cavalo, cangar um boi na carreta. Nós fazia isso quando o pai ia fazer alguma coisa. A gente ia lá e fazia. A gente mulher, né? Os guri não, os guri faziam por conta deles. Mas nós a gente ia lá de enxerida. Ele deixava e ali a gente aprendia. Se a gente ver as cordas, ver tudo, a gente lembra como é que era porque a gente era acostumada a fazer. A gente saía, ia na casa dos outros, todo mundo se dava bem. A gente fazia serenata. A tua mãe fazia serenata. Diz que chegavam na casa do outro, sabiam que ele tava de aniversário, deixavam ele dormir, preparavam tudo, ele não soubesse. E iam no chiqueiro, matavam o porco, galinha, vaca e o que tava de aniversário não embrabecia. Quando o outro tinha ido la fazer na casa dele, ele ia na casa do outro e fazia igual. Diz que viviam assim, de serenata. Dançavam.... agora não tem mais.



Imagem 32. Leonarda Fontoura Paulo. Fotógrafa: Gilda Maria Fontoura Rodrigues. Ano desconhecido.



Imagem 33. Leonarda Fontoura Paulo. Fotografia: Gilda Maria Fontoura Rodrigues. Ano desconhecido.



Imagem 34 Primos. Fotografia: Gilda Maria Fontoura Rodrigues. Ano desconhecido.



Imagem 35. Amigas. Fotografia: desconhecido. Ano desconhecido.

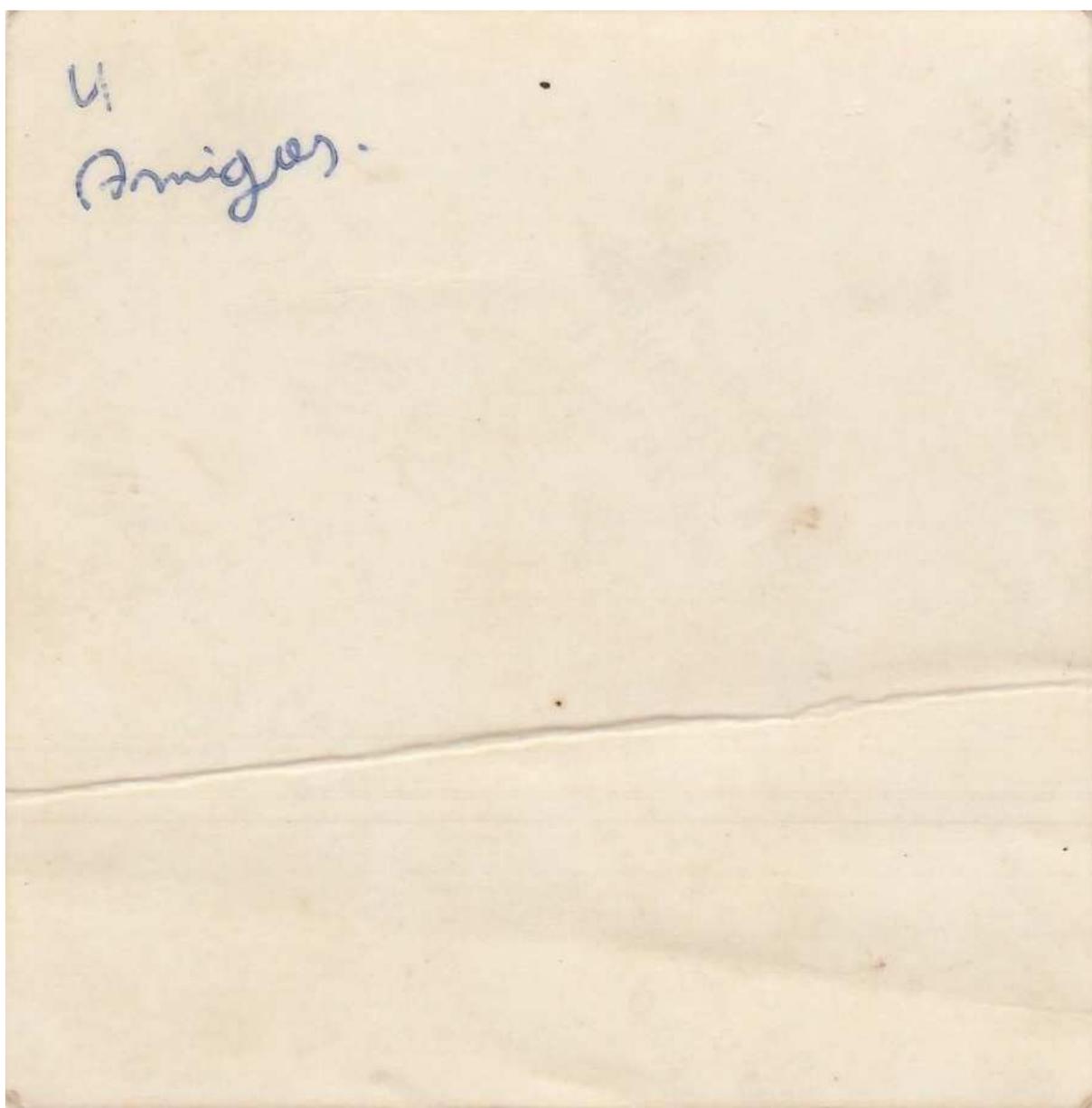


Imagem 36. Amigas. Fotografia: desconhecido. Ano desconhecido.



Imagem 37 Visitas na casa da Família Fontoura: Leonarda, Eva, Zulmi, Elenir, Geneci, Ana, Maria. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido

Leonarda, Eva, Pedra,
Zulmi, Elenir, Geneci, Ana,
Virgínia, Maria.

Imagem 38 Visitas na casa da Família Fontoura: Leonarda, Eva, Zulmi, Elenir, Geneci, Ana, Maria. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido.



Imagem 39 Ivone e visitas à casa da Família Fontoura. Ano: desconhecido. Fotógrafo: desconhecido.



Imagem 40. Leonarda Fontoura Paulo e Eli, filho de Anaurelina Nascimento. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido.



Imagem 41. Nair, de vestido (esposa de João Alberto Fontoura) e seus filhos e parentes na casa da Família Fontoura. Ano: desconhecido. Fotógrafo: desconhecido.



Imagem 42. Elenita Fontoura Paulo e Francisca Gonçalves Ribeiro. Ano desconhecido. Fotógrafo desconhecido.

Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura



Imagem 43. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.



Imagem 44. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.



Imagem 45. Noivado João Alberto Soares



Imagem 46. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.

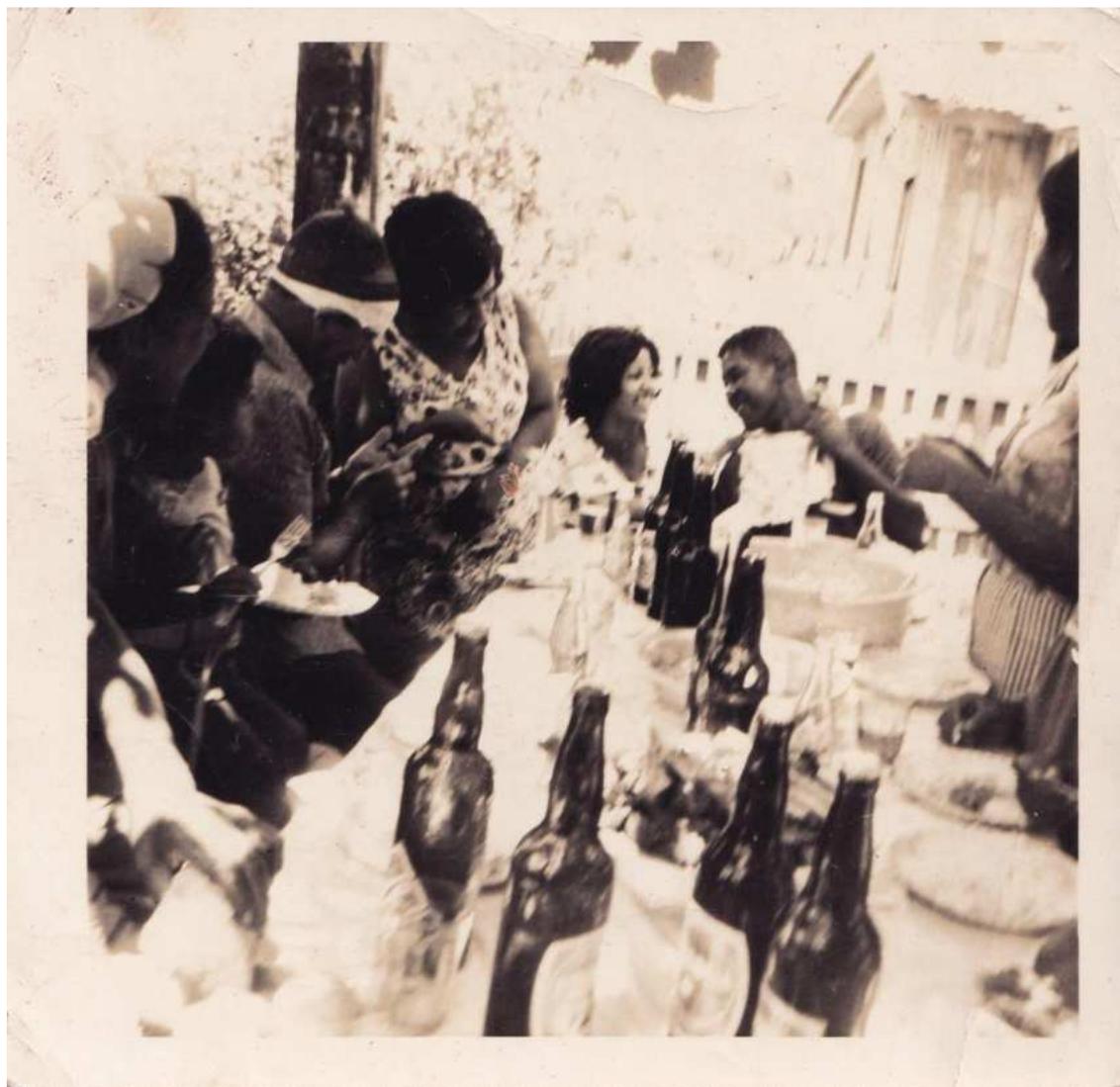


Imagem 46. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.



Imagem 47. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.



Imagem 48. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.



Imagem 49. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.



Imagem 50 Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura.



Imagem 51. Noivado João Alberto Soares Fontoura e Nair Alves Fontoura

Conclusões Iniciais

Você precisa apenas cumprir e respeitar as orientações. Se eles estão falando, cumpra. Eles sabem o que estão fazendo. Quando a gente começa uma coisa, a gente termina, não tem mais volta. Por que você corta as suas coisas com a espada? Pare com isso! Não, não, não! Você não sabe de todas as histórias, de todas as vivências, de todas as vidas. Não é sobre justiça esse trabalho, isso não existe. As coisas não são assim. Você é apenas uma contadora de histórias, de memórias. Acredite no que virá, acredite nas futuras gerações da sua família é para isso que você veio. Essa escrita é um presente para a sua vida. Nós somos meio e não fim, somos continuidade, caminhada, trajetória. Você não pode e não deve levar todo mundo com você, não tem como, são problemas demais, você precisa atravessar e seguir. Foi por isso que te deixaram sozinha, você precisava aprender. Mas é porque a caminhada é sua! São questões profundas, são traumas profundos, dores profundas que passam de uma pra outra casa de vocês. Você acessou a caixa de pandora. E você só vai defender esse trabalho porque reconheceu os seus erros, reconheceu que ultrapassou limites com seus pais e suas mães. Cada pessoa tem o seu tempo para as perguntas que você fez, você acessou camadas profundas de cada um e eles também sentiram. Quando esta etapa acabar peça desculpas e escreva o nome de quem você acessou em nove missas. Eles também estão esperando essa escrita, você os chamou! Conversou com eles! Às vezes você bate direto com a sua ancestralidade, mas você está desenvolvendo esta ciência e não tem mais volta, já está, você já sabe. Diga a eles que você dedicou a sua vida e alma a este trabalho, peça perdão se ele não saiu como imaginava e peça um momento de descanso para terminar essa etapa. Ela é o início, você vai seguir com essas imagens. Esta foi a escrita possível agora, neste contexto, mas nem tudo deve ser dito, ou escrito. A sua menina não te disse que era pra soprar com força que o seu coração aguentava? Pois então sopra. Você não acha que se a gente quisesse a gente não tinha queimado tudo? Pois é, naquele dia a vela caiu em cima de uma foto e a foto não queimou. Você retornou ao quarto para continuar a escrever, a vela estava apagada em cima da foto. Foi isso, não foi? Preste atenção! Você se esqueceu de que caiu em buraco e machucou o joelho no dia que descobriu qual era a família que escravizava a sua? Tem coisa que a gente tem que esquecer. Isso, literalmente, te impediu de caminhar e você teve que

parar. Tinha que refletir sobre os caminhos, sobre e para quem essas histórias estão sendo contadas. Não era necessário e nunca foi necessário ir à casa deles. Ela está lá, as famílias são as mesmas e isso é de muito tempo. Por que você queria ir até lá? O que você ia perguntar? As nossas histórias não são essas são as que estão na nossa casa, não é sobre eles. No primeiro dia que você chegou na casa de sua tia, você sonhou com seu avô, ele anda com você. Ele te avisou e agora você, finalmente, entendeu o olhar dele e as palavras embaixo da terra. São muitas as palavras embaixo daquelas terras, é impossível acessar a todas, você viu! Entenda o tempo das coisas, não é o tempo dos humanos na terra. Vocês precisam aprender e parar com essas repetições! Você vai ter que mudar o nome dessa dissertação. Foi o que recomendaram. Ele é muito grande, reduza, é só relatar as memórias. Ela tá dizendo que se você quiser fazer uma homenagem, não precisa colocar o nome dela no título, coloque no texto.

Isso foi o que ouvi de maneira firme e direta da senhora que me benzia. E ela continuou: *reveja o que você escreveu sobre todas essas pessoas, revise cada palavra do seu texto, ele tem muita responsabilidade, são muitas pessoas, honre a trajetória delas.*

Queira aceitar a lembrança de tua irmã Geni era o nome desta dissertação até duas ou três semanas atrás (outubro, 2021). O trabalho, até o momento, não tinha grande parte das imagens que ganhou nesta versão, eram muitas, muitas outras. Eram fotografias tão bonitas e tão importantes quanto, mas com uma diferença: a maioria das pessoas que estavam naquelas imagens eram pessoas que já tinham feito a passagem. Uma imagem, em especial, impactante e de igual importância em termos geracionais para a Família Soares era a imagem do casamento de Tia Naura, com seu esposo, já falecido, Franklin. Ali, numa fotografia que nomeei de *Camadas de Tempo*, dado os tons de cinza da imagem já afetada pelo tempo (data do ano de 1952), as pessoas e silhuetas que conseguimos ver ou não na foto, estão três gerações da Família Soares. No fundo da imagem, vemos um pouco do telhado e da casinha de Santa Fé, de bisavó Francisca e na frente da casa, estão as crianças em primeiro plano, abaixadas, os noivos e seus pais sentados em um banco, e os convidados ao redor, seus rostos, sorrisos, corpos, roupas, jeitos. Vemos a geração mãe, filhos e filhas e netos e netas. Em termos de importância para o trabalho, cujo teor geracional permeou toda a pesquisa, era uma fotografia de grande importância. Inclusive é uma fotografia digna de grandes interpretações. Fiz inúmeras leituras de imagem com meus mais velhos e mais velhas sobre essa fotografia a fim de descobrir o nome dos parentes, das crianças, das pessoas. *Olha eu ali? Esse aqui é*

fulano! Olha, a vó de luto! Este “Olha” que nos remete ao “Olha, um negro!”, do *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon (1953). Se em Fanon, este olhar indica uma objetificação edesumanização da pessoa negra, “Olha eu” e Olha, a vó” requerem justamente o contrário: humanização e bons afetos. Assim como procurei fazer com algumas (antes eram maioria), das fotos que aqui estão, por isso a conceito-metodologia de escrevivência de Conceição Evaristo é tão importante – tenho consciência de que não desenvolvi o conceito de escrevivência da forma como gostaria, com o devido aprofundamento que ele merece, talvez seja porque é um conceito vivo e internalizado. Também me sinto e nos vejo como Maria Nova de *Becos da Memória*.

Mas há uma hora que é preciso ouvir e compactuar com o silêncio, pois há coisa que não se diz, coisa que não se revela, segredo feito para ficar guardado. É bastante paradoxal que aquilo que foi feito para ser visto, como uma fotografia, e pela qual lutamos tanto, como a visibilidade e a maior representatividade de pessoas negras, de repente, reivindique se tornar um segredo. Simmel (1999), através da análise do que deve ser ocultado e revelado (e gostaria de usar o duplo sentido desta palavra neste texto), fala do segredo como uma espécie de proteção e como ampliação da intensidade da vida. Um outro conceito analisado por Simmel também nos parece importante: o de confiança. Embora tenham confiado suas imagens amim, parte dos meus, que entendem mais da vida do que eu, sabem que talvez não se deve confiá-las a outros. Se para boa parte das pessoas a reprodução de sua imagem trata-se de memória, só agora entendo que, para uma parcela da população negra, as imagens de família evocam mais do que a memória, o sagrado. A família e os seus ancestrais como sagrados. E, neste sentido, percebo apenas tardiamente uma noção pouco explorada no campo dos estudos sobre a fotografia: a sua conversão em segredo e sagrado. E, neste sentido, não estou falando sobre fotografias do sagrado, mas do próprio dispositivo fotográfico como aquele que materializa imagens da ancestralidade que não tem como função serem vistas e replicadas, mas afetivo-protetivas.

E, desta forma, acolhi o chamado dos meus mais velhos, na verdade a convocação, uma chamada grande à responsabilidade das palavras escritas. O último período de campo desta dissertação foi extremamente difícil. Foi um campo em contexto de pandemia, minado por ausências, por presenças distorcidas dentro da casa ancestral, por inúmeros desencontros. Nós não estávamos bem, ninguém estava (está?). Nós fomos impedidos de fazer os nossos rituais,

de comemorar aniversários, de fazer festas, de abraçar. Então como poderia chegar com as fotografias, que evocam memórias profundas e fazer perguntas sobre elas num contexto em que estávamos todos tão necessitados de uma pausa, para sobreviver? O último campo me fez refletir (e ainda o faz) sobre o que é ser uma pesquisadora que escreve sobre o seu próprio núcleo familiar e a responsabilidade que há nisso. Desta forma, fui convocada a mudar, a rever com atenção, e assim, o texto R E S P I R O U. E eu, agora ao olhar para ele, R E S P I R E I. Fomos presenteados por uma brisa mais leve. A sensação provocada depois de tirar as imagens anteriores era essa. Respiro, ar, circulação, ventilação entre as palavras. O nome da dissertação já estava nela, só foi preciso um olhar mais lúcido, arejado. E assim, tomei consciência do pedido. Tomei consciência de que nem todos querem aparecer com as suas imagens e que nem todas as imagens de acervos privados são públicas. Porque será que essas três mulheres negras guardam suas imagens em roupeiros?! Óbvio não? Uma sabedoria ancestral. Pessoas negras têm o direito de escolher como, quando e onde querem aparecer, vir a ser, tornar a ser. O que estamos fazendo com as imagens que compartilhamos de nós? O que fazemos quando acessamos essas memórias, estes olhos que nos olham? Acessar não necessariamente significa divulgar. A maioria das imagens da versão anterior desta dissertação faziam parte de um lindo acervo ao qual tive acesso, mas que ao final não obtive permissão de publicação. E tudo bem porque entendi perfeitamente pela voz de minha mais velha. Ela já sabe o porvir, aquilo que ainda não sei. E nela confio. Ela me ensinou séria e sabiamente, uma única e providencial vez. Ela não cortou com a espada, apontou o caminho para sair da encruzilhada. Até esse momento me perguntava porque a senhora era a única que não aparecia. Pois bem, a senhora veio. Eu sei que a senhora é do fogo. Mas também é dos ventos. E aqui, fez daquele vento lá do início, ventania. Fez e faz do vendaval, viração.

Entrevistas e Depoimentos

Anaurelina Soares do Nascimento

Elenita Fontoura Paulo

Elenir Fontoura Paulo

Gilda Maria Fontoura Rodrigues

Helena Soares do Nascimento

Jorge Antonio Rodrigues

Joça Soares do Nascimento

Marina Ivone Fontoura Xavier

Leonarda Fontoura Paulo

Maurício Fontoura

Nilton de Jesus Soares Fontoura

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Angela. *Quando a Pele Incendeia a Memória - nasce um fotógrafo no sertão do século XIX*. Natal: EDUFRN, 2019.

AZEVEDO, Priscila Gomes de. *Vida de filho de criação na Zona da Mata de Minas Gerais*. Tese de Doutorado. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, 2017.

BISPO, Alexandre Araújo. *Mapas Fotográficos: memória familiar, sociabilidade e transformações urbanas em São Paulo (1920 - 1960)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. 2012.

BISPO, Alexandre Araújo. *Os percursos da memória e da integração social: o arquivo pessoal de Nery e Alice Rezende, mulheres negras em São Paulo (1948 - 1967)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 2018.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Literatura Negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1996.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da Recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

hooks, bell. *Olhares Negros: Raça e Representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

FERRAZ, Eucanaã (org.). *Chichico Alkmim: fotógrafo*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan/jun). 1988b. p.69-82.

MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2017.

MAUAD, Ana Maria. *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.13. n.1. p. 133-174. jan/jun. 2005.

MCFADDEN, Syreeta. *Teaching the camera to see my skin*. 2014. Site: <https://www.buzzfeednews.com/article/syreeta/mcfadden/teaching-the-camera-to-see-my-skin>

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: *Eu Sou Atlântica*. RATTTS, Alex.

NUNES, Georgina Helena Lima. “Ser mulher, sul mulher: “a gente tem que sempre fazer vento!””. In: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes (org.). *O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala. 2014.

POSSATTI, Daniele Marzari. *O Território e o Corpo: Cura, Mediações e Circulações na comunidade quilombola da Timbaúva, Formigueiro/RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

OLIVEIRA, Eduardo. “Apresentação”. In: MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite*, 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2017.

OLIVEIRA, Fernanda; PEREIRA, Priscila Nunes. *Pensamento de Mulheres Negras ao Sul do Sul: das lutas coletivas por cidadania à narrativa da existência por meio da educação*. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 453-477, maio/ago. 2019.

RIBEIRO, Sidarta. *O Oráculo da Noite: A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROTH, Lorna. “Questão de Pele”. In: *Revista Zum*, nº10. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2016. Site: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/questao-de-pele/>

ROTH, Lorna. *Looking at Shirley, the Ultimate Norm: Colour Balance, Image Technologies and Cognitive Equity*. In: Canadian Journal of Communication, vol. 34, 2009.p. 111-136.

RUBERT, Rosane Aparecida. *A Construção da Territorialidade: um estudo sobre comunidades negras rurais da região central do RS*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

SANTOS, Irene (org.). *Negro em Preto e Branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre*. Porto Alegre: Do Autor: 2005.

SILVEIRA, Maria Helena Vargas da. *Negrada*. Porto Alegre: Grupo Editorial Rainha Ginga, 1995.

SILVEIRA, Oliveira; AUGUSTO, Ronald (org.). *Oliveira Silveira: obra reunida*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2012.

SOARES, Edimara Gonçalves. *Educação Escolar Quilombola: Quando a política pública diferenciada é indiferente*. Tese de Doutorado: Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. 2012.

VELASCO, Suzana. “Sob a luz tropical: racismo e padrões de cor da indústria fotográfica no Brasil”. In: *Revista Zum*, nº10. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2016.



Esta dissertação foi desenvolvida em contexto histórico de
pandemia covid-19.